

ATOS DO XXIII CAPÍTULO GERAL

Alargai o olhar

*Com os jovens,
missionárias de esperança e de alegria*



ATOS DO XXIII CAPÍTULO GERAL

Alargai o olhar

*Com os jovens,
missionárias de esperança e de alegria*

Roma, 22 de setembro -15 de novembro de 2014



Instituto Filhas de Maria Auxiliadora – Roma

© 2015 by
Instituto Filhas de Maria Auxiliadora

Diagramação:	Helkton Gomes
Tradução:	Ir. Joanna d'Arc Fontes Inspetoria Madre Mazzarello - BH Belo Horizonte - MG - Brasil
Revisão:	Zeneida Cereja da Silva
Impressão/Acabamento:	Gráfica e Editora São Judas Tadeu Ltda. (61) 3552-1440 - grafjudas@brturbo.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

ATOS DO XXIII CAPÍTULO GERAL DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA: ALARGAI O OLHAR. - - Instituto Santa Teresa, 2015.

208 p.: s/il. ; 21 cm.

1. Filhas de Maria Auxiliadora
2. Espiritualidade Salesiana
3. Educação Salesiana

I. Título

CDI 271.789

Todos os direitos reservados - É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Roma, Instituto FMA, 2014
Impressão: abril de 2015

Apresentação

Queridas Irmãs,

com alegria apresento-lhes os Atos do XXIII Capítulo Geral, eco de uma experiência que vivemos como um evento de graça, e que continua agora, com novo dinamismo carismático em todas as nossas comunidades. Agradeço a sua ativa participação, tanto na fase de preparação quanto na realização do Capítulo.

Estivemos unidas e sintonizadas, não só graças à tecnologia, mas em virtude do forte senso de pertença à nossa grande Família. Procuramos construir uma “casa” aberta para o mundo e, com os jovens e os leigos que compartilham o carisma salesiano, criamos uma vasta rede de comunhão e de colaboração. *Insieme* é mais bonito e eficaz levar ao mundo a mensagem de esperança que nasce do Evangelho de Jesus.

Durante todo o Capítulo, procuramos permanecer dóceis ao Espírito Santo, para que toda escolha e decisão fossem tomadas à luz dele. O tempo do discernimento específico, nos dias das eleições, foi acompanhado com sabedoria e discrição pelo Padre Claretiano José Cristo Rey García Paredes.

Entrego a vocês o texto dos Atos do XXIII Capítulo Geral na solenidade de Maria Imaculada e num tempo denso de eventos, entre os quais o Ano da vida consagrada e o bicentenário de nascimento de Dom Bosco. Neste documento, vocês encontrarão a ressonância de muitas reflexões e partilhas feitas em Assembleia, nas Comissões e nos diálogos fraternos informais, sempre enriquecedores.

O texto foi construído *insieme* dia após dia, amadurecido no discernimento, na oração, no confronto, às vezes difícil, nos quais os jovens estiveram sempre presentes. Eles são a “Terra santa” onde encontramos o Senhor: com Ele realizamos o seu sonho sobre o Instituto.

O título do documento: *Alargai o olhar. Com os jovens missionárias de esperança e de alegria* exprime o empenho de dar à nossa vida e às nossas comunidades educativas amplos horizontes, cultivando com maior paixão o *da mihi animas cetera tolle*.

Com isso, entendemos expressar o tonificante respiro missionário que caracterizava a missão de Dom Bosco e de Madre Mazzarello e que pode vivificar também as nossas comunidades.

No título, sentimos ressoar a palavra do Papa Francisco que, na inesquecível Audiência de 8 de novembro, concedida às Capitulares, repetiu enfaticamente duas vezes: “Alargai o olhar, alargai o olhar!”.

O ícone evangélico dos discípulos de Emaús nos acompanhou ao longo de todo o percurso capitular. Como eles, nós também procuramos dilatar o olhar e o coração à esperança, deixando-nos transformar pelo encontro com Jesus e reavivando a alegria de anunciar o Evangelho *insieme* com os jovens. Eles são protagonistas conosco numa Igreja em “saída missionária”, que nos interpela à *conversão pastoral*.

Uma Igreja que faz de seu compromisso missionário um motivo concreto de sua fidelidade a Cristo é o grande horizonte para o qual alargar o olhar, a fim de dar à nossa vida de educadoras consagradas aquele dinamismo de profundidade e de radicalidade que a torna profética no mundo de hoje.

Nesse sentido, a Assembleia capitular entendeu desenvolver o tema do *ser hoje, com os jovens, casa que evangeliza*. Uma casa construída sobre a rocha sólida que é Cristo, habitada pelo sopro do Espírito, deve ser uma casa aberta, solidária e missionária. O Espírito impele a sair, torna verdadeiros discípulos de Jesus nas estradas do mundo, convida à comunhão e produz fecundidade.

O texto que lhes entrego se articula em três partes: *a primeira* apresenta o documento capitular; *a segunda*, as decisões assumidas pela Assembleia e as modificações nos artigos das Constituições e dos Regulamentos; *a terceira* contém as mensagens e os discursos pronunciados por ocasião da abertura e do encerramento do Capítulo. Além disso, vocês

encontrarão o discurso que o Papa Francisco nos dirigiu na inesquecível Audiência de 8 de novembro de 2014.

A parte dedicada aos conteúdos do documento capitular se divide em cinco pontos, iluminados pelo texto bíblico dos discípulos de Emaús.

O primeiro, de caráter narrativo, é a partilha da rica experiência vivida *insieme*.

Os quatro capítulos seguintes apresentam, em síntese, a reflexão capitular articulada segundo a dinâmica metodológica que orientou a Assembleia do XXIII CG: os *desafios* como apelos de Deus; o apelo à *mudança de mentalidade*; as *opções* que permitem viver, no hoje, a conversão pastoral.

As opções são declinadas em *linhas de ação* e em *gestos concretos* com os quais se entende exprimir o compromisso de apresentar ao mundo sinais proféticos.

Quisemos dar um amplo espaço à mensagem que os jovens e os leigos nos passaram durante o Capítulo, nos dias de reflexão vividos juntos. As palavras deles foram para nós o eco de um chamado de Deus a reencontrar a alegria da nossa vocação e a vivê-la junto com eles, num mundo marcado por desafios e novos germes de novidade evangélica. Por isso, no texto dos Atos quisemos evidenciá-las também graficamente.

Estou consciente de que o Capítulo produzirá fruto na medida em que for vivido nas comunidades locais, onde o carisma se desenvolve, entra na história e fermenta a vida e as ações cotidianas.

Fazemos votos de que cada realidade local e inspetorial saiba acolher os “frutos” do Capítulo e, com nova sabedoria e criatividade, se empenhe para construir junto com os jovens, *casas* que evangelizam, espaços de Evangelho onde Jesus ocupa o centro, onde a Palavra e o Pão transformam a vida e alimentam o compromisso de “sair” rumo às periferias humanas, principalmente as educativas.

A nossa vida será *contagante* e *fecunda* de vocações se soubermos alargar o olhar do coração para perceber a profunda necessidade de Deus

que vem dos jovens e das jovens que encontramos todos os dias no nosso caminho; se estivermos disponíveis a encontrar – junto com eles – respostas evangélicas.

Como eu dizia na conclusão do Capítulo, retomemos Maria em casa, com renovado afeto filial e deixemo-nos guiar por sua presença materna, sempre solícita em procurar aquilo que promove a comunhão, a alegria e a esperança dos pequenos e dos pobres. Toda vez que olhamos para ela, «voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do carinho»(EG228). É essa a energia profética inscrita desde as origens na nossa missão de *evangelizar educando*. No Bicentenário de seu nascimento, Dom Bosco espera encontrar, em nossas comunidades, o clima de Valdocco, onde a *atmosfera de Deus* se harmonize com a *atmosfera da família* e onde se respire um clima de santidade. Esse mesmo *ambiente*, embebido de valores profundamente evangélicos e, por isso, humanizantes, Madre Mazzarello reproduziu com criatividade e intuição feminina em Mornese, lugar simbólico – junto com Valdocco – das origens carismáticas, onde encontramos inspiração para o hoje, em perspectiva de futuro.

Maria nos acompanhe a cada dia deste sexênio e imprima aos nossos passos o ritmo da alegria e da esperança.

Roma, 8 de dezembro de 2014.

Madre Yvonne Reungoat
Superiora Geral



TEMA DO XXIII CAPÍTULO GERAL

**Ser hoje com os jovens
casa que evangeliza**



Primeira parte

DOCUMENTO CAPITULAR

Alargai o olhar

*Com os jovens,
missionárias de esperança e de alegria*

- 1. Como discípulas: a narrativa da experiência**
- 2. À escuta dos apelos de Deus**
- 3. Dispostas a mudanças de mentalidade**
- 4. Tempo de retomar o caminho**
- 5. A coragem de ousar *insieme* gestos proféticos**

*Uma interpretação artística do texto bíblico
dos discípulos de Emaús*





1. COMO DISCÍPULAS: A NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA

A nossa assembleia capitular

1. Provenientes dos cinco continentes, nos pusemos a caminho, como os discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24, 13-31), com o desejo de encontrar luz sobre as nossas experiências de vida e retomar o percurso com um coração inflamado pela presença do Senhor. Cada qual chegou trazendo consigo a própria realidade e questionando-se sobre como falar de Deus, hoje, à humanidade.

Trouxemos no coração e na mente as jovens e os jovens, as FMA do mundo que, com os leigos das comunidades educativas, desenvolvem a sua missão com fé, amam, apesar das limitações e dificuldades, esperam perscrutando confiantes o futuro.

O encontro fez de todas um “nós”, comunidade mundial de 194 FMA, representando os 94 Países nos quais estamos presentes; um “nós” unido por uma experiência de partilha, de busca, de esforço, de escuta e de confronto.

Lugares que nos falam

2. Além de Roma, símbolo da catolicidade da Igreja, os lugares significativos dessa experiência foram Mornese, Turim e Nizza Monferrato, coração e manancial do carisma. Aqui Madre Mazzarello e Dom Bosco nos recordaram que *«a alegria é o sinal de um coração que ama realmente o Senhor»*¹ e que, no caminho cotidiano, nunca devemos perder de vista a grande palavra de ordem: *«Por vós eu estudo, por vós trabalho, por vós vivo, por vós estou disposto até a dar a vida.»*²

¹ *La sapienza della vita. Lettere di Maria Domenica Mazzarello*, Roma, Istituto FMA 2004, Carta 60, 5.

² *Cronaca dall'Oratorio di don Ruffino*, em Arquivo Salesiano Central 110, caderno 5, p. 10 (publicada nas MB VII 585).

O tempo do Retiro espiritual nos permitiu reler a nossa realidade pessoal, comunitária e de Instituto. Dom Thomas Menampampil³ nos deixou algumas palavras-chave: fé, profundidade, intensidade, radicalidade e responsabilidade. Ele nos propôs um olhar de fé sobre a realidade, ajudando-nos a entender que, na transição de pensamento e de busca que estamos vivendo, o nosso Instituto é chamado a dar um contributo sempre mais qualificado à Igreja e à sociedade, mediante a educação dos jovens e a evangelização da cultura.

Lu Monferrato, no centenário da morte de Irmã Angela Vallese (1914-2014), é emblema da paixão missionária sempre cultivada no nosso Instituto.

Em Roma, nos inserimos no coração da Igreja, colocando-nos na escola de diversas testemunhas.

O Capítulo como evento de graça

3. Compreendemos que, para viver o Capítulo como experiência particular, na qual Deus fala a todo o Instituto, era necessário um clima de discernimento. Nesse caminho, sentimos junto de nós a presença de Maria, estrela da nova evangelização. O clima foi favorecido pela escuta da Palavra, pela liturgia, pela reflexão, pelo diálogo entre nós no qual, cada uma e todas juntas, procuramos sempre o bem para o Instituto.

O XXIII CG foi evento de Igreja num tempo em que ressoa insistente o convite a anunciar a alegria do Evangelho. Para nós, isso significa ser mulheres consagradas que se deixam evangelizar por Aquele que somos chamadas a anunciar. Comunidades religiosas que, no encontro com Jesus, se deixam transformar e renovar, fazendo-se dom para toda a comunidade eclesial.

O Capítulo foi também um evento social. O ser educadoras exige de todas nós a consciência e a responsabilidade de tornar o mundo melhor, mais acolhedor, mais na medida do projeto de Deus, no desejo de educar os

³ Arcebispo emérito salesiano de Guwahati (Índia).

jovens para que sejam “felizes no tempo e na eternidade”.⁴

Palavras e gestos

4. *«Abri o coração para acolher as moções interiores da graça de Deus; alargai o olhar; alargai o olhar para reconhecer as necessidades mais autênticas e as urgências de uma sociedade e de uma geração que mudam».*⁵

A palavra e os gestos do Papa Francisco, o encontro com ele, como também o magistério eclesial e a reflexão do Sínodo dos Bispos sobre a família⁶, realizado contemporaneamente ao nosso Capítulo, ressoaram muitas vezes nas nossas reflexões, juntamente com tantas situações do mundo. Com o bem e os germes de justiça, de paz, de solidariedade que se encontram nos diversos Países, constatamos também perseguições por causa da fé, guerras, violências, conflitos, injustiças, novas formas de escravidão, tráfico de pessoas, calamidades naturais, migrações forçadas e todas as formas de pobreza que cada uma vive no próprio contexto. Não nos fechamos à realidade do mundo e às suas contradições; decidimos abraçá-la e amá-la: condição necessária para valorizar suas riquezas e para mudar o que desrespeita a humanidade e a criação.

A palavra e os gestos da Madre nos encorajaram a viver, na docilidade ao Espírito Santo, a responsabilidade de orientar o caminho de todo o Instituto, na fidelidade dinâmica ao carisma.

⁴ Bosco Giovanni, *Lettera alla comunità salesiana dell'Oratorio di Torino- Valdocco*. Roma, 10 maggio 1884, em BRAIDO Pietro [ed.], *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*, Roma, LAS 20053,377. Esta expressão aparece também em diversas cartas escritas individualmente a alguns meninos.

⁵ Papa FRANCISCO, Audiência às Capitulares (8 de novembro de 2014).

⁶ Cf. III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos. *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização* (Roma 5-19 de outubro de 2014).

**As alegrias
e as
dificuldades
do caminho**

5. Aceitamos o convite a olhar a realidade com atitude de esperança, para cultivar o bem que geralmente cresce sem fazer barulho, como Dom Bosco e Madre Mazzarello nos ensinaram. Essa atitude nos ajudou a superar as dificuldades de nos colocarmos à escuta das nossas diferenças, de nos conhecermos, de caminhar juntas.

Foi lindo constatar o amor de todas pelo Instituto, o sentido de pertença, o desejo de comunhão, mesmo nas das diferenças culturais e dos limites pessoais, para “*abraçar o milagre*”: o milagre da unidade na diversidade da nossa Família religiosa, do seu passado rico de graça, da sua beleza manifestada nas fontes carismáticas. Reconhecemos com alegria que essa graça passa também o nosso presente, com suas forças e suas potencialidades, suas fadigas e fraquezas e se projeta com confiança no futuro habitado por Deus.

Vivemos juntas uma intensa experiência de “casa”, conscientes de que a relação com o outro se faz morada, e que a própria estrada se torna casa quando abrimos espaço à criatividade do Espírito.⁷

Estivemos à escuta de realidades feridas e progressivamente curadas, graças a testemunhas que nos contaram de seu amor pelos mais vulneráveis.⁸ A predileção carismática “pelos pequenos e pobres”,⁹ a ser retomada continuamente, nos impele a ser preventivas e concretas em promover os jovens, apostando neles para cooperar na construção de uma sociedade mais humana.

**Com os
jovens e os
leigos
adultos**

6. O encontro com os jovens e com leigos, entre os quais diversos representantes da Família salesiana, tornou mais visível a comunidade educativa no nosso Capítulo geral. Aquilo que eles disseram ressoou como

⁷ Cf. *Instrumento de trabalho do XXIII Capítulo Geral. Essere oggi con i giovani casa che evangelizza*, Roma, Istituto FMA 2014, n. 3 e 58.

⁸ Cf. Relatos sobre o tema do Capítulo durante a Mesa redonda, 3 de outubro 2014.

⁹ Cf. *Constituições e Regulamentos (do Instituto das FMA)*, Roma, Instituto FMA, art. 6. 63.65.

apelo a alargar o olhar sobre as nossas comunidades e a contar com eles para uma missão compartilhada.

O nosso trabalho no Capítulo

7. Como comunidade capitular tínhamos uma tarefa: a partir da *Carta de convocação* do XXIII CG¹⁰ e do *Instrumento de trabalho*, olhar para a realidade do Instituto, do mundo, dos jovens, dos pobres, e buscar juntas, à escuta do Espírito Santo, como *ser com os jovens casa que evangeliza*. O tema foi articulado em cinco núcleos, cada qual introduzido por uma pergunta: Como anunciar Jesus num mundo em mudança, a uma geração que muda? Que nova visão de comunidade¹¹ com os jovens para ser profecia de vida religiosa salesiana, hoje? Como nos situar na cultura da comunicação? Por que, com toda a formação que recebemos, a vida não muda? Estamos apenas restaurando ou fazendo algo de novo?

Na reflexão pessoal e nas Comissões, cada núcleo foi aprofundado com base a três questionamentos: Quais os desafios que emergem deste núcleo para o Instituto, hoje? Qual mudança de mentalidade exige de nós? Quais opções somos chamadas a fazer?

O confronto entusiasmado levou a compartilhar como grande horizonte a *conversão pastoral*, a reconhecer como atitude de fundo a *esperança* e a *alegria* expressas em chave salesiana com a categoria *do encontro*.

O caminho apenas começou

8. A narração dessa experiência continua na vida de cada FMA e de cada comunidade. O Espírito Santo, que nos renova todos os dias, espera apenas que lhe abramos espaço para, no cotidiano, transformar conosco o ordinário em extraordinário. Como fez Maria, solícita na intuição do amor e na ajuda.

¹⁰ Cf. *Em preparação ao XXIII Capítulo Geral*, Circular n. 934, Roma, Instituto FMA 2013.

¹¹ De acordo com outros documentos do Instituto, cada vez que o termo comunidade aparecer no texto sem adjetivos, significa a comunidade educativa.

Todo esse trabalho nos confirmou que o Instituto, partícipe de um carisma vivo e profético, tem uma só palavra original a dizer; aliás, cremos que o mundo espera de nós essa palavra educativa gerada pelo *da mihi animas cetera tolle*. Por isso, vemos os **desafios** (cf. Capítulo 2) como um apelo de Deus e como uma oportunidade de fidelidade. Percebemos o forte apelo a *estar com os jovens*, juntamente com os adultos, para buscar e agir em favor de outros jovens, para que cheguem sempre mais ao encontro vital e humanizante, com Jesus, nas experiências da vida.

Para sermos comunidades novas é necessário provocar, com decisão, **mudanças de mentalidade** (cf. Capítulo 3). Por isso, corajosamente nos dispomos a deixar esquemas consolidados, por vezes um tanto obsoletos, para começar a olhar a missão educativa com olhos novos. E esse olhar novo quer ser aquele que ilumina **opções e passos concretos** (cf. Capítulos 4 e 5).

Um sonho a realizar

9. A finalidade deste texto é comunicar o que foi compartilhado, o “sonho” e o projeto comum para os próximos anos, confiado ao discernimento e às opções do Conselho geral, das Inspetorias e das comunidades locais. Somos chamadas a identificar caminhos concretos para realizar uma presença evangélica educativa, em sintonia com a nossa identidade salesiana e com as expectativas dos jovens. A mudança rápida que marca o nosso tempo nos pede que caminhemos na estrada evangélica, fiéis ao carisma salesiano, ou seja, fiéis aos jovens e prontas a perscrutar continuamente os sinais dos tempos.

Iluminadas e guiadas pela Palavra

10. Na reflexão capitular, como já no período de preparação para o Capítulo,¹² nós nos deixamos iluminar pelo texto dos discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24, 13-31). Também nós, como eles, somos desafiadas pela reali-

¹² Cf. *Instrumento de trabalho*, n. 9-10.

dade que nos circunda, temos dificuldade de decifrá-la na perspectiva da esperança.

O encontro com Jesus abre os olhos, doa um olhar novo. A sua Palavra ilumina, purifica, muda o modo de ver e de avaliar as situações, e os discípulos reconhecem o Senhor, pedem-lhe que fique com eles, deixam que Ele entre na sua vida.

Transformados pelo encontro com Ele, retornam sem demora a Jerusalém, cidade da Páscoa e do Pentecostes, com o desejo de anunciar o Senhor Ressuscitado e de compartilhar a experiência de felicidade total que alargou o olhar e o coração deles.

2. À ESCUTA DOS APELOS DE DEUS



*“E conversavam
entre si sobre tudo aquilo
que havia acontecido”*

(Lc 24,14)

Ao longo do caminho, os discípulos de Emaús encontram um forasteiro que se faz companheiro de caminhada. Sua presença os ajuda a transformar o desânimo em confiança, os desafios em chamados de Deus.

Também para nós, mulheres consagradas, educadoras ao lado dos jovens e em sinergia com todos que estão do lado da vida, o hoje é um evento de graça, um kairós, a ser acolhido na perspectiva da esperança.

JUNTOS COMO COMUNIDADES EDUCATIVAS

**Uma
carta
viva**

11. Com os leigos¹³ vivemos uma *página inédita* no Capítulo geral. Alguns deles, de vários continentes, empenhados nas comunidades educativas e pertencentes a diversos grupos ou associações da Família Salesiana, partilharam sua experiência educativa e expressaram uma ressonância sobre o tema capitular. As palavras deles são como uma carta viva que nos chega no ano bicentenário do nascimento de Dom Bosco e nos faz voltar à origem do carisma salesiano, que uniu consagrados e leigos na única missão. São histórias de vida e apelo apaixonado a unir forças.

¹³ Os leigos representavam as 11 Conferências interinspetoriais; e os jovens, as três Conferências interinspetoriais da Europa.

À escuta dos leigos

Estar com os jovens

12. *Hoje é* a chave para compreender o inadiável compromisso que nos espera na educação dos jovens. Trata-se de viver aceitando que a realidade é o lugar do encontro com Deus, conscientes de que não são os planejamentos que irão nos renovar, mas sim, ver a realidade com o olhar dele.¹⁴

Entre os questionamentos que fazemos, compartilhamos estes: respiramos o mesmo ar que os jovens respiram? Estamos na mesma ‘onda’? Somos credíveis quando entramos em relação com eles? Nesse ‘nós’ incluímos as FMA e nós, educadores de todos os ambientes e de qualquer condição. É fato palpável que é preciso apostar e arriscar mais, que tudo o que se realiza tem como objetivo aumentar a qualidade e não tanto a quantidade. É necessário compreender a realidade em que os jovens vivem, para ajudá-los a adquirir um olhar crítico sobre a cultura atual e sobre o modo como são estimulados por ela. Ajudá-los a cultivar a interioridade, a partir dos valores que eles vivem, sem impô-los de fora, e chegar às periferias juvenis de hoje.

Isso implica sair para a rua e chegar às fronteiras da pobreza, da discriminação religiosa e étnica. Aí encontraremos Deus e o caminho de conversão pastoral. Por isso, somos chamados a nos preparar. Não poderemos reconhecer a sede de Deus nos jovens se nós não a experimentamos primeiro; nem poderemos ser audaciosos em nossas opções educativas, se não nos formamos e cultivamos o nosso espírito.

Só conhecendo o mundo dos jovens, podemos entrar em contato com eles e, pouco a pouco, criar uma relação. Naturalmente, em primeiro lugar é preciso “estar com” e sentir-se feliz de “estar com” sem pressa. Nós podemos ser companheiros de caminho, pontos de referência do amor de Jesus, mas só o encontro pessoal com Ele pode transformar e dar sentido à vida de cada um.

¹⁴ Cf. FRANCISCO, Carta encíclica *Lumen fidei* (29 de junho de 2013) n. 4.

**Ser “casa
em
construção”
neste tempo**

13. “Ser casa” nestes nossos tempos é correr o risco de viver amando sem medida e sem limites de tempo. A nossa principal preocupação seja a salvação dos jovens e o bem deles. O desafio de evangelizar está em como transmitir a fé aos jovens que perderam os valores cristãos e o amor à vida. Precisamos estar perto deles, entrar no mundo deles, introduzir-nos ali para acompanhá-los e orientá-los, mesmo depois de deixarem as nossas casas.

Diante dos desafios da cultura da vida e da paz, no cotidiano, os nossos jovens precisam aprender a se comunicar sem violência, a administrar os conflitos; a perder, sem desejo de vingança e a vencer, sem humilhar. É preciso que nossas obras sejam lugares onde se aprende a se relacionar, a dar passos de reconciliação, a viver a *amorevolezza*, a sair da espiral da competição. Lugares onde os adultos vivem o que proclamam, onde o testemunho dos gestos tem mais força que as boas palavras. Lugares de alegria, de acolhida incondicional e atenção aos mais frágeis, onde a verdadeira amizade é possível e se experimenta o que significa “contar com o outro”.

Não tenham “medo dos jovens”, pois eles confiam em vocês, se sentem bem e em casa. Sejam, como eles esperam, irmãs e mães repletas de compaixão, ricas de sabedoria para orientar, responsabilizar; cheias de esperança para encorajar, nutrir a visão de um futuro mais positivo para todos.

As nossas casas, como a nossa vida, não podem ser lugares “privados”. A nossa evangelização é credível na medida em que é radicada na dimensão social de nossa ação e de nossa presença. A defesa e a tutela dos direitos humanos e dos bens comuns requerem uma forte relação entre a nossa ação cotidiana, o testemunho e a educação, mas também grande capacidade de comunicação. A Doutrina social que a Igreja nos oferece é parte qualificante da nossa ação evangelizadora e do nosso agir cotidiano.

**A casa:
espaço de
vida e de
colaboração**

14. A força de uma proposta e de uma ação evangelizadora e social tem raízes na capacidade de nos coordenarmos e de estarmos unidos, como também de nos formarmos juntos. Por isso, todos precisamos compartilhar orientações claras e reforçar as relações entre os vários componentes da Família salesiana, desenvolvendo sinergias, colaborações estratégicas, metodológicas e operativas. O amor preventivo é, para nós, verdadeiro e concreto testemunho de evangelização.

Os valores da gratuidade, do voluntariado, da cidadania ativa devem se tornar os pilares de uma comunidade educativa e de uma verdadeira política a serviço dos cidadãos. Os jovens acreditam nisso e estão prontos. Abram, sempre mais, as portas aos jovens. Esforçando-se para facilitar e encontrar os espaços necessários à sua participação.

**No mundo
da comuni-
cação,
educar é
a chave**

15. As novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) nos permitem estar “sempre mais perto uns dos outros”, mas também mudam radicalmente o modo de nos relacionarmos. É tarefa nossa utilizar esse “novo bem comum” na direção correta, entendendo a assis-tência salesiana como presença criativa nos diversos pátios. A comunicação através das redes sociais oferece a oportunidade de difundir e construir junto com outros, mesmo em meio a uma notável diversidade, uma nova cultura: a da fraternidade solidária, do bem comum, da paz.

Uma comunidade que quer “ser hoje com os jovens casa que evangeliza” é chamada a superar a dimensão tradicional da comunicação direta e circunscrita, para orientar a construção de uma visão de mundo diferente da atual, cheio de divisões. É este o tempo de dar testemunho do amor preventivo através da comunicação nas redes sociais. A “comunicação profissional” é uma preciosa vocação portadora de uma verdadeira missão social.

A nossa *comunicação* também *precisa ser “corajosa”* e a rede digital tornar-se um lugar rico de humanidade, não uma rede de fios, mas de pessoas, como escreve o Papa Francisco. O interesse pelas *mídias sociais* permite que os jovens sejam vistos e ouvidos. O fato de saber quem e o que é importante na vida deles nos permitirá conhecê-los e entendê-los de um modo que eles mesmos não são capazes de expressar na interação face a face conosco. A partilha de nosso caminho espiritual, com suas dificuldades – bem como do caminho dos nossos Fundadores, Dom Bosco e Madre Mazzarello – nos ajudará a conquistar confiança e respeito.

À escuta das jovens e dos jovens

Como membros das comunidades educativas, os jovens foram parte significativa da nossa experiência capitular. Alguns, provenientes de diversos Países europeus, refletiram sobre o tema do Capítulo e se dirigiram a nós com alguns pedidos bem explícitos, que transmitimos em síntese.

Compartilhar a Boa Notícia com a vida 16. Para poder anunciar Jesus é necessário *evangelizar principalmente com a vida*. Por isso, esperamos um olhar cheio de benevolência e de confiança sobre nós, jovens, que nos ajude a tomar maior consciência do nosso valor. Em particular, as FMA deveriam se interessar realmente pela nossa vida, escutar-nos, acolher-nos; estar conosco, gostar do que gostamos; adaptar-se a nós; estudar a nossa linguagem para entender a nossa vida e não ter medo de não entendê-la imediatamente. Parece-nos importante que, como FMA, vocês possam cuidar do seu relacionamento com Deus, rezar, ler a Sagrada Escritura, ser repletas do Espírito Santo, rever as intenções e atividades; dedicar-se totalmente à missão, de todo coração e com grande paciência; não ser mornas, mas cristãs com uma identidade clara, por isso constantemente empenhadas, e ser um exemplo “vivo,

vital e vivaz”. Sejam testemunhas de alegria, felizes de sua vocação no cotidiano. Assim, cada um de nós poderá perceber a presença de Deus através de suas vidas, sentir que Ele é acessível!

Evangelizar também com as palavras

17. Mas é importante *evangelizar também com as palavras*. Em primeiro lugar, escutar a nossa história, quem é Jesus para nós, e não pensar apenas em passar uma mensagem; vocês poderiam nos oferecer diversas experiências de oração e de compromisso mais exigente, para ajudar-nos a aprofundar uma relação pessoal com Jesus; falar dele, da sua humanidade, de Alguém que faz parte da vida cotidiana.

Nós esperamos que, como FMA, vocês deem apoio aos jovens comprometidos, dando a eles uma “comunidade” e, a quem o deseja, a possibilidade de compartilhar a vida de comunidade de vocês; que nos estimulem a aprofundar a fé e a responsabilidade social, a ser catequistas, animadores e líderes, a abrir-nos às diversas vocações. Por isso, gostaríamos que vocês fossem disponíveis ao acompanhamento espiritual para ajudar-nos a encontrar o sentido daquilo que vivemos, sem respostas pré-fabricadas, com uma linguagem mais moderna e criativa.

É necessário compreender a nova cultura da comunicação porque, também nesse âmbito, a ação de vocês é importante. É justamente partindo desse *ambiente* que é preciso dar o primeiro passo para entender-nos. As mensagens de vocês devem ser saborosas e apaixonantes; para isso, é preciso que entrem em sintonia conosco, que nos encontrem nos *chat*, aprendam a usar os mesmos meios, dando bom exemplo no uso responsável deles.

A casa das FMA: casa para os jovens

18. A novidade que esperamos requer passar de casa para os jovens, de uma casa “já feita” a uma em construção, com a participação de toda a comunidade educativa, envolvida no pensar, rezar, agir. Uma casa que

promova uma verdadeira “pastoral da inteligência” e, em sentido mais amplo, da pessoa. Precisamos de uma evangelização que passe também através da cultura, que nos ajude no confronto com o pluralismo das ideias, por isso é preciso elevar o nível das comunidades.

A verdadeira casa é aquela onde vive uma família, onde ninguém se sinta já “pronto” ou pense que só o outro tenha que mudar. Por isso, gostaríamos que vocês fossem capazes de construir relações, com a coragem de abrir as estruturas, a mente, o coração; de partilhar o cotidiano com todos os que ultrapassam a soleira das casas de vocês, com uma presença autêntica e simpática, esquecendo o perfeccionismo e a ânsia de ter tudo sob controle. Confiem em nós para projetar juntos as mudanças: considerem-nos interlocutores protagonistas e não só destinatários, criando espaços de diálogo para viver o mandamento do amor, em espírito de família. Juntos, podemos nos empenhar para acolher os mais pobres, não só do ponto de vista material, mas também espiritual e existencial. Os últimos sejam os preferidos, porque foram os primeiros a serem “feridos” pela vida, principalmente os jovens e as jovens que não procuram vocês. A chave para chegar a eles somos nós, jovens. Façam com que não nos sintamos hóspedes na casa de vocês, mas filhos na casa de Deus. Partilhem também as dificuldades econômicas, para juntos procurarmos as soluções.

A verdadeira profecia é a de interceptar a nova visão de casa e propor um modelo diferente que reconduza ao centro os valores fundamentais do ser cristão. A beleza de uma comunidade a caminho se apoia em quatro pilares: acolhida, maternidade, testemunho, oração.

Redescubram o valor da colaboração com os Salesianos, não só em nível de atividades e de pastoral, mas também em nível de construção da grande casa da Família Salesiana, em rede com as comunidades educa-

tivas, como sinal de uma comunhão criativa da qual temos tanta necessidade na sociedade e na Igreja.

OLHAR PARA O MUNDO COM ESPERANÇA

19. Os discípulos de Emaús conversavam entre si sobre o que havia acontecido com Jesus em Jerusalém, durante a Páscoa. O núcleo da experiência deles consiste no fato de que uma história grave, trágica e uma decepção, em companhia de Jesus, se transformam em bênção, em história repleta de esperança.

Os nossos diálogos, embora carregados de preocupações e temores, acolheram tudo o que bate à porta de nossas comunidades e das nossas decisões pessoais, como apelos de Deus a olhar para o mundo com renovada paixão. Mas, não só. O nosso Instituto é chamado a ser desafio no mundo, em força do seu carisma educativo que lança sementes de novidade evangélica na sociedade.

Num tempo de grandes mudanças

20. Tudo o que escutamos e vivemos com os leigos e os jovens nos confirma que as mudanças em ato são um apelo à renovação e a abrir-nos ao nosso tempo com simpatia e desenvoltura.

Entre as numerosas situações que ressoaram na Assembleia capitular, acolhemos aquelas que têm uma maior incidência sobre a nossa vida e a dos jovens. Ai Deus espera a nossa resposta pessoal e comunitária.

Mudanças culturais e antropológicas

21. Somos interpeladas pelas mudanças culturais e antropológicas que dizem respeito à visão da pessoa, dos valores, das relações com Deus, com os outros e com a criação. Tais mudanças, que são também fruto da nova cultura da comunicação, repercutem sobre a família e a

sociedade, sobre as comunidades educativas, sobre as novas gerações, sobre seu modo de perceber a realidade e de se sentir participante de sua transformação.

**Sinais
positivos
e recursos**

22. Reconhecendo os grandes passos na defesa dos *direitos humanos*, no *voluntariado*, no sentir-se *cidadãos do mundo*, sobretudo por parte dos jovens, somos chamadas a cooperar para que o mundo se torne, para todos, um lugar melhor de se viver. As atuais possibilidades de *comunicação simultânea* criam novas formas de agregação e de participação, envolvendo principalmente os jovens no empenho de se unirem em favor da autêntica democracia e na defesa dos direitos de todos.

**Preocu-
pações
e insídias**

23. Ao mesmo tempo, o *relativismo*, a *superficialidade* e o *individualismo* condicionam a vivência cotidiana, a conquista da liberdade interior, a profundidade e a coerência das opções, em uma “sociedade líquida”.¹⁵ O *aquecimento global*, a *escassez dos recursos naturais*, o *buraco de ozônio* e a *poluição* ameaçam a vida saudável do ser humano e nos interpelam a educar os jovens à custódia da criação.

A excessiva *competitividade* e a exaltação da *eficiência* criam uma cultura do descarte que marginaliza minorias ou povos inteiros, incrementando discriminações entre mulheres e homens, e entre faixas sociais. Além disso, as *desigualdades de oportunidade*, causadas também pelo *abismo digital*, acentuam a exclusão de povos e pessoas, como também a dificuldade do diálogo intergeracional.

**Desafios
à vida
consagrada**

24. Ainda que muitas comunidades se exponham, com muita coragem, a situações de grande desconforto que se seguiram às rápidas transformações do século XXI, a vida consagrada parece ter perdido significatividade e *visibilidade*. Ela é chamada a denunciar, com a beleza

¹⁵ Cf. BAUMANN Zygmund, *Modernità líquida*, Roma-Bari, Laterza 2006.

do Evangelho, o que humilha as pessoas e a criação, e a anunciar com a vida e as palavras, os valores que tornam plenamente humana uma sociedade; mas que terminam ficando *à margem, em diversas regiões do mundo*.

A nossa presença em *contextos pluralistas e multirreligiosos* nos desafia a estar abertas a uma *cultura do encontro e do diálogo*, peritas em humanidade e capazes de traduzir os valores evangélicos numa *linguagem universal* compartilhável. Requer gestos que expressem a alegria e a paz de se reconhecer “minoria”, indo ao essencial da *sequela Christi*.

A vida consagrada está vivendo a estação do inverno: o momento propício para trabalhar o essencial. Sem o inverno, não haveria primavera. O inverno é o momento no qual se trabalha nas raízes. Se as raízes são fortes, a primavera virá e, depois, a colheita dos frutos.¹⁶

Fome e sede de Deus e de espiritualidade

Clamor de espiritualidade

25. A sede de Deus aflora em nós, FMA, em tantos jovens e no povo, com o pedido de uma espiritualidade mais profunda. Se às vezes parece que alguns estão perdendo a fé, muitos, com a mesma força, desejam percursos de busca de uma vida mais profunda e intensa.

No entanto, fazemos experiência, ou constatamos, ao redor de nós, uma fé frágil, uma espécie de “*anemia espiritual*”,¹⁷ que não permite tomar a decisão de se deixar transformar por Jesus. Algumas vezes se cai numa mediocridade que gera tristeza e conformismo, apaga o entusiasmo e a criatividade.

Como FMA, *assumir responsavelmente* o próprio *amadurecimento espiritual*, no caminho do seguimento de Jesus, é condição para que todas as experiências da vidas se tornem oportunidades de crescimento como discípulas missionárias.

¹⁶ Cf. Conferência de D. José Rodríguez Carballo, *La profecía della vita religiosa nell'orizzonte dell'Evangelii gaudium*. Conferência às capitulares (30 de setembro de 2014).

¹⁷ Cf. BENTO XVI, *Angelus* de 1º de fevereiro de 2011.

Tanto pessoalmente quanto como *comunidade*, somos chamadas a buscar *juntas* o projeto de Deus, a celebrar na vida cotidiana a “mística do encontro”, e a testemunhar, com alegria, a experiência de fé. *O amor é a medida da fé, e a fé é a alma do amor*.¹⁸

Isso requer a coragem de fazer podas para abrir espaço ao novo nos costumes, nas estruturas, sem medo de *nos abirmos às surpresas de Deus*.

Comunidade educativa, lugar de encontro e de sinergias

Em espírito de família

26. No coração da comunidade educativa, *a comunidade religiosa* é interpelada a *testemunhar* uma vida consagrada *profética*, alternativa, que assuma com lucidez a situação do momento presente, e responda com *radicalidade evangélica*. Uma comunidade que assuma o cuidado da qualidade da vida, sem ceder à tentação do número e da eficiência.

Constata-se, por toda parte, uma grande exigência de espírito de família, de *relações interpessoais* humanizantes, vividas antes de tudo na comunidade religiosa. Para toda FMA esse é o primeiro lugar de fraternidade, necessário para que os jovens possam acreditar que essas experiências são possíveis.¹⁹

Onde se aprende a comunicar

27. O espírito de família desafia a comunidade educativa a *aprender a comunicar* com autenticidade, simplicidade e franqueza, para criar um *ambiente aberto e favorável* à maturação de cada pessoa, onde todos se sintam guardiães e responsáveis por cada membro, e não apenas unidos por tarefas a serem desempenhadas. A comunidade é provocada a testemunhar a vida evangélica *formando-se juntos, FMA e leigos*, para a missão compartilhada; é chamada a ir ao encontro de outros,

¹⁸ Cf. Papa FRANCISCO, *Angelus* de 26 de outubro de 2014.

¹⁹ Cf. *Constituições e Regulamentos*, art. 50. 66-67.

com os próprios jovens que nos ajudam a compreender e a viver o Evangelho segundo o carisma salesiano; a sair com eles para *anunciar Jesus*.

Isso pressupõe que se assuma realmente a interação entre *educação, comunicação, evangelização*.

A acolher os outros com disponibilidade e gratuidade

28. O “*sonho de casa*”, de família, de felicidade, de futuro e de sentido, presente em tantos jovens que procuram pontos de referência, interpela a acolhê-los incondicional e gratuitamente, a estar com eles, a acompanhá-los valorizando a novidade da qual são portadores.

Juntamente com a generosidade da doação e a audácia missionária, também constatamos em nós, FMA, a *tentação de fuga* da interioridade e da missão; a tentação de se fechar em tempos e espaços privados de autograatificação e de conceber a vocação religiosa como um emprego.

Os jovens, nossa terra santa

Da parte dos jovens

29. O Papa Francisco, desenvolvendo a eclesiologia do Concílio Vaticano II no contexto atual, pede à Igreja uma verdadeira *conversão pastoral*. Isso implica para nós um compromisso novo perante a nossa missão educativa.

A sociedade tende a descartar quem não se destaca na competição; por isso, em muitos Países, se *excluem os jovens e, mais ainda, as jovens*, da participação ativa no desenvolvimento. A vocação salesiana nos leva a situar-nos na ótica dos pequenos e dos pobres.

Periferia que nos interpela

30. Nos diferentes contextos, “periferia” são justamente os jovens e, particularmente, as jovens, por causa do sistema dominante que os priva de instrução, de espaços de educação, trabalho, lazer, serviços de saúde, cidadania, liberdade de escolher e projetar o próprio futuro. As *diversas pobreza*s que atingem os jovens desa-

fiam as nossas presenças e opções, a nossa criatividade e formação; pedem-nos que os tornemos protagonistas em descobrir oportunidades de desenvolvimento e educação, mesmo em situações de fragilidade e de precariedade. Nesse sentido, as periferias juvenis provocam o nosso desejo de transformação e a capacidade de reconhecer, nas novas fronteiras juvenis, o lugar onde Deus nos fala e espera por nós.

Estilo de animação e governo

Liderança adequada aos tempos

31. Numa cultura que questiona as instituições e na qual a própria autoridade encontra dificuldade para desempenhar seu papel de modo eficaz e atraente, como FMA, sentimos a exigência de nos formarmos a uma *liderança adequada aos tempos*, em vista de um estilo de animação e governo que tenha autoridade moral e coerência entre palavras e gestos; que facilite o envolvimento, a obediência de todas ao projeto de Deus e a corresponsabilidade na missão.

Um estilo de animação e de governo que, a partir de uma leitura de fé da realidade, saiba *orientar com clareza* o projeto de ressignificar a vida consagrada, a presença e as obras à luz do carisma salesiano, em fidelidade à nossa Regra de vida. Somos desafiadas a atuar a *coordenação para a comunhão* em todos os níveis de responsabilidade.²⁰

Novas exigências formativas

Exigência de um novo modelo formativo

32. O mundo que muda e as jovens que entram hoje no Instituto questionam o *nosso estilo de vida* e a *experiência comunitária*, e nos estimulam a repensar continuamente a *proposta e o modelo formativo*. As novas gerações precisam de uma comunidade em es-

²⁰ Cf. *Nei solchi dell'alleanza. Progetto formativo delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, Leumann (Torino), Elledici 2000; *Para que tenham vida e vida em abundância. Linhas orientadoras da missão educativa das FMA*, Leumann (Turim), Elledici 2005.

tado de *formação permanente*, onde se possa experimentar, na *relação intergeracional*, a manifestação do amor proveniente de Deus; uma comunidade que seja *lugar pedagógico* onde se amadurece como pessoas de fé, consagradas, educadoras de jovens; onde se viva a oração e se valorize a experiência das Irmãs idosas na transmissão do carisma e no testemunho da fidelidade. O processo de conversão pessoal, para *traduzir em experiência vital os conteúdos* da formação, requer percursos inculturados, um acompanhamento adequado e a valorização dos meios comuns da nossa espiritualidade.²¹

Todas as fases da vida requerem *atenção formativa*, para viver – de modo significativo e alegre – a própria vocação. As novas instâncias culturais exigem *preparação e atualização* contínua, em vista da missão educativa e evangelizadora.

²¹ Experiências características e sempre atuais da tradição salesiana cuja finalidade é alimentar a espiritualidade e fazer crescer o espírito de família entre nós e com os jovens são – junto com a vida sacramental, a espiritualidade mariana, o amor à Igreja e ao Papa – o encontro pessoal, o boa-noite, os momentos recreativos, as festas preparadas e vividas *insieme*.

3. DISPOSTAS A MUDANÇAS DE MENTALIDADE



*“Não estava ardendo
o nosso coração...”*

(Lc 24,32)

O peregrino que caminha com os discípulos abre para eles uma perspectiva diferente, uma nova interpretação da realidade. A sua presença faz arder o coração. Isso explica o convite: «Fica conosco!».

Também hoje o encontro com Jesus oferece uma nova visão, alarga o olhar, muda o coração e a mentalidade.

Só um encontro verdadeiro com Ele nos transforma por dentro e nos ajuda a reler a realidade com olhos novos. A mudança resultante se torna então força que transfigura, fonte de fecundidade vocacional e missionária.

Implicações de uma mudança de mentalidade

33. Perante os numerosos desafios que se apresentam não basta uma análise, mas é importante uma conversão, como sinal de fidelidade a Deus e aos jovens. Dom Bosco ia em frente como *Deus o inspirava e as circunstâncias exigiam*.²²

Uma mudança de mentalidade pressupõe rever os próprios critérios de juízo, a escala de valores, os próprios conhecimentos. Uma mudança verdadeira leva a modos de agir diferentes em relação ao que até agora foi feito.

A nossa vida é caracterizada por um dinamismo interior,

²² Cf. MB XVIII 127.

alimentado pelo Espírito Santo, que nos faz progredir no caminho. Consideramos importante colocar-nos numa atitude dinâmica para passar de um a outro modo de pensar, com a consciência da nossa fraqueza, com a humildade de quem sabe recomeçar sempre, pondo-se na condição de discípulos. Isso leva a considerar o mundo a partir de perspectivas diferentes. Para mudar é necessário penetrar a fundo, sem medo, na própria humanidade e na dos outros e ler a vida com esperança. Olhemos para o mundo a partir da ótica das periferias, com o olhar de Jesus que nos ajuda a ler os sinais dos tempos.

Diante das transformações

Olhar positivo

34. Uma mudança de perspectiva convida a cultivar uma atitude positiva em relação ao outro, indo além da exterioridade e olhando cada pessoa com o olhar de amor incondicional de Cristo.

Requer passar de um certo ceticismo em relação ao que existe e funciona mal, a um olhar positivo para o que existe e funciona bem. Quem tem uma atitude positiva considera a si mesmo, a comunidade e outras realidades como expressão de beleza e de riqueza espiritual.

Habitar a mudança requer que *se abandone a lógica do “sempre se fez assim”* para deixar-se provocar pelos apelos de Deus, especialmente os que nos chegam através dos jovens. Como educadoras e educadores, não podemos mais nos pensar como aqueles que se movem num ambiente já conhecido, com a tarefa de fazer com que os outros cheguem lá onde eles estão. É preciso entrar na ótica de quem acompanha, abrindo caminho com os jovens, *buscando e descobrindo, juntos, novas estradas*. Isso requer a flexibilidade própria de quem está disposto a *aprender e desaprender continuamente*.

**Discerni-
mento
como
estilo de
vida**

35. O mundo que muda nos leva a avaliar que obras e ações precisam ser adaptadas e/ou mudadas para uma pastoral *juvenil adequada aos tempos*. Por isso as decisões não podem se basear na nossa necessidade de segurança, ou sobre o critério do que manter, focalizando a atenção apenas nos problemas internos e urgentes. Exige-se de nós, ao invés disso, fazer com que o *discernimento se torne um estilo de vida*, um empenho contínuo para acolher a novidade do Espírito que às vezes comporta grandes mudanças de visão e de estruturas, e outras vezes, apenas pequenos passos em frente.

O Instituto inteiro precisa de uma flexibilidade que torne possível a passagem da tolerância multicultural a processos de interculturalidade que façam com que ele seja sinal eloquente de comunhão na diversidade, num mundo dividido por interesses de partes e por lógicas de domínio.

Redescobrir *insieme* uma Presença

**Contínua
conversão**

36. No caminho de transformação é preciso aprender a descobrir a presença e a ação de Deus nas voltas da história, e a libertar-nos de um olhar pessimista. Quem tem Deus, quem se encontra com Ele, olha para o futuro com confiança. Por isso, julgamos necessário transformar nossas comunidades *em comunidades de esperança: comunidades alegres*, que enfrentam as *dificuldades como oportunidades*, reconhecem a situação atual como tempo de graça. Comunidades que realmente se esforçam para viver em profundidade a espiritualidade do Sistema preventivo, sentindo-se corresponsáveis pela mudança e pelo reflorescimento do carisma. Como nós, os jovens e os leigos têm sede de Deus. Isso nos instiga a uma *contínua conversão*, para juntas irmos adiante na fé, como comunidades educativas nas quais cada membro se deixa evangelizar e evangeliza com seu testemunho de vida.

Qualidade das relações

37. Estar com os jovens, compartilhar a fé, contar com eles e não só trabalhar para eles, faz crescer numa relação educativa e corresponsável diante da missão. Por isso, estar com os jovens requer que se *superem relacionamentos formais*, funcionais e apressados e que se *tenha em vista o encontro autêntico*, vivido no espírito de família e no acompanhamento salesiano. É preciso que se cultive, na comunidade educativa, uma *mentalidade empreendedora e projetual*, em rede com outros, capaz de colocar em jogo todos os recursos, em vista de opções educativas inéditas.

Estar do lado dos jovens**Protagonistas da evangelização**

38. Para concretizar o nosso ‘estar’ com os jovens, é preciso assumir uma mentalidade mais aberta para acolhê-los, de forma a vencer o medo de estar com eles. Se consideramos os jovens como protagonistas da evangelização de outros jovens, não os consideraremos apenas como destinatários, mas estaremos juntos, envolvidos em processos formativos de qualidade. Isto é facilitado quando há um compromisso de passar da simples comunicação de conteúdos da fé a propostas de experiência de encontro com Jesus encarnado na vida cotidiana, presente na Palavra, na Eucaristia e no rosto de cada pessoa; a passar de uma mentalidade de ações pastorais a uma mentalidade de processos, promovidos e compartilhados por todos os agentes de pastoral da comunidade educativa.

Da ótica da periferia**Para uma mudança de perspectiva**

39. Se nos aproximamos da pobreza, colocando-nos lado a lado com os mais pequenos e os mais pobres, caminhando com eles, nossos parâmetros de juízo e de opção em relação à nossa missão se modificam e nós nos abrimos às periferias que existem também nas nossas comunidades.

É este o momento de *ousar uma mudança de perspectiva* de onde olhar a realidade, repensar-nos com criatividade a partir dos pobres e saber viver como Jesus, sem seguranças e privilégios. Sentimos que é necessário passar do risco de se entregar a modos de vida cômodos, com muitas seguranças, a construir juntas comunidades flexíveis, menos estruturadas e com uma forte paixão missionária.

Comunidades onde não se viva a formação de modo individualista, mas considerando-a um caminho compartilhado no qual, com sentido de pertença, a gente se confronta, discerne, se acompanha reciprocamente, se deixa provocar pelos jovens mais pobres, identificam-se prioridades e se compartilha um processo de crescimento.

Para recompreender a autoridade e a animação

Coordenação para a comunhão 40. Em continuidade com o que está contido no Projeto Formativo e nas Linhas orientadoras da missão educativa das FMA²³ sentimos a urgência de *assumir e atuar concretamente a coordenação para a comunhão*. Isso propõe um estilo de animação e governo mais participativo que, com modalidade circular, desperta a responsabilidade e a iniciativa de cada uma.

Isso implica compreender a animação como serviço e processo aberto ao diálogo, à avaliação e ao confronto. Quem anima acompanha caminhos de maturação, favorece a corresponsabilidade, a obediência, o envolvimento dos recursos de todos em torno de um projeto, escutando também quem pensa diferente.

Da gestão de obras à atenção à pessoa 41. Trata-se de passar de uma animação e governo preocupados principalmente com a gestão das obras, a um *estilo que dê atenção à pessoa*.²⁴ Dessa atenção se poderá também desenvolver uma eficaz animação das obras educativas que nos são confiadas. Para isso é pre-

²³ Cf. *Para que tenham vida*, n. 135-141.

²⁴ Cf. *Constituições e Regulamentos*, art. 113-114.

ciso um estilo de governo que acompanhe os processos iniciados e que vença tanto o risco do “deixar que façam”, quanto o autoritarismo ou eventuais grupos de poder.

Atualmente na sociedade são necessários *novos equilíbrios nas mútuas relações* entre quem tem uma tarefa de animação e governo e as demais pessoas, responsáveis com quem desempenha essa missão. Também no âmbito FMA, criando um clima de confiança naquelas que são chamadas a animar as comunidades, com a participação de todas em todos os níveis, renascerá o sonho comum de que o Instituto se torne habitável para as novas gerações. *Quem crê em ti, te cria!*

Para uma renovada atenção à formação

A responsabilidade da autoformação

42. *A formação é um caminho* que se vai trilhando *dia após dia*. Requer consciência da importância de *cuidar da nossa vida* para doá-la melhor. É por isso que sentimos a necessidade de passar do viver passivamente a formação à *responsabilidade da autoformação* integral, em leal confronto com as mediações, como processo de conformação a Cristo, que dura a vida inteira.

Lugares privilegiados de formação

43. *A comunidade e a missão* são para nós lugares privilegiados de formação recíproca, onde se reelaboram conteúdos e experiências para um caminho de unidade vocacional. De fato, não basta ter conhecimentos teóricos se estes não mudam a vida.

Seja qual for o contexto, é importante não atribuir somente a pessoas ou situações externas a causa dos próprios problemas, mas tomar a decisão de entrar em si mesmas, reassumir com misericórdia e humildade a história pessoal, à luz do mistério pascal, renovando a própria vida com motivações mais profundas.

Sair da autorreferencialidade **44.** Comunidades em missão ajudam a *sair da autorreferencialidade* e a estabelecer um *verdadeiro encontro com as pessoas*, especialmente os jovens e as famílias, deixando-nos surpreender, interpelar e evangelizar pelo mistério que cada um traz em si. Parece-nos importante passar *de uma mentalidade de autorrealização* individualista à *coragem de realmente assumir o cetera tolle*; e, de uma fé frágil que não aceita as contrariedades e dificuldades da vida, à capacidade de reafirmar a confiança de estar nas mãos de Deus. Assim se aprende a administrar os conflitos, sem medo de enfrentá-los, harmonizando as diferenças, vencendo a tentação dos *comentários* não construtivos.²⁵

Abrir-se a uma visão global **45.** Mudar de perspectiva e avaliar de modo novo os processos de reestruturação/consolidação e a possibilidade de criar novas presenças, requer a passagem *de uma mentalidade centrada sobre o local*, limitada às próprias realidades, inclusive inspetoriais, a *uma visão global* de Igreja e de Instituto, orientadas pelo sentido de pertença e pela comunhão. Isso exige que sejamos disponíveis à mobilidade, segundo as necessidades da missão. Tal disponibilidade ajuda a superar a cômoda satisfação diante do que já estamos fazendo, e a crescer na capacidade de assumir o risco de opções concretas e significativas.

Qualificar a preparação cultural **46.** O interesse e a abertura aos valores dos diversos povos é uma porta para o Evangelho. Por isso, é importante superar a tentação de uma formação apressada e improvisada, para *nos empenharmos em cuidar da preparação* cultural e religiosa, de modo a contribuir para renovar interiormente a sociedade.

²⁵ Cf. Papa FRANCISCO, *Audiência às Capitulares* (8 de novembro de 2014).

A comunicação como oportunidade

- Superar uma visão instrumental** 47. A mudança de mentalidade é também necessária para olhar a comunicação a partir de uma ótica diferente. A opção pela comunicação implica mudanças em nível pessoal, nas relações recíprocas, nas estruturas e nos processos já em andamento. Uma perspectiva correta faz ver o mundo não como um novo campo a ser conquistado ou alguma coisa da qual é preciso se defender.
- A mudança gera em nós, FMA, a consciência de que a comunicação é uma missão; requer a *superação de uma visão instrumental* das novas tecnologias, para entrar no mundo digital, não só como usuárias, mas como quem busca dar sentido e promove uma nova cultura.
- Habitar os ambientes digitais** 48. Isso se torna possível vencendo a insegurança por nos sentirmos despreparadas, algumas vezes assustadas diante das culturas juvenis, favorecendo, ao invés, a confiança de aprender junto com os jovens e o desejo de encontrá-los também nas novas praças e bairros digitais, *abrindo com eles vias de evangelização*, com coração oratoriano. É importante também superar o risco da superficialidade das relações na rede e da dependência digital, saber discernir entre as muitas informações, *recuperar a interioridade* em vista de uma comunicação autêntica.
- Mentalidade ecológica** 49. O desejo de se formar e *difundir uma mentalidade ecológica e correta*, que respeita a integridade da criação e os direitos humanos, leva a *desistir de uma corrida consumista* e egoísta às novas tecnologias, que utilizam matérias-primas muitas vezes produzidas à custa de vidas humanas.

4. TEMPO DE RETOMAR O CAMINHO



“Partiram sem demora”

(Lc 24,33)

Transformados pelo encontro com Jesus, os discípulos voltam apressadamente a Jerusalém, para anunciar Aquele que ressuscitou e mudou a vida deles. A experiência vivida enche-os de uma alegria transbordante, impele-os a levar a todos o evangelho da Vida.

O encontro com Jesus transforma também o nosso cotidiano, cria e alimenta a comunhão, torna-nos, junto com os jovens e toda a comunidade educativa, evangelizadores convictos, profecia para o mundo.

NO HORIZONTE DA CONVERSÃO PASTORAL

Em permanente estado de missão

50. O horizonte que motiva as opções e os passos concretos de renovação é a **conversão pastoral**. Tal horizonte nos coloca em sintonia com o apelo da Igreja e em continuidade com os caminhos de conversão do XXII CG. Diversos processos encaminhados no sexênio anterior requerem continuidade; outros aspectos emergem agora com maior força. Nós nos deixamos interpelar pela palavra do Papa: «Espero que todas as comunidades ajam de forma a colocar em ação os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar

as coisas como estão[...]. Em todas as regiões da terra, coloquemo-nos em “permanente estado de missão”».²⁶ Essas palavras do Papa Francisco, dirigidas a toda a Igreja, ressoam para nós mulheres consagradas, para todo educador/educadora, como apelo insistente a renovar a paixão e o compromisso para com a missão educativa evangelizadora, qualquer situação, em qualquer obra, também inédita, na qual se exprime o carisma salesiano.²⁷ O crescimento humano, moral, espiritual e social dos jovens, para que sejam hoje *bons cristãos e honestos cidadãos*, nos pede mudanças quanto aos habituais modos de viver e de trabalhar. A ótica da periferia, apresentada pelo *Instrumento de trabalho* do XXIII CG²⁸, é a perspectiva que nos faz ver a realidade comprometendo-nos com os valores e os problemas dos quais os jovens são portadores.

Com o estilo de Maria

51. Maria, estrela da nova evangelização, que sabe reconhecer os passos do Espírito nos grandes acontecimentos, bem como naqueles que parecem imperceptíveis, nos confia seu estilo de *humildade e ternura*, de *serviço e audácia* na missão evangelizadora. Na mudança de época que estamos vivendo, o empenho de *ser com os jovens casa que evangeliza* não é só o de melhorar alguma coisa. Requer de todos uma real conversão missionária, o exercício da maternidade de Maria, para se tornar Igreja que «gera, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão..., uma Igreja capaz de redescobrir as vísceras maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, pouco podemos fazer hoje para nos inserirmos num mundo de “feridos”, que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor».²⁹

²⁶ Papa FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, n. 25-27.

²⁷ Cf. *Constituições e Regulamentos*, art. 63-64.

²⁸ Cf. *Instrumento de trabalho*, n. 8-24.

²⁹ Papa FRANCISCO, *Discurso ao Episcopado brasileiro* (Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013, 4).

**Criando
ambientes de
evangelização**

52. O processo de conversão abrange toda a nossa vida pessoal e comunitária, transforma – nós e as nossas casas – em ambientes de evangelização, onde os jovens se tornam protagonistas da mesma missão. Na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* Paulo VI frisava que a Igreja evangeliza não só com as palavras, mas com a forma que ela assume dentro da história.³⁰ Também hoje, para evangelizar não podemos separar as dimensões do encontro com Jesus que nos transforma, da comunhão entre nós e com os jovens, do ir na direção dos outros e chegar às periferias humanas.

**Como
profecia
para o
mundo**

53. A conversão nos impele, antes de tudo, a sair das nossas mediocridades, vivendo de modo autêntico e credível, de modo a ser profecia para o mundo. Faz-nos agir com audácia, dóceis ao Espírito Santo: *quem tem coragem, inventa, arrisca, não se deixa paralisar pelo medo, encaminha processos e ilumina o futuro.*

³¹Como filhas de sonhadores, as opções e as escolhas que marcarão o caminho nos próximos anos deveriam brotar do grande sonho de Deus para o nosso Instituto. É indispensável o contributo de cada uma, seja na atividade seja na oferta da oração. No coração de cada uma arda o fogo e a alegria do chamado, como recomenda Madre Mazzarello. «*Fique bem atenta e não deixe que se apague o fogo que o Senhor acendeu no seu coração*».³²

Quem se deixa levar pela autêntica inspiração, por sonhos aparentemente impossíveis, por uma causa, um credo, um ideal, facilmente encontra outros sonhadores e sonhadoras que compartilham um sonho e desejam participar de sua realização; para eles, o importante não é planejar no imediato, mas deixar que o sonho os mova para o impossível.³³

³⁰ Cf. PAULO VI, Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* (8 de dezembro de 1975).

³¹ Cf. *Evangelii gaudium*, n. 30.33.

³² Cf. *Carta* 41, 2.

³³ Cf. SINEK Simon, *Start with Why: How Great Leaders Inspire Everyone to Take Action*, New York, Penguin Group 2009.

OPÇÕES DE CONVERSÃO PASTORAL

54. Conscientes de que o tempo das decisões corajosas é hoje, a Assembleia capitular identificou três opções fundamentais em vista da *conversão pastoral*. Tais opções estão intimamente entrelaçadas entre si. Brotam da *unidade vocacional* e orientam para um caminho de contínua conversão. Nós as formulamos a partir das palavras-chave do tema capitular: Transformadas *pelo Encontro*; *Insieme, com os jovens*; *Missionárias de esperança e de alegria*.

Transformadas pelo *Encontro*

Que muda a vida

55. «A primeira motivação para evangelizar é o amor de Jesus que recebemos, a experiência de ser salvas por Ele que nos impele a amá-lo sempre mais. Porém, que amor é esse que não sente a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida?»³⁴

Os jovens poderão crer no amor de Jesus, se os amamos gratuitamente como Ele os ama e partilhamos com eles a nossa experiência do encontro com Deus; se numa sociedade sempre mais “líquida”, conseguimos testemunhar o nosso permanecer fiéis até o fim, como Maria aos pés da Cruz, à espera da Ressurreição.

«No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas sim o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, com isso, a direção decisiva».³⁵ *Vivendo como discípulas*, podemos facilitar o encontro pessoal dos jovens com Jesus que os transforma e faz com que, por sua vez, se tornem missionários.

³⁴ *Evangelii gaudium*, n. 264.

³⁵ BENTO XVI, Exortação apostólica *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005) n. 1.

**E alimenta
uma cultura
do encontro**

56. A espiritualidade salesiana expressa no cotidiano não nos fecha no intimismo, mas alimenta uma cultura do encontro, que nos torna *solicitas, no estilo de Maria*, em relação aos jovens e aos leigos. Tudo isso se dá mediante relações pessoais em que a *qualidade humana* é a primeira evidência concreta da *qualidade da fé cristã*. Entre as qualidades que precisamos fazer amadurecer nas nossas comunidades está, em primeiro lugar, a *caridade fraterna*³⁶ como sinal credível para o povo e fundamento do nosso viver o serviço de animação, de modo circular.

57. Considerando a pluralidade das situações locais e a diferença dos caminhos de cada Inspetoria, propomos algumas linhas de ação.

**Experiência
de fé
encarnada**

1. Discernir as condições e encontrar as modalidades para que a *oração* seja a experiência que alimenta a dimensão mística e profética da vida, dê *qualidade* às relações *fraternas* e, ao mesmo tempo, apaixone por Deus e pelos *jovens*.

2. Aprofundar e partilhar a *Palavra de Deus* entre os membros da comunidade educativa e outros grupos eclesiais, para uma *leitura sapiencial da realidade*, para descobrir o que Deus quer de nós.

3. Cultivar *relações evangélicas e humanizantes* olhando cada pessoa com o olhar de Jesus, para testemunhar a comunhão no cotidiano e ser credíveis na nossa vida e na missão educativa.

4. *Rever periodicamente*, a partir das Constituições, o nosso *estilo de vida comunitária*, de modo que seja mais simples e essencial. Cuidar da sua qualidade também mediante os *meios comuns da tradição salesiana*, especialmente o encontro pessoal, o boa-noite, os momentos comunitários de recreação e lazer.

³⁶ Cf. *Constituições e Regulamentos*, art. 50. 52.

**Em
contínua
formação**

5. Envolver as jovens em formação na elaboração de *percursos formativos iniciais*. Cuidar da preparação de todas as *formadoras*, para que seja adequada ao hoje. Assegurar às junioristas uma formação qualificada e acompanhá-las na inserção gradativa na vida comunitária e na missão, dando-lhes confiança e responsabilidade, valorizando no *confronto intergeracional* o novo que elas trazem.

6. Recuperar o *valor formativo do cotidiano*, da experiência concreta de estar com os jovens mais pobres, assumindo responsavelmente a própria formação.

7. Dar prioridade à *formação permanente*, investindo na *preparação sistemática* (FMA-leigas/leigos) exigida hoje pela missão educativa e evangelizadora. Garantir tempo para o estudo e a *formação cultural adequada*.

Insieme, com os jovens**Compartilhar a fraternidade e a missão**

58. As origens do Instituto são marcadas pela experiência de um grupo de jovens que compartilharam um chamado: «A ti as confio».³⁷ Desde então, o carisma continua a crescer e a se encarnar em comunidades que mostram vitalidade e originalidade.

Compartilhamos o *sonho* de ser comunidades abertas e acolhedoras: espaços de Evangelho nos quais Jesus esteja no centro; onde – com os jovens – possamos viver o espírito de família típico de Valdocco e Mornese, no respeito a cada pessoa e na corresponsabilidade; espaços que preparem para uma inserção ativa na sociedade.

A fidelidade ao carisma exige o empenho de encontrar o equilíbrio entre o cuidado da vida espiritual e a gestão das obras, entre a busca do bem comum e a atenção ao

³⁷ *Cronistoria [dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice]*, organização G. Capetti, Roma, Istituto FMA 1977, vol. I, 97.

bem das pessoas. A *modalidade circular de animação* favorece a coordenação necessária para realizar tudo isso na comunidade.

Em continuidade com a intuição de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, acreditamos que seja tempo de ressignificar, e iniciar – em alguns contextos – uma *missão compartilhada* com os leigos que se encaixam nos valores humanos propostos, mesmo que não sejam cristãos. De modo particular, para falar do Evangelho aos jovens, sentimos que os melhores interlocutores são os próprios jovens, que mais facilmente falam a linguagem daqueles que não têm familiaridade com a fé e com os valores cristãos. É hora, portanto, de estar dispostas a deixar-nos transformar a partir da relação com eles.

Abertos ao protagonismo dos jovens

59. Como educadoras, escolhemos considerar os jovens não só como destinatários, mas como protagonistas da evangelização, *do anúncio de Jesus a outros jovens*. Por isso, na comunidade educativa é importante um projeto que privilegie o anúncio do Evangelho como *boa notícia* para a vida de muitos jovens, propondo caminhos diferenciados e assumindo, como comunidade educativa, a mentalidade de itinerário.

Urge fortalecer, em cada realidade educativa, o *núcleo animador*, para facilitar um processo de crescimento em humanidade, e uma proposta explícita de evangelização segundo o estilo salesiano, aberto e respeitoso de toda diversidade cultural ou religiosa.³⁸

Em escuta da sua necessidade de casa

60. Escutar os jovens nos põe em contato com as realidades deles. Vivendo muitas vezes em *situações familiares precárias*,³⁹ muitos deles sentem uma grande necessidade de casa e de pertença. Estão em busca de

³⁸ Cf. *Para que tenham vida*, n. 70.

³⁹ Cf. *Relatio Synodi* da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos bispos. *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*, Roma 18 de outubro de 2014, n. 60.

sentido para a própria vida, de responsabilidade, de protagonismo, de vínculos significativos, de solidariedade, de ideais a alcançar.

**Em
comunidade**

61. Considerando a pluralidade das situações locais e a diferença dos caminhos de cada Inspetoria, propomos algumas linhas de ação.

1. Assumir o *coração oratoriano*⁴⁰ como critério de renovação de nossas presenças e de nossas comunidades. Organizar os tempos e os espaços da comunidade em vista da missão, num clima de família, de fé e de alegria salesiana.

2. Comprometer-se a *estar com* as jovens e os jovens, escutando-os, mostrando confiança, acreditando neles, indo ao encontro deles lá onde estão: além dos ambientes tradicionais, também na praça ou na rua, na favela ou na mina, no mercado, na fábrica, no mundo digital, na universidade, no *shopping center*, no *bar*, etc.

3. Onde isso é possível, envolver no discernimento e nas opções relativas à *significatividade de nossas presenças*, os recursos presentes no lugar: Igreja local, Família Salesiana, especialmente as ex-alunas e os ex-alunos, o Vides ou outros organismos de voluntariado, o Escritório dos Direitos Humanos, outros grupos ou movimentos eclesiais.

**Com uma
modalidade
circular de
animação e
governo**

4. Ativar em nível geral, inspetorial e local, processos que tornem efetiva a estratégia da *coordenação para a comunhão*, tal como está indicado no Projeto Formativo⁴¹ e nas Linhas orientadoras da missão educativa⁴². Isso coloca em jogo todos os recursos e exige a releitura do estilo de animação/governo e da obediência, na

⁴⁰ Cf. ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE, *Oratorio cantiere aperto*, Roma, LAS 2013; *Para que tenham vida*, n. 164-166.

⁴¹ Cf. *Progetto Formativo*, pp. 133-148.

⁴² Cf. *Para que tenham vida*, n. 135-141.

ótica evangélica e salesiana, segundo as indicações do Magistério eclesial⁴³.

5. Promover uma *reflexão sobre a estrutura de animação e de governo*, em vista dos caminhos de reestruturação e/ou de ressignificação em andamento, no Instituto.⁴⁴

6. Investir, com projetualidade, na *formação das animadoras de comunidade* e das Irmãs que desempenham tarefas de animação em nível local e inspetorial, acompanhando a experiência delas no desempenho da responsabilidade que lhes foi confiada. Fazer com que elas possam cumprir de modo prioritário a sua tarefa, sem sobrecarga de atividades que não sobra tempo para a comunidade.

Da parte dos jovens

7. Propor aos jovens percursos formativos, de acordo com o paradigma pastoral do Instituto⁴⁵ no campo da nova evangelização. Fortalecer a *espiritualidade juvenil salesiana* em cada um dos nossos ambientes e, de modo particular, no acompanhamento do Movimento Juvenil Salesiano e na promoção do voluntariado.⁴⁶

8. Cuidar, com maior determinação, da formação de *comunidades vocacionais* e favorecer, em cada comunidade, a cultura vocacional, levando em conta as diferentes vocações na sociedade e na Igreja, com atenção especial àquelas da Família Salesiana. Ativar, nas presenças educativas, caminhos sistemáticos adequados e inculturados, dando atenção ao discernimento e ao acompanhamento vocacional das/os jovens.

⁴³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *O serviço da autoridade e a obediência* (11 de maio de 2008).

⁴⁴ Cf. *Relazione sulla vita dell'Istituto nel sessennio 2008-2014*, Roma, Istituto FMA 2014, n. 211-212; 248.

⁴⁵ Em relação a este paradigma, consultar as *Linhas orientadoras da missão educativa das FMA*.

⁴⁶ Cf. *Para que tenham vida*, n. 124-131.

9. Como comunidade educativa, ousar *opções criativas* para responder às necessidades das jovens e dos jovens que estão mais expostos a riscos, promovendo com eles uma cidadania ativa.⁴⁷

10. Aprofundar a questão antropológica, com seus desafios e perspectivas, à luz da *visão cristã da pessoa e de sua identidade*. Refletir, especialmente, sobre as temáticas da filiação⁴⁸, das relações familiares e da ideologia do *gênero*, para poder oferecer intervenções educativas adequadas.

11. Conhecer as atuais realidades familiares e deixar-nos interpelar por elas. Focalizar, junto às próprias famílias, uma *pastoral familiar*⁴⁹ em sintonia com as orientações eclesiais, para acompanhar os jovens no amadurecimento de uma visão da vida e da família, segundo os valores cristãos.⁵⁰

Missionárias de esperança e de alegria

**Como
Maria**

62. O encontro com o Deus da Vida é inseparável do encontro com as pessoas. Foi assim com Maria: plena de vida e de graça por parte de Deus, encontra os outros de modo novo. A primeira evangelizada se torna a primeira evangelizadora. Assim como ela, portadora de alegria a Isabel, abramo-nos a um *novo dinamismo missionário*. Em *saída*, como os discípulos de Emaús, fortalecidos na fé e na esperança, andemos com coragem e alegria em direção às *periferias juvenis* que necessitam

⁴⁷ Cf. Perspectiva social das *Linhas orientadoras da missão educativa das FMA*(cf. *Para que tenham vida*, n. 51).

⁴⁸ Cf. FARINA Marcella - SIBOLDI Rosangela - SPIGA Maria Teresa (a cura di), *Filialità. Percorsi di riflessione e di ricerca*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana 2014.

⁴⁹ Cf. *Relazione sulla vita dell'Istituto nel sessennio 2008-2014*, n. 111, 141, 214, 260.

⁵⁰ Cf. *Instrumentum laboris* da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos bispos. *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*, n. 50.

da luz do Evangelho.⁵¹ Assim nos aproximaremos com amor das pobreza, especialmente juvenis, porque os pobres são a face de Cristo, e encontrá-los permite-nos abrir os olhos, experimentar a misericórdia e doá-la aos outros. O maior serviço que podemos oferecer é a educação, porque acompanha o ser humano rumo à sua plenitude. A ação educativa se faz mais incisiva trabalhando em rede, especialmente com outros grupos da Família Salesiana, mas também em nível intercongregacional e em colaboração com outros recursos locais.

**Mediante
uma
renovada
presença
educativa**

63. A ação educativa em rede implica hoje *ressignificar nossas presenças* e pensar outras novas presenças na ótica da preventividade. Em contextos de novas pobreza, o empenho educativo pela *justiça*, a *paz* e a *integridade da criação*, a *defesa da vida*, são sinais que nos tornam creíveis diante de todos e nos abrem a uma missão compartilhada. Nesses novos contextos, somos chamadas a viver a caridade em perspectiva social, segundo a Doutrina Social da Igreja. Somente comunidades fortes e ricas de paixão educativa podem promover um pensamento original e dar sustentação aos empreendimentos criativos das pessoas e das instituições. Com isso, fazemos nossa a perspectiva educativo-social de Dom Bosco: «Nós não fazemos política, ou melhor, fazemos também política, mas de modo totalmente inócua, aliás vantajoso a todo governo. Nós tendemos a reduzir o número dos desordeiros, dos vagabundos, dos pequenos infratores e esvaziar as prisões. Essa é a nossa política».⁵²

⁵¹ Cf. *Evangelii gaudium*, n. 20.

⁵² *L'onomastico del padre e i figli a mensa con lui*, em *Bollettino Salesiano* 7 (1883) agosto, p. 128. Conferência de Dom Bosco aos ex-alunos.

**Comunhão
dos bens
a serviço
da missão**

64. Um sinal muito apreciado que nos torna creíveis, na sociedade de hoje, é a *comunhão dos bens* a serviço da missão, através de caminhos concretos, inculturados e verificáveis. Esses bens são fruto de uma sábia gestão na *construção da casa* que nos é confiada, como também de uma coerente autodelimitação em nível pessoal e comunitário. Os bens se multiplicam e crescem quando se tornam expressão de solidariedade, de equidade e de abandono confiante à Providência.

**Redes
sociais**

65. Nas *redes sociais*, a missionariedade nos pede que façamos emergir uma presença profética evangelizadora, que ajude a revelar o rosto de uma *Igreja em saída*, repleta da alegria de Cristo, a caminho com todos.

66. Considerando a pluralidade das situações locais e a diferença dos caminhos de cada Inspetoria, propomos algumas linhas de ação.

**Comunidade
em saída**

1. Na pluralidade dos contextos, das obras e das situações, buscar *sinais concretos* que expressem a nossa fidelidade ao carisma na *opção preferencial pelos mais pobres*.

2. Favorecer uma *cultura da paz* segundo o Evangelho. Educarmo-nos juntos a comportamentos não violentos, à legalidade, à tolerância, ao respeito de cada pessoa. Isso comporta unir-nos a outras pessoas e instituições, para denunciar estruturas de injustiça e de exploração.

3. Concretizar a *conversão ecológica* nas comunidades e nas propostas educativo-pastorais, de modo a reencontrar o gosto pela beleza da Criação e a admiração diante de suas maravilhas; maturar a capacidade crítica para perceber as injustiças presentes num modelo de desenvolvimento que não respeita as pessoas e o ambiente; adotar um *estilo de vida sóbrio* e respeitoso no

uso dos recursos naturais, também como responsabilidade para com as gerações futuras e solidariedade com os menos afortunados.

**que
evangeliza
num mundo
que muda**

4. Reafirmar, nas nossas comunidades educativas, o empenho da *Educomunicação* para viver hoje o Sistema Preventivo, à luz da visão antropológica proposta pelas *Linhas orientadoras da missão e das perspectivas pedagógicas de referência*.⁵³

5. Investir maiores recursos em nível central e inspetorial para a *formação de pessoas qualificadas* (FMA, jovens e adultos) para que adquiram competências comunicativas para o anúncio do Evangelho. Preparar FMA no campo catequético e pastoral e para o ensino da religião, valorizando o empenho direto na evangelização e na formação de animadores e catequistas.

6. Fazer emergir na Rede uma *presença evangelizadora* que crie cultura em defesa dos direitos dos mais pobres, em particular das jovens e das mulheres, e em favor da justiça e da paz.

7. Suscitar, em nível inspetorial e comunitário, momentos de reflexão e avaliação sobre o nosso modo de relacionar-nos com as *novas tecnologias da informação e da comunicação* e discernir, juntas, orientações sobre a relação entre a valorização desses canais comunicativos para a missão e a nossa opção de pobreza.

8. Trabalhar como comunidade educativa por uma *presença educativa profética no território* e na Igreja, em sinergia com a Família Salesiana e outros organismos empenhados na educação e na promoção da justiça, da paz, da economia solidária, da defesa da vida, dos direitos humanos e da integridade da criação.⁵⁴

⁵³ Cf. *Para que tenham vida*, n. 41-57.

⁵⁴ Cf. os documentos da Comissão Justiça Paz e Integridade da Criação (JPIC).

**Comunhão
dos bens**

9. Iniciar uma *rede de solidariedade*,⁵⁵ de modo a não reproduzir dentro do Instituto esquemas que gerem desigualdade, exclusão e empobrecimento. Compartilhar tempo, recursos econômicos e humanos, como expressão da comunhão de bens.

10. Constituir e/ou fortalecer *comunidades internacionais* também para o acompanhamento e o *apoio aos migrantes*, com atenção especial às crianças, aos jovens e às mulheres. Empenhar-se num *diálogo intercultural*, inter-religioso e ecumênico para encontrar novas vias de comunhão; iniciar um caminho que conduza da multiculturalidade à interculturalidade.

11. Ser disponíveis – com as próprias riquezas humanas, culturais, espirituais – a uma *maior mobilidade*, para enfrentar *insieme* e em rede as exigências da missão do Instituto e experimentar as dificuldades sofridas por tantas pessoas no mundo.

⁵⁵ Cf. INSTITUTO FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, *Cooperação ao desenvolvimento. Orientações para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*, Bologna, Editrice Missionaria Italiana 2006.

5. A CORAGEM DE OUSAR INSIEME GESTOS PROFÉTICOS

A ótica da educação preventiva

67. A vida consagrada precisa se renovar porque o Espírito Santo se manifesta de diferentes modos, de acordo com os tempos. A nós confia hoje a busca de novos caminhos para fazer com que a genuinidade do Evangelho chegue aos homens e às mulheres, especialmente aos jovens.

Cabe a nós *despertar o mundo* para a importância vital da educação evangelizadora, cooperar em favor de uma sociedade mais justa, na qual também os mais vulneráveis possam inserir-se com a dignidade de filhos de Deus e dar o próprio contributo.⁵⁶

Chamadas a desenvolver o carisma no hoje

68. Como FMA, sentimos a alegria de seguir Jesus que nos envia a abrir caminhos junto com os jovens, como fizeram Dom Bosco, Madre Mazzarello e muitas de nossas Irmãs.

A profunda renovação do modo de entender o amor ao próximo, principalmente graças ao Magistério dos últimos Papas, chama em causa as nossas comunidades e a proposta educativa que elas oferecem. A *dimensão social da evangelização*, indicada explicitamente na *Evangelii gaudium*, interpela toda a missão e abre novos âmbitos de atenção aos jovens mais pobres.

No terreno do carisma está depositada uma semente de profecia ainda não desenvolvida plenamente. Num tempo inédito, a audácia é um ato de amor em relação ao futuro.

69. Na Assembleia capitular ressoou, junto com as opções e as linhas de ação identificadas, a exigência de concordar passos comuns, em todo o Instituto, em re-

⁵⁶ Cf. FRANCISCO, *Discurso aos participantes no encontro mundial dos movimentos populares* (28 de outubro de 2014).

lação a respostas concretas aos grandes fenômenos que nos desafiam, para ser *sinal profético* no horizonte de uma renovada missionariedade.

A ser implementado sob a coordenação da Madre e do Conselho geral

1. Fenômeno migratório e comunidades interculturais

Ações em rede em favor dos migrantes

70. Encontrar, como Conferências interinspetoriais, modalidades para unir – comunidades FMA, os diversos grupos da Família Salesiana e as várias instituições civis e eclesiais – e aprofundar as causas das migrações e colaborar em projetos educativos que favoreçam a prevenção do fenômeno e o acompanhamento dos migrantes nos lugares de partida, de trânsito e de chegada. Agir de modo particular para proteger as crianças e as mulheres. Assumir a proposta de possíveis comunidades interculturais que se encarreguem desse serviço.

Insieme para o desenvolvimento do carisma

71. Como Instituto, acolhemos o empenho de dar início à reflexão nas Conferências interinspetoriais e nos diversos continentes, sobre os desafios relativos ao desenvolvimento do carisma e à necessidade de uma nova evangelização. Comprometemo-nos a continuar o processo *Reflexão Europa*, como *projeto* partilhado no Instituto para revitalizar a nossa presença, também mediante comunidades interculturais que reavivam o carisma nos diferentes contextos. Assim poderemos responder às urgências da evangelização, levando em conta as características demográficas das comunidades FMA e dos fenômenos complexos que perpassam o continente, de modo especial a secularização e o laicismo.

Comunidade de Jerusalém

72. Jerusalém, cidade de encontro das três grandes religiões monoteístas e ponto de referência espiritual para grande parte da humanidade, é um lugar particularmente significativo também para as FMA. Como Instituto,

sentimos a responsabilidade de sustentar uma comunidade intercultural que exprima solidariedade com os cristãos presentes na Terra Santa e que seja sinal de paz e de diálogo entre as pessoas de diferentes credos.

2.Comunhão dos bens

73. Comprometemo-nos a partilhar efetivamente os bens (pessoas, recursos, bens materiais, dinheiro) nas comunidades, nas Inspetorias e em todo o Instituto, para ser profecia de fraternidade no mundo atual em que crescem as desigualdades, para ir ao encontro dos mais pobres e para responder às emergências que surgem nas diversas partes do Instituto e do planeta.

- O Conselho geral estudará as modalidades concretas para uma maior circulação de bens no Instituto, elaborando diretrizes para a economia, segundo as orientações da Santa Sé e em diálogo com as Inspetorias.

- As realidades inspetoriais e locais comprometer-se-ão em viver de modo mais radical o artigo 25 das *Constituições* e os artigos 17 e 18 dos *Regulamentos*.

- Como Instituto, estaremos atentas às situações de emergência no mundo (epidemias, guerras, calamidades naturais...) buscando modalidades para juntas enfrentá-las, na linha da educação preventiva, mediante gestos de solidariedade em nível econômico e/ou com o envio de pessoal e com projetos adequados.

A ser implementado em nível inspetorial e/ou interinspetorial

Oratório Centro Juvenil

74. No Bicentenário do nascimento de Dom Bosco, reavivamos a paixão do “coração oratoriano” como traço característico da identidade salesiana. Em continuidade com o XXII CG, nos comprometemos a encontrar caminhos novos para a educação não formal e popular, também fora de nossas casas. Em particular, nos propo-

mos, como comunidade educativa, o *projeto Oratório Centro Juvenil* para dar qualidade educativa às experiências já existentes e promover outras modalidades criativas, de modo a dar resposta aos jovens sem trabalho, abandonados, migrantes, explorados, que vivem pelas ruas.

O Oratório-Centro Juvenil é lugar privilegiado de experiência missionária e vocacional. Esse é um modo para concretizar a atenção às diversas periferias, criando solidariedade entre os jovens e dando oportunidade de crescimento também através de experiências de economia solidária.

ANEXO

Uma interpretação artística do texto bíblico dos discípulos de Emaús



As três cenas desta imagem falam de escuta, encontro e decisão de retomar o caminho. O que foi vivido como experiência capítular se torna paradigma para toda comunidade educativa.

O processo de renovação acontece quando a comunidade educativa se coloca à escuta da realidade, abre-se ao diálogo, torna-se disponível a reler a experiência à luz do encontro com Jesus. Ele motiva a ir ao encontro dos outros com entusiasmo, com alegria, na consciência de que somos discípulos missionários.

Na pintura de Elda Broilo, religiosa scalabriniana do Brasil, a reinterpretação atualizada do texto dos discípulos de Emaús (*Lc 24,13-33*) é apresentada em três cenas que ela descreve assim:

Primeira cena. Jerusalém, o templo, uma luz no meio das casas do povo e o caminho que leva a Emaús. A luz é a força evangélica da partilha do Pão, da Palavra, do serviço, do perdão, da unidade, do mandamento: “amai-vos uns aos outros”. Ali Jesus tinha vivido a ceia de despedida, com suas últimas recomendações. Os discípulos caminham desiludidos e medrosos, na direção da noite. O menino olha para a luz,

para o lugar da esperança e da vida. Durante o trajeto, Jesus se aproxima deles, recorda a história do povo de Israel, reaviva a memória. O coração dos discípulos se aquece, arde. Eles o convidam a ficar com eles, porque já está anoitecendo.

Segunda cena. Jesus aceita o convite, entra na casa, senta-se, toma o pão nas mãos, o abençoa e o dá a eles. Repete o gesto da última ceia. Os discípulos são envolvidos por uma esplêndida luz e seus olhos se abrem. Eles representam as duas atitudes de quem segue Jesus. A primeira figura tem o rosto sério, inclinado, silencioso, resignado e contemplativo do Grande Hóspede, Jesus Cristo, feito Pão e Palavra. A segunda figura é a de uma mulher com o rosto cheio de alegria, voltado para a humanidade, com as mãos abertas para servir, os pés prontos a retomar o caminho, a bolsa ao alcance da mão, fortificada pelo encontro com Jesus.

Terceira cena. Os discípulos estão envolvidos por um círculo de luz forte e brilhante. Retornam apressados a Jerusalém para se encontrarem novamente com os outros e contar-lhes tudo o que aconteceu. Nessa partilha, nada de medo: revigoram a experiência e se deixam tomar pela força de Jesus Cristo ressuscitado. Compreendem que a eficácia da missão depende da profunda e consciente intimidade com o Senhor e da comunhão com os irmãos e as irmãs.



Segunda parte

DECISÕES E MODIFICAÇÕES DE ARTIGOS DAS CONSTITUIÇÕES E DOS REGULAMENTOS

Decisões do XXIII CG
Artigos das Constituições e dos Regulamentos
modificados pelo XXIII CG





DECISÕES ASSUMIDAS PELO XXIII CAPÍTULO GERAL

Premissa

75. Além do estudo do tema: *Ser hoje com os jovens casa que evangeliza*, a Assembleia capitular examinou as 160 Propostas vindas de Capítulos inspetoriais, Conferências interinspetoriais, Inspetorias, comunidades ou de FMA individualmente.

A Comissão designada para a revisão das Propostas fez um estudo cuidadoso sobre as mesmas e o apresentou às Capitulares.

1. Reflexões partilhadas sobre as Propostas que chegaram ao XXIII CG e Decisões

76. Algumas Propostas foram tomadas em consideração na reflexão capitular, enquanto se referiam diretamente ao tema do Capítulo; outras eram sugestões concretas sobre aspectos da nossa vida, que dizem respeito a realidades inspetoriais e/ou locais. Algumas Propostas tratavam de aspectos já aprovados, ou presentes nas Constituições ou nos Atos dos Capítulos gerais.

Algumas Propostas, a serem executadas, foram confiadas às Conferências interinspetoriais, às Inspetorias ou ao Conselho geral. Outras foram discutidas em Comissão e submetidas à aprovação da Assembleia.

Algumas Propostas que tratavam de dimensões da nossa vida consagrada salesiana foram refletidas e compartilhadas, por ex. *o encontro pessoal* e a dimensão vocacional da Pastoral juvenil. Relativamente ao *encontro pessoal* foram apontadas as causas da pouca valorização desse importante elemento da tradição salesiana, e nos questionamos sobre o que fazer para vivê-lo segundo a nossa espiritualidade, focalizando alguns caminhos concretos a percorrer.

Compartilhou-se também a necessidade de fazer a *reimpressão do texto das Constituições e dos Regulamentos*, para unificar os artigos que no decorrer desses anos foram modificados nos Capítulos gerais. Isso implica também a revisão cuidadosa das traduções nas várias línguas, a fim de que elas espelhem fielmente o texto em língua italiana.

Decidiu-se elaborar um *comentário prático às Constituições*, para oferecer adequadas chaves de leitura dos artigos e facilitar a assimilação vital da nossa Regra de vida.

2. Tarefas confiadas ao Conselho geral

A Assembleia do XXIII CG confiou algumas tarefas à Madre e ao Conselho geral. Algumas delas serão tomadas em consideração por todo o Conselho, outras singularmente por Âmbitos.

77. * Envolver as Conferências interinspetoriais na reflexão sobre a figura da Conselheira Visitadora a ser apresentada no próximo Capítulo geral. A finalidade é qualificar sempre mais o conhecimento e a continuidade de acompanhamento das Inspetorias.

* Refletir sobre as Propostas relativas à animação e governo, à interação entre os Âmbitos em nível de programação, de modo a garantir maior convergência e sinergia, e às comunidades interculturais.

* Continuar acompanhando as casas de Mornese e de Nizza Monferrato para que possam cumprir sua finalidade como lugares da memória e da espiritualidade das origens.

Considerou-se oportuno confiar a reflexão sobre a *pastoral familiar* ao Âmbito da Pastoral juvenil; o *fenômeno migratório* ao Âmbito Missões, o aprofundamento sobre *encontro pessoal* ao Âmbito da Formação, sempre em diálogo com todo o Conselho geral.

O estudo sobre a relação entre *evangelização e educação* e a proposta de um Observatório sobre a realidade juvenil poderão ser feitos pelo Âmbito da Pastoral juvenil, em colaboração com a nossa Pontifícia Fa-

culdade de Ciências da Educação “Auxilium” e com a Universidade Pontifícia Salesiana.

3. Revogação da decisão do XXII CG sobre a “Permissão de ausência da casa religiosa para as Irmãs de votos temporâneos”

78. A Assembleia capitular revogou a disposição sobre a Permissão de ausência da casa religiosa para as Irmãs de votos temporâneos (cf. Atos do XXII CG, n. 47).

Motivação

Tal disposição resulta contrária às Constituições, porque dá à Inspetora a faculdade que é reservada à Superiora geral (cf. art. 105), e contraria também o Código de Direito Canônico, enquanto tal disposição não prevê o consenso do Conselho inspetorial, mas apenas o parecer (cf. can. 665 § 1).

Decidiu-se manter a possibilidade de dar a licença de ausência a uma Irmã de votos temporâneos, modificando, nesse sentido, os relativos artigos das Constituições (cf. art. 134p) e dos Regulamentos (cf. art. 101).

4. Interpretação prática do art. 105 das Constituições relativo à ausência da casa religiosa.

79. O XXIII Capítulo Geral, de acordo com as Constituições (cf. art. 171), define a seguinte interpretação prática do art. 105 das mesmas Constituições:

«A ausência prolongada da casa religiosa, para a qual se requer a permissão nos termos do art. 105 das Constituições, é a que supera três meses. Para toda ausência inferior a esse tempo é competência da Inspetora dar a licença, continuando igual o que estabelecem os artigos 44-46 dos Regulamentos».

Motivação

A interpretação prática esclarece o que se entende por *ausência prolongada*, ausência que requer autorização da Superiora geral. O can. 665 § 1 do Código de Direito Canônico estabelece: «Os religiosos devem habitar na própria casa religiosa, observando a vida comum e não podem se ausentar dela sem licença do Superior. *Caso se trate de uma ausência prolongada*, o Superior maior, com o consenso do seu conselho e por justa causa, pode permitir a um religioso viver fora da casa do Instituto, mas não por mais de um ano, a menos que seja por motivos de saúde, de estudo ou de apostolado a desempenhar em nome do Instituto».

A interpretação prática esclarece por isso que a *ausência inferior a três meses* não deve ser considerada uma ausência prolongada e, como tal, pode ser autorizada pela Inspetora. Toda ausência superior a três meses deve ser concedida pela Superiora geral, observando as disposições do art. 101 dos Regulamentos.

ARTIGOS DAS CONSTITUIÇÕES E DOS REGULAMENTOS MODIFICADOS PELO XXIII CG

Premissa

80. No bicentenário de nascimento de Dom Bosco acolhemos de modo renovado o chamado a reavivar a fidelidade ao projeto de vida que ele nos traçou nas Constituições, sinal de seu amor por nós, FMA, e pela missão educativa que Deus e Maria Auxiliadora nos indicam hoje. Dom Bosco mesmo deixou claro no seu testamento espiritual: «Se me amastes no passado, continuai a amar-me no futuro com a exata observância das nossas Constituições».¹¹

Por isso, nos empenhamos a continuar o aprofundamento e a assimilação vital das Constituições e dos Regulamentos.

A Assembleia capitular procedeu à aprovação de vários artigos das Constituições e dos Regulamentos modificados em base ao trabalho realizado por uma Comissão constituída pela Madre e pelo Conselho geral, conforme o que foi solicitado pelo XXII Capítulo. A Comissão estudou a possibilidade e a modalidade:

- de transferir para os *Regulamentos* algumas prescrições de artigos das *Constituições* que poderiam mudar com a variação dos tempos e as exigências dos lugares;
- de usar uma linguagem inclusiva do gênero feminino;
- de atualizar as notas com referências aos documentos eclesiais recentes.²²

No que diz respeito à primeira tarefa, a Comissão propôs a transferência de algumas disposições das Constituições para os Regulamentos, nos casos em que isso resultava possível (cf. art. 163. 165.166.167.169.170).

¹ MB XVII 258.

² Cf. *Maior do que tudo é o amor. Atos do XXII Capítulo geral*, Roma, Instituto FMA 2008, n. 50.1.

Atualizou a terminologia em alguns artigos, seja para adaptá-la ao Código de Direito Canônico, seja para evitar termos inadequados ao contexto atual. Quanto à linguagem inclusiva procurou-se incluir os jovens na fórmula da profissão religiosa (art. 10) e no artigo sobre a comunidade local (art. 163). Foram acrescentados “os ex-alunos” no artigo 74.

O estudo aprofundado das Constituições e dos Regulamentos levou a Comissão a propor outras modificações ao texto vigente, sobretudo relativas à Conselheira para a Família Salesiana (art. 129 bis), ao Conselho local (art. 166), à Ecônoma (art. 131. 154. 170).

Relativamente às notas dos vários artigos das Constituições, procedeu-se à elaboração de um fascículo intitulado: *Atualização das notas das Constituições com referências aos documentos eclesiais recentes*. Nele estão contidas as referências aos cânones do Código de Direito Canônico que se referem a vários artigos.

Considerando as alterações nas Constituições, procedeu-se em seguida à alteração de diversos artigos dos Regulamentos, para atualizar a terminologia, para adequar o conteúdo dos artigos à normativa do Direito Canônico e para integrar alguns aspectos que se tornavam necessários para maior clareza do texto.

Dois artigos são novos (cf. art. 60 bis e 132) e dois inteiramente modificados (cf. art. 130 e 131).

Os artigos relativos à Ecônoma geral, inspetorial e local foram modificados levando em conta as integrações feitas nos artigos das Constituições.

Todas as alterações feitas nos artigos das Constituições foram aprovadas pela Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica na data de 16 de outubro de 2014 (cf. Prot. n. T. 41- 1/2002).

CONSTITUIÇÕES

10. A fórmula da nossa profissão religiosa é a seguinte:

**Com a nossa
profissão
de fidelidade
a Deus**

Deus Pai, tu me consagraste no Batismo
e me chamas agora, com a força do teu Espírito,
a seguir Jesus Cristo mais de perto,
para participar mais intimamente
de sua missão salvífica na Igreja.

Em resposta ao teu amor
eu me comprometo a viver com radicalidade
as bem-aventuranças do Reino,
em comunhão com minhas Irmãs,
anunciando Cristo às jovens **e aos jovens**
segundo o espírito de São João Bosco
e de Santa Maria Domingas Mazzarello.

Hoje, diante da comunidade
e dos irmãos aqui presentes,
eu Irmã
com plena liberdade me entrego inteiramente a ti;
faço voto de castidade, pobreza e obediência
(por um ano – por dois anos – em perpétuo)
nas mãos de
(Superiora geral
ou Delegada da Superiora geral)
segundo o caminho evangélico
traçado nas Constituições
do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Confiando na tua graça,
na intercessão de Maria SS. Auxiliadora
e dos nossos Santos,
e com a ajuda de minhas Irmãs,
quero viver fielmente, para a tua glória,
o compromisso que assumo na minha profissão.
Amém!

Motivação

Acrescenta-se “aos jovens” porque de fato a nossa missão não se dirige somente às jovens.

74. Fiéis ao ensinamento da Igreja
e de acordo com a nossa tradição,
manteremos uma relação de cordial amizade
com as ex-alunas **e os ex-alunos**,
oferecendo a eles o acolhimento próprio
do nosso espírito de família.

**As ex-alunas
e os
ex-alunos**

Pela educação recebida
as ex-alunas **e os ex-alunos fazem parte**
da Família salesiana.
A pertença deles se torna mais estreita quando
se inserem na Associação
promovida pelo Instituto.

Por isso, os estimularemos a se inserir nela,
a se empenhar com estilo salesiano na família,
na comunidade eclesial, na sociedade
e a colaborar nas nossas obras.

R 59.64.68

Às ex-alunas e aos ex-alunos pertencentes
a outras tradições religiosas ou não crentes
proporemos finalidades adequadas,
para que possam viver e transmitir aos outros
os valores assimilados durante a própria formação.

Motivação

O texto leva em conta o fato de que com as ex-alunas há também os ex-alunos que fazem parte da Associação promovida pelo Instituto. No que se refere à relação com a Família salesiana, os níveis de pertença a ela foram esclarecidos na Carta de Identidade da Fa-

mília salesiana publicada em 2012 e o texto modificado espelha tal gradualidade.

Substituiu-se a expressão “não cristãos” para adequá-la à atual sensibilidade inter-religiosa e à terminologia adotada em alguns Documentos eclesiais.

75. A dimensão missionária

– elemento essencial da identidade do Instituto
e expressão da sua universalidade –
está presente na nossa história desde as origens.

A dimensão missionária do Instituto

Trabalhamos entre as populações
às quais ainda não chegou
o anúncio da Palavra,
para que possam encontrar em Cristo
o significado profundo de suas aspirações
e dos seus valores culturais.

Fazendo-nos presença de Igreja,
contribuímos para maturar
nesses nossos irmãos,
– especialmente nos jovens –
a experiência do amor pessoal de Deus,
que poderá fazer nascer neles
o desejo de acolher o Evangelho
e de ser, por sua vez, testemunhas e apóstolos.

R 64. 69-72

Como as primeiras Irmãs de Mornese,
procuraremos incrementar em todo ambiente
o interesse **pelos desafios** da evangelização
e dar impulso às vocações missionárias.

Motivação

A modificação é motivada pela exigência de atualizar a terminologia.

	121. Além das tarefas estabelecidas pelo Direito uni- versal compete à Superiora geral particularmente:
Competências da Superiora geral	a. representar oficialmente o Instituto;
	b. convocar e presidir o Conselho geral;
	c. dar às Conselheiras gerais outras eventuais atribuições além daquelas já prescritas pelas Constituições;
R 80	d. verificar que a administração econômica responda aos fins que lhe são próprios;
R 112	e. confirmar a admissão aos votos temporâneos e perpétuos;
R9	f. transferir definitivamente as Irmãs de uma inspetoria a outra;
R9	g. conceder a permissão de mudar o testamento;
R9	h. conceder a uma Irmã de votos perpétuos, que o requeira por motivos especiais, a licença para renunciar aos próprios bens patrimoniais;
	i. exonerar, por justa causa e com o parecer do seu Conselho, em casos particulares, da observância de uma disposição disciplinar dos Regulamentos;
	j. convocar e presidir o Capítulo geral e apresentar o relatório sobre o estado do Instituto;
	k. nomear a Reguladora do Capítulo geral;
	l. aprovar a substituição de uma Inspetora ou de uma Superiora de visitadoria impedida de participar do Capítulo geral;
	m. convidar para o Capítulo geral Irmãs ou outras pessoas competentes em setores especiais;

- n. promulgar os Atos do Capítulo geral;
- o. apresentar à Santa Sé,
para a devida aprovação,
eventuais modificações das Constituições
feitas pelo Capítulo geral.

Motivação

Nas Constituições faltava uma disposição sobre a faculdade de dispensar. No nosso Direito próprio há um certo número de normas disciplinares – na verdade muito exíguo – que poderiam precisar de ser dispensadas. Aqui se optou pela faculdade de dispensa dos Regulamentos. Ao mesmo tempo foram transferidas para os Regulamentos algumas normas relativas à Diretora e ao Conselho local, que eventualmente podem ter necessidade de ser dispensadas.

- 129 bis.** A Conselheira para a Família salesiana oferece orientações para que o Instituto dê o seu aporte original
- feminino e mariano -
 - ao crescimento da comunhão e da colaboração na Família salesiana.
- Acompanha** com particular atenção **a Associação** das ex-alunas/os para que esses realizem com responsabilidade e autonomia sua vocação laical.
- Compartilha com os Salesianos de Dom Bosco a animação da Associação dos Salesianos Cooperadores e da Associação de Maria Auxiliadora.**

Motivação

Suprimiu-se o último parágrafo porque a promoção da mulher e a defesa da vida são cuidados transversais à animação do Instituto e não específicos desse Âmbito.

Ao invés é próprio da Conselheira para o Âmbito da Família salesiana colaborar com os Salesianos na animação da Associação dos Salesianos Cooperadores e da Associação de Maria Auxiliadora.

A proposta de redação foi submetida ao Reitor-Mor da Congregação Salesiana e aprovada por ele.

- | | |
|--|--|
| A
Conselheira
para as
missões | 130. A Conselheira para as missões
tem a responsabilidade de dar impulso
à ação missionária do Instituto
entre os povos em via de evangelização.

Terá especial atenção
aos desafios das nossas missões
e se interessará pelas missionárias,
promovendo sua preparação
e atualização. |
|--|--|

Motivação

A modificação foi feita por necessidade de atualizar a terminologia.

- | | |
|----------------------------|--|
| A Ecônoma
Geral | 131. A Ecônoma geral,
na dependência da Superiora geral
e de acordo com o Conselho,
administra e gere com transparência,
no respeito das leis canônicas e civis,
os bens móveis e imóveis do Instituto
e faz, periodicamente, a prestação de contas
à Superiora geral e ao seu Conselho.

Coordena e examina a administração
dos bens materiais das várias inspetorias
e proporciona às ecônomas
uma orientação fraterna e eficaz.

Será sempre animada pela caridade
e terá presentes
como critérios orientadores de seu agir |
|----------------------------|--|

a pobreza religiosa, **a comunhão dos bens**
e as exigências apostólicas do Instituto.

Motivação

Inseriu-se o termo “gerir” porque interpreta melhor o papel atual da Ecônoma que é mais amplo do que a simples administração e prestação de contas. Ele exprime também o sentido da coordenação e da colaboração exigidos a quem hoje se ocupa da atividade econômica. O termo “transparência”, segundo as Linhas orientadoras para a gestão dos bens emanadas pela Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, é uma característica essencial da atividade desempenhada em nível econômico, sempre no respeito às leis canônicas e civis.

Considerou-se oportuno também inserir “comunhão dos bens” porque é uma dimensão do nosso voto de pobreza que exige uma animação coordenada e a corresponsabilidade de todo o Instituto.

- 134.** O Conselho geral será convocado
a cada mês e todas as vezes que,
a critério da Superiora geral,
assim exigirem os interesses do Instituto.

Competências do Conselho geral

Ordinariamente ele auxilia
a Superiora geral
com *função consultiva*.

No entanto, a Superiora deve ter
o *consenso* do seu Conselho
para decidir nos seguintes casos:

[...]

h. nomeação das Inspetoras
e das Superiores de visitadoria
após consulta prévia;

prorrogação, **por não mais de 6 meses**
do mandato de uma Inspetora,
de uma Superiora de visitadoria,
de um membro do Conselho inspetorial
ou de visitadoria, de uma Diretora;

[...]

R 101

p. permissão de ausência da casa religiosa
– de acordo com as normas canônicas -
à **professa**
que o requeira por justos motivos;

Motivação

Ponto h: *A expressão “por algum tempo” era ambígua e discutível. A indeterminação do texto constitucional podia prestar-se a abusos.*

Ponto p: *Foi modificado o art. 101 dos Regulamentos para permitir, em casos excepcionais, também às Irmãs de votos temporâneos pedir à Superiora geral a permissão de ausência (em linha com as deliberações dos Capítulos gerais XXI e XXII). Por isso era necessário modificar também o presente artigo.*

**Circunscrições
jurídicas:
inspetorias
visitadorias**

142 bis. O Instituto se organiza
em circunscrições jurídicas
denominadas inspetorias e visitadorias,
eretas canonicamente pela Superiora geral
com o consenso do seu Conselho,
após oportuna consulta
às comunidades interessadas.

As visitadorias são constituídas por estatuto
especial
correspondente à situação de cada uma.
**Elas são equiparadas às inspetorias,
salvas as condições eventualmente
postas no estatuto.**

Motivação

Acrescenta-se o parágrafo que anteriormente se encontrava no art. 160 das Constituições (modificado em 1984). Tal artigo foi suprimido em 1996, mas esta disposição fundamental não foi transferida para um outro artigo. Por isso não se encontrava no texto das Constituições a equiparação das visitadorias às inspetorias, que de fato está em vigor, mas sem encontrar sustentação no texto constitucional.

Competências do Conselho inspetorial	152. O Conselho inspetorial será convocado e presidido pela Inspetora ordinariamente uma vez por mês e também com mais frequência, se necessário. É de sua competência o estudo da realidade da Inspetoria para um melhor serviço de animação.
R 113	A Inspetora deve ter o <i>consenso</i> do seu Conselho para decidir nos seguintes casos: [...]
R 102	O Conselho inspetorial coadjuva a Inspetora com <i>função consultiva</i> nos seguintes casos: 1. admissão ao postulado; 2. exclusão, por justa causa, da renovação da profissão ou da profissão perpétua; 3. distribuição do pessoal nas casas e designação dos principais encargos das Irmãs; 4. nomeação das Conselheiras e das Ecônomas locais após entendimento com as Diretoras interessadas; e os outros casos indicados pelo Direito universal e pelo Direito próprio.

As Conselheiras são obrigadas a guardar segredo sobre os assuntos que o requeiram.

Motivação

O texto atual não contempla todos os casos em que se requer o parecer do Conselho inspetorial. O texto proposto no n. 2 corresponde à disposição do Código de Direito Canônico (can. 689 § 1) já presente nos nossos Regulamentos no art. 102 (conforme a modificação de 1984). A cláusula final “os outros casos indicados no direito...” mostra que o elenco mencionado não está completo e poderia ser ampliado ulteriormente.

A Ecônoma inspetorial

154. A Ecônoma inspetorial,
que pode ser uma das Conselheiras,
administra **e gere,**
no respeito às leis canônicas e civis,
os bens móveis e imóveis
da Inspetoria na dependência da Inspetora
e de acordo com o Conselho,
a quem deverá apresentar
periodicamente um relatório
do andamento econômico
e financeiro da Inspetoria.

Cabe a ela coordenar e **examinar**
a administração dos bens materiais das casas
e redigir o relatório administrativo anual
a ser enviado à Ecônoma geral.

Em seu trabalho aja sempre
com caridade, prudência, **transparência,**
lealdade e senso apostólico,
dando testemunho de pobreza
e de confiança na Providência,
promovendo a comunhão dos bens.

É nomeada pela Inspetora
com o consenso do seu Conselho
de acordo com o artigo 152 d.

R 115-117 Permanece no cargo por três anos e pode ser nomeada ainda até um máximo de quatro triênios consecutivos na mesma Inspetoria.

Motivação

Para algumas modificações vale a motivação apresentada para o art. 131. Aqui se julgou oportuno acrescentar o aspecto “financeiro” por ser um aspecto importante a ser monitorado como Conselho, pela relevância que essa dimensão está assumindo hoje.

163. Cada comunidade nossa
é reunida no nome do Senhor,
por um desígnio de amor e de salvação.

**A
comunidade
local**

Vive numa casa legitimamente constituída
e se organiza de acordo com as Constituições
e as exigências da missão.

As Irmãs que para aí são enviadas pela obediência
desempenham corresponsavelmente
a tarefa apostólica recebida do Instituto
a serviço das jovens **e dos jovens**
na Igreja particular.

Para cada comunidade é designada como Diretora
**uma professora perpétua
nomeada pela Inspetora
com o consenso do seu Conselho
nos termos do artigo 152 c.**

Motivação

A determinação dos anos de profissão requeridos para a nomeação de uma Diretora foi transferida para os Regulamentos, porque segundo

o Código de Direito Canônico «o período adequado de tempo após a profissão perpétua» só deve ser indicado nas Constituições para as superiores maiores. Para as outras superiores pode ser indicado também num outro texto do Direito próprio (cf. can. 623).

O acréscimo é consequência da supressão do art. 165, que foi transferido para os Regulamentos, mas o parágrafo acrescentado aqui deve permanecer nas Constituições, segundo as indicações do Código.

165. (suprimido - 2014)

Motivação

Uma parte do artigo relativo à nomeação da Diretora foi antecipada no art. 163 das Constituições.

A outra parte foi transferida para os Regulamentos (art. 123).

166. A Diretora no seu serviço de autoridade se vale da colaboração de um Conselho composto pela Vigária e por outras Conselheiras, em número adequado às exigências da comunidade e das obras.

O serviço de animação na comunidade local

A Ecônoma, quando não é Conselheira, participa das reuniões do Conselho, sem direito de voto.

Nas comunidades com menor número de membros, ou com obras menos complexas, a critério da Inspetora a função do Conselho pode ser desempenhada pela Vigária e/ou pela Ecônoma, com o envolvimento de cada Irmã da comunidade.

Motivação

O artigo que tinha sido modificado diversas vezes nos últimos Capítulos gerais não correspondia ao espírito do serviço de autoridade nos

Institutos religiosos. O Código de Direito Canônico estabelece, de fato, como regra geral, a presença do Conselho junto a cada Superior (cf. can.627 §1).

O texto proposto, embora mantendo a possibilidade de não constituir o Conselho local nas comunidades pequenas, atribui ao texto a ótica correta, isto é, a regra geral é a constituição do Conselho; como exceção existe a possibilidade de não constituí-lo.

167. As Conselheiras são nomeadas pela Inspetora com o parecer do seu Conselho como prescreve o artigo 152,4 e de acordo com a Diretora.

**Nomeação
das
Conselheiras
loais**

Desempenham as atividades a elas confiadas com espírito de iniciativa, em leal entendimento entre si e com a Diretora.

**Tarefa de
reflexão e de
animação**

Com a colaboração fraterna, e mais ainda com o testemunho da própria vida, procurem ser válida força de coesão na comunidade **e favoreçam a coordenação para a comunhão.**

R 125

Motivação

As disposições sobre os requisitos das Conselheiras e sobre o seu tempo de permanência no cargo foram transferidas para os Regulamentos (art. 125).

O acréscimo de “coordenação para a comunhão” corresponde ao que está indicado no Projeto formativo do Instituto.

**169. A Vigária
é a primeira e mais direta colaboradora da Diretora.**

A Vigária

Faz as vezes dela quando estiver ausente ou impedida de cumprir o próprio cargo, e a ajuda no governo ordinário da comunidade.

R 125 Dela se requer fidelidade e diligência,
delicada atenção e prudente caridade.

Motivação

O último parágrafo do artigo, relativo aos anos de Profissão religiosa como requisito para a nomeação da Vigária local, foi transferido para os Regulamentos (art. 125).

170. A Ecônoma é nomeada pela Inspetora
nos termos do artigo 152, 4.

A Ecônoma Deve ser professa de votos perpétuos
local e pode ser escolhida entre as Conselheiras.

A Ecônoma administra
e gere com transparência,
no respeito às leis canônicas e civis,
os bens móveis e imóveis da casa
em espírito de caridade e de pobreza,
segundo as Constituições,
na dependência da Diretora
e de acordo com o seu Conselho
a quem apresentará **periódico** relatório;
nos modos mais oportunos,
isso será feito também à comunidade.

R 22.125.
127-129 Desempenhe seu encargo
com retidão, **benevolência** e desapego,
atenta às necessidades das Irmãs
e às exigências das obras apostólicas.

Motivação

Para algumas modificações vale a motivação apresentada para o art. 131. A duração do encargo foi transferida para os Regulamentos (art. 125).

Julgou-se oportuno retirar a frequência mensal com a qual a Ecônoma dá relação da atividade administrativa, para uniformizar a prescrição

aos outros artigos relativos às Ecônomas que falam de uma frequência periódica. Uma maior explicitação sobre este ponto está contida nos Regulamentos.

Acrecentou-se “nos modos mais oportunos, isso será feito também à comunidade”, porque na ótica da coordenação para a comunhão consideramos importante que cada Irmã esteja a par dos aspectos econômicos da comunidade, tanto em nível de conhecimento quanto de responsabilidade.

171. A interpretação autêntica das Constituições cabe unicamente à Santa Sé.

A interpretação das Constituições	A Superiora geral com o seu Conselho ou o Capítulo geral podem dar uma interpretação delas para a aplicação prática.
--	---

Motivação

A modificação é ditada pela exigência de atualizar a terminologia.

172. A vida e a missão das Filhas de Maria Auxiliadora são reguladas pelo Direito universal da Igreja e pelo Direito próprio do Instituto.

Relação entre Constituições e Regulamentos	As Constituições, que são o código fundamental , encontram especificações e aplicação prática nos Regulamentos, que têm valor prescritivo para todo o Instituto.
---	---

Os eventuais acréscimos aos Regulamentos, elaborados segundo exigências locais das diversas inspetorias - ou grupos de inspetorias - serão recolhidos em “Anexos” particulares, aprovados pela Superiora geral

com o consenso do seu Conselho
sob proposta das Inspetoras
e dos respectivos Conselhos.

R 132

Outras normas de Direito próprio estão expressas nas deliberações do Capítulo geral e em outros textos, diversamente denominados e adotados como tais pela Autoridade competente.

Motivação

É oportuno indicar que não só as Constituições e os Regulamentos são fontes de direito para o Instituto (cf. can.587 §4), mas que todas as normas de Direito próprio devem ser observadas (cf. can.598 §2).

OUTRAS CORREÇÕES FEITAS EM ARTIGOS DAS CONSTITUIÇÕES

Em seguida são apresentados os artigos nos quais foram corrigidas algumas imprecisões:

1. *Delegações*, substituído por **Visitadorias**: artigos 27 e 117.

Motivação

O Capítulo de 1984 previu as Visitadorias e mudou o conceito de Delegação. O texto vigente, na maioria dos artigos, respeita essa modificação. Apenas os dois artigos indicados trazem ainda a velha terminologia.

2. *Direito comum* substituído por **Direito universal**: artigos 27, 85, 105, 117, 136, 145.

Motivação

Nesses casos se trata de atualização da terminologia, segundo o Código de Direito Canônico.

No que se refere ao direito que abrange toda a Igreja, o Código usa o termo “Direito universal”. As modificações feitas às Constituições a partir de 1984 respeitam essa terminologia. Trata-se de atualizar e unificar a terminologia.

REGULAMENTOS

- C2 2. Para conhecer e aprofundar o espírito do Instituto e para crescer no sentido de pertença, nos empenharemos em valorizar **as fontes**, os estudos de caráter histórico e biográfico, as várias publicações relativas ao patrimônio espiritual salesiano e as circulares da Madre.

As Superiores promovam o estudo da língua do Fundador, para facilitar às Irmãs o contato direto com as fontes da salesianidade. Mantenha-se o louvável costume de traduzir nas várias línguas as obras mais significativas.

Motivação

O acréscimo feito, com a finalidade de completar o texto, foi necessário em vista de uma maior valorização das fontes históricas do Instituto.

- C 17 6. Consciente da própria fragilidade humana, cultive uma **atitude de discernimento e de ascese**.
- Ao se inserir nos ambientes digitais, no uso das tecnologias da informação e da comunicação,**

na escolha de leituras, seja guiada por critérios de retidão, de prudência, **do bom emprego do tempo, em vista do** enriquecimento pessoal, **comunitário e apostólico.**

Motivação

As modificações refletem a situação atual em que, para viver em fidelidade a castidade consagrada, é preciso vigiar não apenas sobre as leituras e sobre os mass media, mas sobre o modo de se inserir no ambiente digital e sobre o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação.

11. As Irmãs autoras de publicações, após terem assinado com prévia autorização da Inspetora, o contrato com o editor, façam a cessão dos direitos autorais em favor do Instituto, na forma legal própria da nação.

C 19

Para publicar escritos em matéria de religião ou de costumes, deverão ter licença explícita da Inspetora, como prescreve o can. 832 do Código de Direito Canônico.

Motivação

O parágrafo proposto é a transcrição do can.832, disposição nem sempre conhecida e, portanto, oportuna no texto dos Regulamentos.

16. Como expressão de confiança na Providência, as comunidades locais não tenham, ordinariamente, depósitos bancários “a prazo fixo”.

Porém, quando a Inspetora julgar necessário um tal depósito de dinheiro, pode autorizá-lo.

C 28

Os depósitos a prazo fixo sejam feitos pela Inspetoria, a qual terá o cuidado de repassar às casas as

quantias solicitadas, atenta para que seja excluída toda forma de capitalização lucrativa permanente.

As contas em Banco não sejam feitas em nome de pessoa física, mas do Instituto, e tenham ao menos duas assinaturas registradas para movimentar.

Quando se torna necessário abrir uma conta em nome de pessoa física, compete à Inspetora dar a autorização por escrito, permanecendo firme a obrigação de duas assinaturas para movimentar a conta, a menos que as leis civis não o permitam.

É necessária a prestação de contas mensal das contas pessoais à Ecônoma competente.

Motivação

Em algumas nações, e por algumas situações particulares, se requer que as contas bancárias sejam abertas em nome de pessoas físicas. Por isso se esclarece o dever da prestação de contas à Ecônoma competente e a obrigação das duas firmas, quando isso for consentido pelas leis civis.

- C 134u. 152i
19. A Inspetora, nos termos do art. 152 das Constituições, peça a autorização da Superiora geral e do seu Conselho, antes de proceder a atos de compra ou de alienação de imóveis, antes de contrair dívidas ou fazer contratos, de pedir empréstimos, recordando que para alguns desses atos, de acordo com as disposições **da Santa Sé para cada região**, é preciso também o “nulla osta” da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica.

É também necessária a autorização antes de acei-

tar doações, legados, vitalícios e outros, antes de iniciar construções, ampliações ou reestruturações importantes. Os bens móveis e imóveis estejam sempre em nome do Instituto.

Motivação

Adequação ao texto do can.638 §3 que requer a licença da Santa Sé, se a transação supera a soma estabelecida para cada região.

22. Em cada comunidade, a administração de todas as atividades e obras seja unificada e confiada à Ecônoma, que cuidará disso segundo as Constituições e os Regulamentos (artigos 127-129). **Para as obras mais importantes, fará balanços diferenciados.**

C 27. 170

A contabilidade de obras dependentes de outras administrações **ou com obrigação de prestar contas a Entidades civis** seja separada daquela da comunidade.

Nesses casos é possível contar também com a ajuda de pessoal administrativo leigo.

A ou o responsável da obra prestará contas à **Diretora da comunidade e ao seu Conselho e, em casos especiais, à Inspetora e ao seu Conselho.**

Tal prestação de contas seja inserida **de modo conveniente** no relatório administrativo anual preparado pela Ecônoma **e partilhado também com a comunidade.**

Motivação

É necessário manter unidos o princípio da unidade de administração desejado por Dom Bosco e as necessidades atuais das diversas obras.

C 57

37. Na morte de cada um dos pais, das irmãs e dos irmãos de uma Irmã, na casa em que essa reside, serão celebradas 2 Missas e se oferecerá o sufrágio das orações de um dia.

Motivação

O acréscimo é oportuno tanto pela sensibilidade atual, quanto para a tradução em outras línguas.

C 33. 52

44. Por uma exigência da vida comunitária no espírito de família, entraremos em acordo com a Diretora para sair de casa e para fazer as visitas exigidas pela caridade ou por outras circunstâncias particulares, agindo sempre com a devida discrição e prudência.

Motivação

Foi suprimido o segundo parágrafo do artigo, porque a disposição é inútil e obsoleta.

C 6. 26. 65

56. A caridade pastoral deve orientar-nos de preferência à juventude mais necessitada por situações de pobreza econômica, carência afetiva, cultural ou espiritual.

Para favorecer a continuidade educativa nos dedicaremos também às famílias e nos ocuparemos dos adultos, de sua promoção e evange-

lização **nos lugares e nas circunstâncias que o requeiram.**

Motivação

Modificação que reflete o que na realidade se vive no Instituto e aquilo a que somos chamadas pela Igreja e pela Família Salesiana.

- C 67
58. Procuraremos fazer com que as nossas casas sejam sempre abertas e acolhedoras para a juventude.
- Viveremos a assistência salesiana com disponibilidade constante, especialmente no pátio e nas várias atividades do tempo livre. Esse contato direto com os jovens nos capacitará a compreender melhor **a realidade deles**, para orientá-los eficazmente a viver segundo o Evangelho.
- Tornaremos atuais e interessantes os momentos formativos próprios da tradição salesiana, que dão o tom familiar ao ambiente: bom-dia, boa-noite, encontros pessoais, exercícios espirituais, passeios, etc.

Motivação

A alterações e refere à exigência de atualizar a linguagem.

- C 69
60. No espírito de Dom Bosco, nos empenharemos como educadoras a dar particular atenção à **realidade** da comunicação social.
- É nosso dever adquirir uma boa formação nesse campo, à luz do ensinamento da Igreja, e capacitar-nos à compreensão e ao uso das múltiplas linguagens, em vista da evangelização.

Motivação

A alterações e refere à exigência de atualizar a linguagem.

- 60 bis.** A facilidade de acesso e de uso dos meios de comunicação e das redes sociais interpela o senso de responsabilidade, a sobriedade e a coerência de vida das FMA.

No espírito do *da mihi animas cetera tolle*, nós os usaremos como oportunidade para a evangelização e para a missão educativa entre os jovens.

C 109. 110

Por isso, agiremos sempre em fidelidade ao Evangelho, ao carisma salesiano e ao Magistério da Igreja, recordando que, mesmo quando agimos pessoalmente, representamos o Instituto ao qual pertencemos.

Para conceder entrevistas que envolvam a nossa família religiosa, e para participar de transmissões radiofônicas ou televisivas nos entenderemos com a Inspetora.

Caso tais transmissões tratem de questões atinentes à doutrina católica ou à moral, seguiremos também as normas da Conferência Episcopal sobre a matéria, de acordo com a norma estabelecida pelo can. 831 § 2 do Código de Direito Canônico.

Motivação

É cada vez mais frequente o uso dos meios de comunicação, até para exprimir os próprios posicionamentos e opiniões. Por isso, é oportuno dar algumas indicações orientadoras a esse respeito.

Quando se trata de situações em que a imagem pública do Instituto está envolvida, é conveniente estar de acordo com a Inspetora.

Assim também é necessário recordar o que prescreve o Código de Direito Canônico (cf. can.831 § 2).

O artigo é colocado no capítulo sobre a Missão, após o art. 60 que se refere justamente à atenção à comunicação social.

- C 70
- 63.** Sensíveis aos apelos da Igreja e fiéis à nossa identidade, nos tornaremos idôneas a desempenhar a tarefa de catequistas, mediante uma preparação adequada e constante atualização. Com uma catequese orgânica, sistemática **e com específicos itinerários de educação à fé, acompanharemos** os jovens a aprofundar o Mistério de Cristo e da Igreja e a inserir-se ativamente na vida da comunidade paroquial e diocesana.

Aos que se mostram mais sensíveis às urgências da evangelização, proporemos uma preparação qualificada como catequistas, inclusive mediante cursos específicos **de formação** nesse campo.

Motivação

Julgou-se oportuno não limitar a formação religiosa dos jovens à catequese, mas privilegiar junto com essa os itinerários de educação à fé que devem ser elaborados segundo as diferentes idades e contextos.

Além disso, considerou-se conveniente especificar a natureza dos cursos oferecidos aos catequistas.

- C 72.74
- 68.** Toda a comunidade colabore na animação da vida associativa das ex-alunas **e dos ex-alunos.**
- Seja dada continuidade à formação, principalmente das adolescentes e das jovens, **acompanhando-as** com propostas e iniciativas capazes de favorecer a maturação do próprio projeto de vida em perspectiva de evangelização.

Motivação

O acréscimo é consequência da modificação feita nas Constituições art. 74.

71. Nos lugares de missão, ao propor a mensagem cristã, a Filha de Maria Auxiliadora dedicará atenção especial aos jovens, para que, por sua vez, se tornem evangelizadores.

C 72.74

Favorecerá a promoção da mulher, **acompanhando-a para que assuma seu** papel fundamental de mãe e de educadora **e na inserção responsável no contexto social e eclesial.**

Além disso, cuidará de **promover** as vocações para garantir à Igreja a continuidade da obra evangelizadora.

Motivação

O acréscimo reflete a mudança do modo de considerar o papel da mulher, que não é relegada apenas ao contexto familiar, mas é chamada a dar a sua contribuição à sociedade e à Igreja.

Elimina-se a palavra “autóctone” porque em alguns contextos não tem um significado positivo.

72. As modalidades do retorno periódico das missionárias à pátria sejam estabelecidas pela Inspetora, entendendo-se com a Conselheira **geral** para as missões.

C 75

Esse tempo seja vivido como momento forte de animação missionária e seja organizado de modo que, além de permitir um prazeroso encontro com os familiares, ofereça às Irmãs possibilidade de renovação espiritual e de adequada atualização,

também através de um intercâmbio de experiências missionárias.

Motivação

A modificação reflete a mudança da terminologia no Instituto.

74. Convencidas da importância da escola na vida da Igreja e na transformação da sociedade, sentimos a urgência de criar nas nossas escolas um ambiente educativo no qual os/as jovens sejam orientados para fazer uma síntese vital entre a cultura humana e a mensagem evangélica.
- C 66.69.70. 76 Poderão assim maturar em si uma iluminada consciência crítica que as torne capazes de enfrentar os **desafios** presentes hoje no mundo da cultura e do trabalho.
- No espírito de Dom Bosco, promovamos escolas de tipo popular de todos os graus, centros de orientação profissional, de promoção social e de alfabetização, de acordo com as necessidades locais.

Motivação

A modificação reflete a exigência de atualizar a terminologia.

78. Para a específica idoneidade à vida religiosa no nosso Instituto requer-se que a candidata tenha:
- boa saúde;
 - índole boa e sincera;
 - normais capacidades intelectuais, nível cultural médio, bom critério;

- C 85
- capacidade de serenos relacionamentos interpessoais e possibilidade de inserção na vida comunitária;
 - equilíbrio psicoafetivo, com fundada esperança de que possa viver a castidade consagrada;
 - disposição para **a vida de oração**, suficiente cultura religiosa e prática de vida cristã;
 - natural disposição a ser educadora segundo a missão do Instituto.

Motivação

A modificação reflete a exigência de atualizar a terminologia.

80. Chegando ao final de cada fase formativa e antes que termine o prazo dos votos, a candidata ou a Irmã de votos temporâneos fará por escrito à Inspetora o pedido de admissão à fase sucessiva ou à emissão dos votos. Juntamente com o pedido, será transmitida à Inspetora um relatório da Diretora ou da Mestra acerca das aptidões e da maturação vocacional da candidata.

C 83. 95.
121e. 152a.b.

166. 168

Tal relatório será redigido com a participação da interessada.

Com base nesse **relatório** e no **parecer** do Conselho local, a Inspetora decidirá sobre a admissão:

- com o *parecer* do seu Conselho para o ingresso no postulado;
- com o *consenso* do seu Conselho para o ingresso no noviciado e para as sucessivas admissões aos votos, temporâneos e perpétuos.

Da admissão ao noviciado e aos votos a Inspetora apresentará um relatório à Superiora geral; para

a admissão aos votos deverá aguardar a confirmação.

Além da Superiora geral podem receber os votos, na qualidade de suas representantes, a Inspetora ou outra Irmã de votos perpétuos, delegada para isso.

Motivação

A palavra “juízo” foi substituída por “relatório”, para unificar a terminologia presente no artigo. O “voto consultivo” foi substituído pelo termo “parecer” em conformidade com o Código de Direito Canônico.

Especificou-se também de quais admissões é necessário apresentar um relatório à Superiora geral, porque a admissão ao postulado não requer o envio do relatório para a Madre.

82. Através de papéis diferenciados, toda a comunidade participa da formação das jovens.

A Diretora, que é a primeira responsável, cumprirá sua tarefa principalmente mediante a conferência semanal e os diversos momentos de encontro pessoal e de grupo.

C 86-87

A Irmã que colabora mais diretamente com ela deve orientar e seguir cada **candidata**, ajudando-a a se empenhar na gradual adaptação à nova forma de vida e a valer-se de cada situação para o próprio crescimento.

Motivação

O termo “aspirante” foi substituído por “candidata” para uniformizar a terminologia com os outros artigos das Constituições e dos Regulamentos.

C 88-89

- 86.** Para a admissão ao postulado exige-se a idade mínima de 18 anos. Durante esse período suspendam-se os compromissos de estudo ou de trabalho que impedem as postulantes de se dedicarem com intensidade e proveito à própria formação. A duração do postulado será de 10 meses. **Por justa causa o postulado pode ser prolongado, mas sem superar dois anos.**

Se a jovem não se mostra idônea à vida **religiosa** salesiana, após ter estudado atentamente o caso com a Inspetora, ela **será orientada a fazer uma outra opção vocacional.**

Motivação

Foi inserida a possibilidade de prolongar o postulado além dos 10 meses prescritos.

Ao mesmo tempo julgou-se oportuno limitar o tempo máximo do postulado, porque o período de discernimento e de orientação já é indeterminado, e prolongar demais o período de formação inicial não é positivo para a jovem em formação.

Substituiu-se o termo do artigo “se facilite o retorno à família” por uma expressão diferente, dada a situação de autonomia em que vivem hoje numerosas jovens.

- 101.** Quando por sérios motivos uma Irmã se encontra na necessidade de permanecer por algum tempo fora da casa religiosa, pode pedir licença à Superiora geral, apresentando o motivo. **O pedido deverá ser acompanhado pelo parecer da Inspetora.**

A Superiora geral com o seu Conselho avaliará as razões do pedido e a situação objetiva da Irmã;

e só em caso de reconhecida utilidade concederá a permissão de ausência, segundo as normas canônicas.

C105. 134p. q.

Tratando-se de uma professa de votos temporâneos, a permissão não pode superar seis meses, com a advertência de que os últimos meses, antes da renovação dos votos, sejam passados em comunidade.

Se, por causas graves, a Irmã **de votos perpétuos** se vê forçada a prolongar a permanência fora da casa religiosa, fará pedido de excomunhão à Superiora geral, através da Inspetora. Essa, com o consenso do seu Conselho, poderá conceder o relativo indulto por um tempo não superior a três anos. Uma eventual prorrogação do indulto é reservada unicamente à Santa Sé.

Motivação

O artigo foi modificado para poder conceder a permissão de ausência também a uma FMA de votos temporâneos, em linha com a modificação do art. 134p das Constituições.

Foram acrescentados dois aspectos já presentes na praxis: a necessidade do parecer da Inspetora, que acompanha o pedido da Irmã, e a determinação de que os últimos meses antes da renovação dos votos sejam passados em comunidade.

115. A Ecônoma inspetorial sinta o dever de aprofundar o conhecimento das leis relativas à sua tarefa e procure proporcionar às Ecônomas locais a possibilidade de uma adequada preparação e de atualizações periódicas.

C 154

Esteja disponível para orientá-las no que se refere ao seu serviço específico.

A Ecônoma inspetorial apresente indicações e procedimentos, aprovados pela Inspetora com o consenso do seu Conselho, acerca da contratação do pessoal que trabalha nas obras e nas comunidades.

Motivação

O acréscimo foi motivado pela necessidade de unificar os procedimentos em nível inspetorial, dado o aumento do número de colaboradores leigos e a delicadeza e os problemas legais associados à contratação e gestão do pessoal.

- 116.** Compete também à Ecônoma inspetorial cuidar das heranças, dos testamentos, das doações em favor das casas e da Inspetoria, como também da administração dos bens patrimoniais das Irmãs, individualmente.

C 154

As construções que se projetam ou se realizam na Inspetoria devem ser acompanhadas pela Ecônoma inspetorial, mesmo que sejam feitas em edifícios já existentes e sob a responsabilidade da Diretora e da Ecônoma local.

A Ecônoma inspetorial submeterá ao Conselho, pelo menos uma vez em cada trimestre, o relatório sobre o andamento econômico e financeiro da Inspetoria. Tal relatório será oportunamente apresentado, uma vez por ano, também às Irmãs da Inspetoria.

Motivação

É importante que haja uma prestação de contas periódica sobre o andamento econômico e financeiro da Inspetoria e que ela seja conhecida pelas Irmãs, para favorecer uma maior responsabilidade.

120. Para a eleição das delegadas da inspetoria ao Capítulo inspetorial proceder-se-á como segue:

C 159

- a. Feitas as eleições para as delegadas das comunidades com ao menos **5** Irmãs, a Inspetora transmite a todas as casas o elenco das eleitas, e apresenta ao mesmo tempo a lista das Irmãs de votos perpétuos ainda elegíveis. De tal lista são excluídos os nomes das Irmãs que já são membros do Capítulo inspetorial por direito ou por eleição feita, e os das Irmãs de outras inspetorias; ao invés devem constar os nomes das Irmãs já designadas como suplentes das delegadas de comunidade, e também os das professoras de votos perpétuos que se acham temporariamente ausentes da inspetoria por motivos legítimos.
- b. O número das delegadas a serem eleitas é na proporção **de 1 para cada 15 ou fração de 15 para as inspetorias de até 250 Irmãs**, e de 1 para cada 30 ou fração de 30 **para as inspetorias com mais de 250 Irmãs**. Esse cálculo se faz tomando como base o número total dos membros da inspetoria, incluindo portanto as Irmãs de votos temporâneos, as Superiores e os outros membros do Capítulo inspetorial, as Irmãs que se encontram temporaneamente fora da inspetoria e aquelas legitimamente ausentes da casa religiosa.

[...]

Motivação

Corrigiu-se a falha relativa ao número das delegadas a serem eleitas para o Capítulo inspetorial, para que estivesse de acordo com o

art. 159 das Constituições, já modificado pelo XXII Capítulo geral, em 2008.

C 164

123. A Diretora é uma Irmã de pelo menos 2 anos de profissão perpétua.

Permanece no cargo três anos e pode ser nomeada novamente, mas não superar a duração de seis anos consecutivos na mesma casa, a não ser que seja também Mestra das noviças.

Não permanecerá no cargo além de um quarto triênio consecutivo.

A Diretora coloque a Inspetora a par da vida da comunidade, a consulte e informe com frequência acerca das várias iniciativas e lhe envie anualmente a crônica, os dados estatísticos e os devidos relatórios.

Entenda-se com ela antes de introduzir novidades importantes e antes de assumir tarefas incompatíveis com o seu cargo ou compromissos com autoridades eclesiásticas ou civis.

Motivação

O parágrafo acrescido é o texto transferido das Constituições (art. 163 e 165). A motivação dessa transferência está expressa nos relativos artigos das Constituições.

125. As Conselheiras são escolhidas entre as professoras de votos perpétuos.

A Vigária e a Ecônoma devem ter ao menos 2 anos de profissão perpétua.

C 167-168

Na escolha das Conselheiras, além do parecer da Diretora, quando for possível, escute-se também o da Comunidade.

As Conselheiras e a Ecônoma são nomeadas por um triênio. Seu encargo pode ser renovado, mas de modo a não superar o terceiro triênio consecutivo na mesma casa.

Nas reuniões de Conselho – anunciadas previamente mediante a pauta dos assuntos a serem tratados – a Diretora e as Conselheiras – tendo presente o parecer das Irmãs, num clima de oração, de estudo e de discernimento, tomem as decisões necessárias valorizando os recursos de todas para favorecer a atuação do Projeto comum.

A Diretora informe oportunamente a comunidade suscitando corresponsabilidade e subsidiariedade.

Uma das Conselheiras, designada como secretária, redigirá a ata da reunião que, lida e assinada pelos membros do Conselho e pela Diretora, será conservado no arquivo.

Motivação

O parágrafo acrescido é o texto transferido das Constituições (art. 167, 169 e 170) [ver a relativa motivação]. Ao mesmo tempo se reparte o tempo de 9 anos em triênios, que é muito mais prático. Portanto, também as Conselheiras locais e a Ecônoma serão nomeadas a cada triênio (cf. Constituições art. 152,4 e art. 167).

Além disso foi indicada a oportunidade de envolver a comunidade na escolha das Conselheiras.

127. Através de seu serviço, a Ecônoma participa da missão da comunidade. Tem o encargo de cuidar da manutenção dos imóveis e dos bens relativos à comunidade e de prover a todas os seguros necessários.

C 170

Além disso, são de sua competência a administração e a **gestão** econômica da casa e o cuidadoso registro do movimento de dinheiro relativo à **comunidade e às atividades dependentes dela**. A Ecônoma deve redigir anualmente um relatório administrativo unificado de tudo, a ser apresentado à Ecônoma inspetorial, após a revisão e a aprovação por parte da Diretora e do seu Conselho.

Pelo menos a cada trimestre, a Ecônoma apresentará à Diretora e ao seu Conselho um relatório sobre o andamento econômico e financeiro da casa e oportunamente informará também a comunidade sobre isso.

Motivação

Inseriu-se o aceno a obras educativas que poderiam ser dependentes da casa.

A periodicidade do relatório foi transferida das Constituições para os Regulamentos. Indicou-se a periodicidade pelo menos trimestral, tendo em vista as dificuldades surgidas em algumas comunidades de apresentá-lo mensalmente.

C 170

128. É também confiada à **Ecônoma** a responsabilidade de cuidar, de acordo com a Diretora e **no respeito às indicações e aos procedimentos aprovados pela Inspetora com o consenso do**

seu Conselho, dos contratos de trabalho, da justa remuneração e das relativas garantias **do pessoal dependente da comunidade**.

A Ecônoma procure manter-se atualizada sobre as várias disposições econômicas, securitárias e fiscais do lugar.

Motivação

O acréscimo foi motivado pela necessidade de unificar os procedimentos em nível inspetorial, dado o aumento do número de colaboradores leigos (cf. a motivação do art. 115).

C 134m **130.** A Conferência interinspetorial é um organismo consultivo, constituído com a finalidade de realizar uma colaboração mais profunda, no espírito de comunhão, **para tratar as questões de interesse comum e para instaurar uma oportuna coordenação** entre as Inspetorias e **Visitadorias de determinada região, salva sempre a autonomia de cada uma.**

A Conferência interinspetorial é constituída por tempo indeterminado.

C 134m **131.** A Conferência interinspetorial é ereta pela Superiora geral com o consenso do seu Conselho e proposta pelas inspetorias e visitadorias interessadas.

O Estatuto, o Regulamento e as eventuais modificações necessitam da aprovação da Superiora geral com o consenso do seu Conselho. No Estatuto sejam determinados também os procedimentos para a eventual entrada de novos membros, a saí-

da de um membro, como também para a divisão ou a supressão de uma Conferência.

Motivação

As Conferências interinspetoriais são uma realidade consolidada no Instituto e, portanto, são consideradas organismos estáveis e permanentes (não só pelo período de 6 anos).

No entanto, deixa-se aberta a possibilidade de redesenhar, se necessário, as Conferências interinspetoriais existentes.

132. Os “Anexos” aos Regulamentos contêm normas elaboradas pelas Inspetorias – ou grupos de Inspetorias – que especificam as disposições das Constituições e dos Regulamentos por exigências particulares do contexto em que as Inspetorias atuam. Podem também conter normas relativas a âmbitos não explicitamente considerados nos Regulamentos.

C 134k, 172

Para a elaboração dos Anexos, as Irmãs da Inspetoria ou das Inspetorias interessadas sejam oportunamente consultadas.

Motivação

O novo artigo responde à exigência de esclarecer o significado de “Anexos” aos Regulamentos. Desse modo especifica-se que normas internas da Inspetoria devem ser “aprovadas pela Superiora geral com o consenso do seu Conselho”(C 134 k).

OUTRAS CORREÇÕES FEITAS NOS REGULAMENTOS

Em seguida são apresentados os artigos nos quais foram corrigidos alguns erros:

1. “Direito comum” substituído por “***Direito universal***”: artigo 7.

Motivação

Trata-se da atualização da terminologia segundo o Código de Direito Canônico.

2. “Cooperadores salesianos” substituído por “***Salesianos cooperadores***”: artigo 67.

Motivação

A Associação dos Cooperadores salesianos trocou a denominação por Associação dos Salesianos cooperadores.

3. “Voto deliberativo” corrigido como “***consenso***”: artigo 103.

Motivação

Trata-se da atualização da terminologia segundo o Código de Direito Canônico.

4. Foram ***acertados na numeração os art. 118 e 126.***

Motivação

Foram substituídas as letras por j., k., l., m., n. respectivamente, para uniformizar os pontos do elenco com aqueles das Constituições (para não dar a impressão de que faltam alguns parágrafos).

Terceira parte

DISCURSOS E MENSAGENS

Abertura do XXIII Capítulo Geral

(22 de setembro de 2014)

Encerramento do XXIII Capítulo Geral

(15 de novembro de 2014)

Discurso do Papa Francisco na Audiência concedida às Capitulares

(8 de novembro de 2014)





**1Abertura do XXIII Capítulo Geral
(22 de setembro de 2014)**

**Homilia
do Reitor-Mor Padre Ángel Fernández Artime**

Pr 3, 27-34; Sl 14; Lc 8, 16-18.

Caríssima Madre Yvonne e caríssimas Irmãs capitulares,
caríssimas irmãs e irmãos todos que se encontram aqui para participar
do Capítulo geral ou para acompanhar o seu início oficial, cumprimen-
to-lhes de todo o coração.

Sinto-me muito contente por estar aqui com vocês e, deste modo, tornar
presente também toda a Família salesiana que faz tempo reza por este
evento do Espírito para o bem de toda a Igreja e a sociedade, para o bem
das jovens e dos jovens do mundo.

O breve Evangelho que a liturgia nos oferece hoje me faz pensar em
três imagens, três palavras para partilhar com vocês: *luz, transparên-
cia das paredes e tesouro*. Explico-me. Caríssimas, hoje, nesta casa, se
acende uma **luz** forte e especial que se torna lâmpada, ou melhor, um
farol para todo o Instituto e para a nossa Família, porque aquilo que
vocês irão viver nos próximos dias deverá iluminar o caminho pessoal
e comunitário em cada casa e em cada Inspetoria.

Um Capítulo geral é seguido não só pelas Irmãs presentes aqui, mas
também por todas aquelas espalhadas pelo mundo. O que fará com que
este fogo irradiante permaneça aceso durante todo o tempo do Capítulo,
será a paixão de vocês por Deus, pelo Reino, pela humanidade inteira,
pelas jovens e pelos jovens que ainda hoje nos esperam em toda parte.

Eu lhes desejo uma belíssima experiência de fraternidade e discer-
nimento, que lhes permita compartilhar não só o que refletirem, mas prin-
cipalmente a vida, de tal modo que todos fiquem sabendo do Pentecos-
tes que estão vivendo aqui, em Roma.

O Evangelho nos recorda que *“Ninguém acende uma lâmpada e a cobre com um vaso ou a coloca debaixo da cama...”*. Toda a Família salesiana é filha de um Pai que soube iluminar o mundo e inundá-lo com a espiritualidade e a pedagogia do Sistema preventivo, partindo da experiência profunda feita com centenas de jovens e, principalmente, com um belo grupo de jovens que decidiram ficar com ele. Iluminada também pelo testemunho de Dom Bosco, Maín fez o mesmo, junto com as primeiras Irmãs das colinas de Mornese.

Caríssimas, que o mundo ouça falar não só de suas belas reflexões e discernimentos mas, principalmente, da linda experiência de fraternidade e de fé que irão fazer aqui.

Uma segunda imagem que quero partilhar hoje com vocês é a da **transparência das paredes**. O Evangelho diz que *“Não há nada de secreto que não seja manifestado, nada de escondido que não se torne conhecido e apareça claramente”*. É por isso que eu falo de “transparência das paredes”: de certo modo, a nossa vida é vivida numa casa transparente, uma casa de cristal. Isso é muito bonito, porque aquilo que comunicamos, aquilo que anunciamos, é o que experimentamos, que vivemos, que tocamos com a mão. Vocês falam de “casa que evangeliza”: o anúncio da boa nova não será um discurso de apresentação de uma doutrina, o ensinamento de uma determinada moral ou de um estilo de se mostrar mas, especialmente, o que vocês vivem em suas comunidades religiosas e nas suas comunidades educativo-pastorais, junto com tantas leigas e leigos e, principalmente, com os jovens. A “transparência das paredes” lhes permitirá olhar para o mundo próximo a vocês, para o contexto, o mundo dos jovens e das jovens com os quais caminham, e também o daqueles que não são tão próximos.

A “transparência das paredes” permitirá que o mundo veja suas casas por dentro e se pergunte como é possível que sejam tão felizes, tão empenhadas em se doar aos outros, tão jubilosas nas orações e no encontro com o Senhor. A “transparência das paredes” há de ajudá-las a ser sempre mais fiéis, a purificar aquilo que o Senhor quer purificar em vocês, como faz também conosco, sdb, e com toda a Família salesiana.

Enfim, na terceira imagem, eu queria lhes falar de um **tesouro**. Diz o Evangelho que *“A quem tem, será dado”*; portanto, nós podemos nos

perguntar: “O que temos?”. E eu lhes digo, com toda sinceridade e afeto: têm vocês mesmas, têm as suas comunidades educativo-pastorais, têm milhares de jovens que estão perto de vocês ou que ainda as esperam! Esse é o seu tesouro para ser oferecido e anunciado.

Sempre gostei de ler as cartas de Madre Mazzarello às Irmãs que estavam distantes, nas terras de missão, e perceber a sua grande humanidade, a sua maternidade cheia de ternura e fraternidade!

Caríssimas, vocês têm um verdadeiro tesouro pessoal, comunitário e carismático que o Senhor da Vida as convida a cuidar e incrementar. É um tesouro que não pode ser escondido nem descuidado. Hoje as diversas sociedades, em geral, mas principalmente as jovens e os jovens, pedem a presença de outras mulheres e outros homens iguais a eles, mas também diferentes, capazes de viver em profundidade a sua humanidade, a sua cultura, a sua identidade de filhos e filhas. Eles precisam de mulheres como vocês, que não têm medo de ser mulheres de verdade, mulheres que se fazem dom, presente, sinal evidente da inexaurível ternura de Deus, de uma grande fecundidade e maternidade.

Hoje temos entre nós tantos jovens que parecem órfãos de pais e mães vivos. Todos os jovens têm necessidade e direito de serem amados, acompanhados, encorajados por adultos que os amam de modo pleno e gratuito. Hoje, em tantas regiões do mundo onde vocês estão presentes, há muitos jovens que não podem ter uma vida digna, por falta de alimento, de educação, de afeto. E vocês trazem consigo o tesouro recebido de Deus na sua vocação e no carisma.

Luz, transparência das paredes e tesouro. Três imagens, três palavras que o Evangelho de hoje nos oferece, três estímulos para ser – na vida cotidiana – construtores de uma casa acolhedora, de portas escancaradas, de calor de família, de impulso missionário, rica de partilha e afeto sincero.

Maria é a garantia de vocês. Com Ela, tudo é possível. Peço a intercessão de Maria Auxiliadora, a fim de que vocês possam se contagiar com o fogo que já se acendeu entre vocês e, assim “*ser hoje com os jovens casa que evangeliza*”.

Discurso da Superiora geral Madre Yvonne Reungoat

Senhor Cardeal João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica,

Senhor Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado Emérito do Estado da Cidade do Vaticano,

Senhor Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação das Causas dos Santos,

Senhor Cardeal Raffaele Farina, Prefeito Bibliotecário e Arquivista Emérito da Santa Igreja Romana,

Padre Ángel Fernández Artime, Reitor-Mor da Congregação salesiana,

Padre Francesco Cereda, Vigário geral dos Salesianos, e outros membros do Conselho geral,

Padre Joaquim D'Souza, Superior cessante da Visitadoria UPS, Padre Eugenio Riva, novo Superior da Visitadoria UPS,

Prof. Carlo Nanni, Reitor Magnífico da Universidade Pontifícia Salesiana e outros Salesianos aqui presentes,

Prof. Pina del Core, Diretora da Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação "Auxilium"

Representantes dos vários grupos da Família salesiana,

Padre Luigi Cameroni, Postulador geral para as Causas dos Santos da Família salesiana,

Jovens, amigas e amigos, benfeitores aqui presentes,

FMA participantes do XXIII Capítulo Geral e outras representantes de todas as FMA do mundo,

estou contente pela presença de vocês no meio de nós, sinal de estima e apreço ao Instituto que hoje celebra o início oficial do XXIII Capítulo

Geral. O fato de estarem aqui nos honra e nos encoraja a viver a experiência capitular como evento eclesial e carismático. Neste momento solene reconfirmamos, como Instituto, o nosso compromisso de fidelidade ao Papa e ao seu magistério, a vontade de viver e agir em plena comunhão com as indicações do Cardeal Prefeito da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica. Nós nos sentimos em comunhão com os Bispos nas Igrejas particulares, com os quais entendemos prosseguir em colaboração fecunda, junto com todos os consagrados/consagradas, compartilhando a riqueza dos diversos carismas, de modo a colaborar na única missão de salvação, com o dom específico do carisma salesiano.

O tema do Capítulo – *ser hoje com os jovens casa que evangeliza* – será o coração da oração, da reflexão e do discernimento que partilharemos na Assembleia capitular. Esse tema responde ao núcleo mais profundo da nossa identidade carismática e está em sintonia com o caminho da Igreja, relançado pelo Sínodo dos Bispos sobre a Nova evangelização¹¹, e com os apelos do Papa Francisco, que convida os jovens a serem protagonistas da própria vida, artesãos do presente e do futuro da Igreja e da sociedade.

Para nós, Filhas de Maria Auxiliadora, os jovens são o lugar onde Deus nos fala, nos encontra, nos transforma e nos envia; são os protagonistas no canteiro de obras da nova evangelização e, de certo modo, também os nossos mestres. Na verdade, eles nos transmitem a arte de ter esperança, a paciência da espera, a alegria de se encontrarem e partilhar a fraternidade, o desejo de uma fé genuína que toque a existência concreta, a necessidade de uma vida simples, centrada no essencial. Os jovens nos estimulam a estar em contínua busca, em escuta profunda e em diálogo, para saber expressar, com nova linguagem, a beleza do Evangelho.

Sem os jovens, não podemos imaginar horizontes de futuro para o nosso Instituto. Nas perguntas deles, muitas vezes silenciosas, lemos a necessidade de *se sentirem em casa*, ou seja, de ter pontos de referência afetivos, sociais, de pertença, e de poder partilhar gestos e valores

¹¹O Sínodo sobre a nova Evangelização para a transmissão da fé cristã (XIII Assembleia Ordinária dos Bispos) realizado em Roma de 7 a 28 de outubro de 2012.

evangélicos. A solidão da família, muitas vezes indefesa e frágil, os relacionamentos fugazes entre pessoas, a estranheza, o fechamento em si mesmas para tutelar o próprio mundo contra invasões de fora, podem tornar as pessoas, os jovens, sozinhos e desorientados. É significativo que o nosso Capítulo se realize enquanto acontece em Roma o Sínodo sobre a família.

Oferecer uma casa, ou melhor ser casa e sê-lo com os jovens, tem o significado do frescor dos relacionamentos humanos e espirituais que desejamos construir no grupo ou na comunidade e, ao mesmo tempo, na relação com todos, já que se trata de uma casa de portas e janelas abertas, acolhedora, propositiva, onde se vive a responsabilidade e o cuidado de uns com os outros e, juntos, se tende a uma meta de beleza e de realização em Jesus, sentido verdadeiro da existência. Estamos conscientes de que não podemos ser casa que evangeliza se Deus não for a nossa casa.

Todo Capítulo geral é, antes de tudo, um grande dom de Deus e representa um encontro de família convocado pelo Espírito Santo, com as dimensões do mundo. Ele empenha as energias do Instituto na busca de horizontes de futuro para a vitalidade do carisma. Envolve numa experiência de confiança que nos projeta num tempo ainda não vivido, cujos desdobramentos não se podem prever. É um momento privilegiado de criatividade para gerar vida nova. O ponto de partida é o espírito de família, capaz de criar um clima, uma *casa*, na qual os jovens possam se sentir acolhidos, amados, valorizados, responsabilizados em relação à própria vida e a dos outros, animados para descobrir o projeto de Deus para eles. Os jovens não são, antes de tudo, objeto de nossos cuidados, mas protagonistas de uma mudança cultural e social à luz do evangelho e segundo o carisma salesiano.

Nós nos deixaremos iluminar pelo Espírito Santo, pelo rico magistério eclesial e salesiano, pelos eventos da história, da vida do Instituto. Estamos conscientes de ter à disposição um patrimônio precioso do qual obter recursos, para ter luz e indicações de caminho. Neste momento gostaria de recordar a palavra do Papa Francisco na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: «Não existe liberdade maior do que a de se deixar levar pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo, e permitir

que ele nos ilumine, nos guie, nos oriente, nos empurre para onde ele deseja. Ele sabe muito bem aquilo que é necessário em cada época e em cada momento» (n. 280). Podemos fazer essa profunda experiência de verdadeira liberdade criadora sob o impulso do Espírito Santo!

Neste momento solene, desejo expressar o obrigada do Instituto pelo Pontificado de Bento XVI, de quem apreciamos a amplitude de visão e de doutrina, a extraordinária humildade e sensibilidade, o modo firme e sereno de enfrentar graves problemas internos da Igreja.

Agradeço ao Papa Francisco que está imprimindo na comunidade eclesial um estilo de simplicidade evangélica, anunciando a misericórdia e convidando a sair das próprias seguranças para se fazer companheira de caminhada do ser humano, muitas vezes frágil, cansado, desorientado, fragmentado; a entrar nos eventos da história, sem ficar olhando de fora, mas intervindo em favor da justiça, da paz e da dignidade dos mais pobres.

No Rio de Janeiro (julho de 2013) e nas diversas visitas que fez – a última na Coreia do Sul, com os jovens do Continente asiático – pudemos constatar de modo especial a sua predileção pelos jovens, aos quais recomenda que não deixem roubar-lhes a esperança. E, justamente da esperança, parte a nossa reflexão capitular, como está evidenciado no *Instrumento de Trabalho*.

A esperança é a perspectiva da qual olhamos o mundo, escutamos o seu grito, nos deixamos interpelar por seus desafios, pelas novas e antigas pobreza que o ameaçam, não só no plano econômico, mas no humano, cultural, social, religioso. Nessa realidade em que parecem dominar pessimismo, ceticismo e objetivos de lucro fácil, queremos escutar os apelos de Deus: nós nos sentimos convidadas a redescobrir o fascínio da vida religiosa testemunhando a alegria de seguir Jesus, a beleza de viver relações autênticas e de colaborar na construção de uma humanidade que redescobre a sua dignidade e vocação.

O Papa Francisco recomenda que *não deixemos roubar-nos a esperança*. Não só não devemos deixar que no-la roubem, mas devemos recuperá-la das periferias existenciais. Ou melhor, a própria periferia se torna perspectiva evangélica da qual olhar a vida com amor. Com efeito, ela não é portadora apenas de problemas, de sofrimento, de li-

mitações e de morte, mas de vida e de esperança. Habitando a dor, o limite, compartilhando a simplicidade e a pobreza, pode-se aprender uma sabedoria. Através da própria existência, os pobres, particularmente os jovens pobres, nos evangelizam. Jesus se identifica com eles. Na partilha com os pobres, nós nos tornamos mais criativos, alegres e essenciais, mais capazes de propor a beleza do evangelho.

A periferia é também uma perspectiva carismática. Dom Bosco e Madre Mazzarello eram gente da periferia, e começaram sua missão entre os jovens e as jovens das periferias existenciais do tempo em que viveram, envolvendo-os pessoalmente e fazendo com que se tornassem protagonistas.

Nas periferias reconhecemos a face de nossas comunidades. Junto com as comunidades educativas redescobrimos a alegria de amar e de servir a vida, lá onde ela é mais frágil, insegura, ameaçada. Desse ponto de vista, também a família fundada sobre o matrimônio é hoje uma periferia existencial, da qual devemos cuidar. Não menos cuidado deve ser dado às nossas comunidades, cada vez mais intergeracionais, interculturais e, em alguns lugares, com uma média de idade avançada, com a riqueza e os problemas que essa nova configuração comporta.

São sempre mais frequentes os apelos à colaboração intercongregacional: descobrimos assim um campo aberto para a construção da casa comum, como grande família dos filhos/filhas de Deus que vivem em comunhão e partilham o que são e o que têm.

A periferia não oferece seguranças; antes, requer que se arrisque a vida, mas é uma opção imprescindível de futuro, certamente fecunda, porque evangélica e salesiana, e porque torna concreta a esperança.

É a partir da periferia que podemos fazer experiência da alegria, porque é lá que Deus nos chama, nos fala, nos envia, nos dá a sua consolação. A partir das periferias, podemos testemunhar que somos pessoas felizes de seguir Jesus e anunciar o evangelho da alegria às jovens e aos jovens. Somos chamadas a habitar os espaços onde eles se encontram, escutar a sua sede, fazer uma proposta credível e convincente do evangelho. Uma proposta confiável que torne visível, na palavra e nos gestos, a própria vida de Jesus. Os jovens são uma geração exigente, mas é no meio deles que podemos encontrar o Senhor; é com eles que podemos

viver o carisma da preventividade e reavivar a nossa própria esperança. Eles sabem nos surpreender com a sua generosidade. Se estivermos no meio deles com coração oratoriano, eles nos mostrarão seu verdadeiro rosto, feito de pobreza e de esperança, de beleza e de altruísmo até a total doação de si mesmos.

A crise da família nos interpela a sermos não só acompanhadoras / acompanhadores de jovens, mas a pôr em prática uma pastoral familiar, especialmente para as famílias jovens, para torná-las protagonistas no apoio a outras famílias.

Os novos pobres não estão apenas nos lugares onde o Evangelho ainda não chegou, mas em tantas periferias existenciais. De modo especial nos interpelam: a violência contra as mulheres e as crianças, os abusos dentro das próprias famílias, o tráfico de seres humanos, o fenômeno migratório, a corrupção, o recurso à guerra como solução dos problemas.

Por isso, acolhemos o convite do Papa Francisco a ser Igreja em saída missionária, unindo as forças para combater situações de degradação da pessoa humana e da natureza.

Desejamos educar para a vida, a gratuidade, a doação, a responsabilidade pelos outros e pela criação, a cuidar da fraternidade.

Com os jovens e com toda a comunidade educativa, nos empenhamos em construir a casa da fraternidade mediante relações humanizantes, animadas pela espiritualidade do Sistema preventivo de Dom Bosco. Sabemos que o carisma é uma palavra de Deus para o hoje: desejamos revitalizá-lo, qualificando o estilo de vida das nossas comunidades para que, junto com as comunidades educativas, sejam mais proféticas e felizes. A relação nos salvará do individualismo e da autorreferência; ao mesmo tempo vai nos fazer colocar a pessoa no centro, restituindo-lhe dignidade. Ser casa que evangeliza começa pelas relações. No encontro com os outros escancaram-se janelas que tornam possíveis o conhecimento, o intercâmbio dos dons, o respeito e a valorização recíproca.

O carisma salesiano nos oferece um caminho pedagógico interessante. Interpela-nos a qualificar a reciprocidade das relações, a encontrar o ponto acessível ao bem, ou seja, o nível de contato que permite que a

pessoa se sinta acolhida na sua realidade mais profunda, como acontecia nos ambientes de Valdocco e de Mornese.

A relação no espírito de família, vivida como comunidade educativa, se torna profecia de um modo diferente de viver, de se apresentar, de se exprimir, de ir em direção aos outros, inclusive de estruturar a própria identidade. De fato, o nosso rosto reflete, como se fosse um espelho, a nossa relação com os outros. Somos chamados a reavivar a profecia da fraternidade e a fazer com que ela chegue às periferias existenciais do nosso coração e de todas as pessoas que encontramos no nosso caminho; de modo especial, dos jovens aos quais somos enviadas com o entusiasmo do *da mihi animas cetera tolle* e a ternura de quem acolhe o chamado a cuidar, com compaixão e misericórdia.

O XXIII Capítulo Geral é um tempo particularmente favorável de *kairós* em que Deus nos fala, nos espera, nos envia. Os tesouros de graça do Capítulo se enriquecem ulteriormente pelo dom das celebrações em honra de Dom Bosco, nosso Fundador, no bicentenário de seu nascimento, e pelo *Ano da Vida consagrada* promulgado pelo Papa Francisco para 2015.

Não queremos perder essas preciosas oportunidades de viver aquela conversão pastoral, pessoal e comunitária, que está na base da nova evangelização.

Reconhecemo-nos pobres e frágeis e, por isso, pedimos a ajuda de Maria, Auxiliadora do povo cristão. Que ela sustente suas Filhas, na missão de serem auxiliadoras para as novas gerações.

Os exercícios espirituais que a Assembleia capitular fez em Mornese nos reconduziram aos lugares das origens, impregnados do carisma salesiano vivido no feminino por Santa Maria Domingas Mazzarello e as primeiras Irmãs. As meditações sobre a fé oferecidas por Dom Thomas nos reconduziram às fontes evangélicas da nossa fé.

É daqui que queremos partir para identificar caminhos de futuro, cujo percurso será tanto mais fecundo quanto mais profundamente estiver radicado nas raízes evangélicas e no carisma salesiano.

Nós nos sentimos confortadas pela graça dos exercícios espirituais. Será também motivo de consolação e de encorajamento a palavra daqueles

que agora nos deixarão uma mensagem; a oração e o afeto dos grupos da Família salesiana e de muitas pessoas que prometeram recordar-se de nós.

Sentimo-nos apoiadas principalmente pela oração e pelo empenho de todas as FMA do mundo. Algumas garantem a doação total de si mesmas, até com a oferta da vida. Sustentadas por essa abundância de graça, iniciamos hoje o XXIII Capítulo Geral do nosso Instituto.

Ele se compõe de 194 membros, dos quais 4 são convidados. Destes, 113 participam de um Capítulo pela primeira vez. A mais jovem tem 34 anos; a mais idosa tem 77 anos e participa do Capítulo geral pela 7ª vez. Juntas, nos colocaremos à escuta das diversas realidades, em atitude de discernimento para acolher o que o Espírito está dizendo hoje ao nosso Instituto.

Não se encontra presente no meio de nós, por motivos de saúde, Madre Antonia Colombo, Superiora geral emérita. A ela vai o nosso agradecimento pelo seu luminoso testemunho e pela riqueza espiritual, cultural e carismática que nos deu: nós a acolhemos como herança preciosa destinada a marcar o futuro do Instituto.

Confiamos na oração de vocês a fim de que essa atitude nos acompanhe ao longo de todo o desenrolar do Capítulo geral. Um momento importante é o que cumpre a tarefa específica do Capítulo, ou seja, a eleição da Superiora geral e do seu Conselho.

Invocamos sobre a nossa Assembleia o auxílio de Maria, dos Santos e Bem-aventurados da Família salesiana, de toda a Igreja. Obrigada a todos pelo apoio no caminho que estamos iniciando.

Discurso do Cardeal João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica

Introdução

Faz três anos que estou em Roma, a serviço do Papa, junto com um grupo de quarenta pessoas que trabalham todo dia na Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica (CIVCSVA). Temos contato com um universo de cerca de um milhão e meio de pessoas consagradas no mundo inteiro, pertencentes a cerca de 2000 Ordens, Congregações, Sociedades, Institutos Seculares e *Ordo Virginum*.

Estamos próximos do quinquagésimo aniversário da aprovação da Constituição dogmática *Lumen gentium* por parte dos Padres conciliares reunidos com o Papa, no Vaticano. Era o dia 21 de novembro de 1964. O Decreto conciliar sobre a atualização dos religiosos, *Perfectae caritatis*, foi aprovado no dia 28 de outubro de 1965. Em 2015 esse importante documento para a vida consagrada fará 50 anos. A fim de retomar as grandes linhas com as quais o Concílio delineou os passos que a vida consagrada já deu no decurso dos anos, o Papa Francisco proclamou 2015 “Ano da Vida Consagrada”. Em Roma estamos trabalhando na preparação desse significativo evento, cujo anúncio provocou uma reação positiva de homens e mulheres consagradas de todo o mundo.

O sexto capítulo da *Lumen gentium* (n. 43-47) considera os religiosos parte integrante do povo de Deus, que é a Igreja. Sem eles, fica faltando uma parte importante desse povo. Portanto, se os religiosos e as religiosas não se sentem, ou não são considerados como parte do grande e único povo de Deus, perdem a ótica e o horizonte mais importante do próprio carisma. Na verdade, todos os Fundadores e as Fundadoras foram homens e mulheres profundamente eclesiais, estreitamente ligados

à experiência de Deus, vivida na comunhão com a Igreja e a serviço da humanidade, especialmente dos mais pobres.

O Concílio Vaticano II deu destaque à vida dos conselhos evangélicos neste novo momento na história da Igreja e da humanidade, porque reconhece que esse estilo de vida se funda nas palavras e no exemplo do Senhor e nos foi aconselhado pelos Apóstolos, pelos Padres, Doutores e Pastores da Igreja¹.

«Por isso, o sagrado Concílio confirma e louva aqueles homens e mulheres, aqueles irmãos e irmãs que, nos mosteiros, nas escolas, nos hospitais e nas missões, com perseverante e humilde fidelidade à sua consagração, honram a esposa de Cristo, e a todos os homens prestam generosos e variadíssimos serviços» (LG 46, § 3).

Trata-se de várias formas de consagração: Vida monástica no Oriente e no Ocidente, Ordem das Virgens e das Viúvas, Eremitas, Institutos completamente dedicados à contemplação, Institutos de vida apostólica, Institutos Seculares, Sociedades de vida apostólica, e também as novas expressões de vida consagrada, entre as quais muitas que se apresentam como “Famílias eclesiais” que reúnem num mesmo carisma várias formas de consagração e de empenho apostólico, entre as quais também os casados. Esse fenômeno eclesial se manifestou tanto entre os Institutos e as Sociedades de vida apostólica, como em Movimentos eclesiais de leigos, com características muito semelhantes.

Nos anos do pós-Concílio teve início um percurso de renovação da vida consagrada – renovação que continua ainda hoje – que passou por momentos difíceis, mas também momentos de surpreendente vigor e de crescimento (cf. VC 2, § 4). O Sínodo sobre a Vida Consagrada em

¹ LG 43 evidencia o caráter cristológico da vida consagrada. Ela será aprofundada em particular pela Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*. O Papa São João Paulo II enfatizará esta dimensão na primeira Mensagem para a Jornada da Vida Consagrada: «Como ressaltou o Concílio (cf. *Lumen gentium*, 44) e eu mesmo tive modo de reiterar, na citada Exortação apostólica, a vida consagrada “imita mais fielmente e continuamente representa na Igreja a forma de vida que Jesus, supremo consagrado e missionário do Pai para o seu Reino, abraçou e propôs aos discípulos que o seguiam” (n. 22). Ela é, pois, memória especial e viva de seu ser de Filho que faz do Pai o seu único Amor – eis a sua virgindade – que nele acha sua exclusiva riqueza – eis a sua pobreza – e tem na vontade do Pai o “alimento” do qual se nutre (cf. Jo 4, 34) – eis a sua obediência» (Mensagem de 2 de fevereiro de 1997, n. 3).

1994 foi determinante nesse processo de renovação. A Exortação apostólica de 1996, que é o fruto desse evento eclesial, continua atual e fortemente orientador para o momento que estamos atravessando². Nós a retomaremos mais adiante, principalmente no segundo capítulo, nos números 41-58.

Vita consecrata apresenta essa vocação eclesial como “confissão da Trindade”. No segundo capítulo, exprime essa realidade trinitária como “sinal de fraternidade”. Assim, a vida consagrada na Igreja é vista como “sinal de comunhão”. Para ajudar a Igreja a entrar no novo milênio, o Papa São João Paulo II reconheceu a centralidade da espiritualidade de comunhão. Esta é a novidade que hoje poderá acender uma nova luz entre as pessoas consagradas, que une a diversidade dos numerosos carismas, antigos e novos, na misteriosa comunhão da Igreja³. São João Paulo II afirma que a espiritualidade de comunhão deve se tornar o princípio educativo em todos os lugares onde se formam o homem e a mulher do nosso tempo. Estes são novos e bons modos que podem ajudar os consagrados e as consagradas a percorrer, decididamente e com convicção, as etapas de renovação que nos esperam. A cultura mudou nos nossos dias. Mudam os pontos de referência da humanidade. Mas Cristo e o seu Evangelho não mudam. A sua luz é para sempre, mesmo que devesse sempre ser reinterpretada para o homem e a mulher de hoje⁴.

² A obra monumental coordenada por G. ROCCA, *Dizionario degli Istituti di Perfezione* (DIP, 10 volumes) testemunha e oferece ao povo de Deus uma riqueza de experiências carismáticas que ajudam a viver a sua vocação batismal e a missão da Igreja: «Os mesmos dons infundidos pelo Espírito são ordenados por vontade de Cristo e por sua natureza a todo o corpo, de modo que possa vivificar suas funções e atividades» (MR 5).

³ Um contributo constante para seguir e promover a renovação da vida consagrada era e é oferecido por revistas específicas em muitos países do mundo. Os responsáveis de 14 delas, de 7 Países, se reuniram em Roma para o III Congresso Internacional, com o tema “Seguindo as Pegadas do Concílio” (28-30.11.2012). O Congresso aprofundou o magistério conciliar e a colaboração recíproca. Para aqueles que se interessam pode ser útil consultar as obras publicadas em colaboração nesse período, em particular os Atos das reuniões semestrais da Conferência dos Superiores Gerais (USG), publicados em várias línguas.

⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, 43-45. Indicamos também: AA.VV., *Vita consecrata, un dono del Signore alla sua Chiesa*, Leumann (Torino) 1993; AA.VV., *Consacrati da Dio, dono alla Chiesa e al mondo. Approfondimenti sull'Esortazione Apostolica “vita consecrata”*, Roma 1997; AA.VV., *L'Esortazione Apostolica post sinodale di Giovanni Paolo II. I grandi temi*, Roma 1997.

Foram muitas as ocasiões em que o Papa Francisco se dirigiu a nós, consagrados e consagradas, encorajando-nos ao empenho autêntico do seguimento de Jesus, na linha do Concílio Vaticano II e para a renovação da vida consagrada. Isso aconteceu em 2013, por ocasião do encontro do Papa com 800 Superiores Gerais da UISG (União Internacional das Superiores Gerais) em Roma⁵, assim como em outras ocasiões.⁶

Portanto, aprofundaremos, embora não de maneira completa, três realidades:

1. A renovação da vida consagrada a 50 anos do Vaticano II.
2. A vida consagrada, sinal de comunhão na Igreja e no mundo, na Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*, em particular nos n. 41-58.
3. Homens e mulheres consagrados, discípulos e discípulas do Senhor, na escola da comunhão.

⁵ FRANCISCO, *Discurso à Assembleia Plenária da União Internacional das Superiores Gerais* (UISG), 8 de maio de 2013.

⁶ Ver, por exemplo, a resposta do Papa Francisco numa entrevista com o diretor da revista “La Civiltà Cattolica”, no dia 19 de agosto de 2013: «Os religiosos são profetas. São aqueles que escolheram seguir Jesus de um modo que imita a sua vida com a obediência ao Pai, a pobreza, a vida comunitária e a caridade. Na Igreja os religiosos são chamados a ser profetas que testemunham como viver a vida de Jesus neste mundo, e pregar como será o Reino de Deus quando vier a sua perfeição. Ser profeta implica às vezes fazer barulho, não sei como dizer... a profecia cria rumor, alguém diria que cria “grande confusão”. Na verdade, porém, o seu carisma é ser fermento: a profecia anuncia o espírito do Evangelho» (SPADARO A., *Intervista con Papa Francesco*, em *La Civiltà Cattolica* n. 3918, 19 settembre 2013, 464-465). E ainda, o diálogo de três horas do Papa Francisco com cerca de 120 Superiores Gerais no dia 29 de novembro de 2013 na Sala do Sínodo no Vaticano. Foram momentos geradores de muita alegria para os Superiores. Alguns deles disseram: “O Papa Francisco nos reuniu ao redor dele como um pai de família reúne seus filhos na sua casa” (Cf. SPADARO A., “*Svegliate il mondo*”. *Colloquio di Papa Francesco con i Superiori Generali*, em *La Civiltà Cattolica* n. 3925, 4 gennaio 2014). Cf. CIVCSVA, *Lettera circolare Rallegratevi! in preparazione all’Anno della Vita Consacrata*, Libreria Editrice Vaticana, Roma 2014.

1. A renovação da vida consagrada a 50 anos do Vaticano II

Desenvolveremos o nosso tema em duas fases:

- os religiosos na Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja (cap. VI, n. 43-47);
- o Decreto conciliar *Perfectae caritatis*.

1.1. Os religiosos na Constituição dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja (cap. VI, n. 43-47)

A *Lumen gentium* dedicou inteiramente o capítulo VI aos religiosos, considerando-os como membros integrantes da Igreja, povo de Deus, junto com os fiéis membros da hierarquia e do laicato. Como já vimos, os consagrados e as consagradas são hoje na Igreja uma realidade plural, numerosa e muito significativa. São homens e mulheres que respondem com a vida, não a um mandamento – não obstante sejam submetidos a todos – mas aos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, «dom divino que a Igreja recebeu do seu Senhor e, com a sua graça, sempre conserva» (n. 43).

E o seu valor é tal que «o estado de vida [...] constituído pela profissão dos conselhos evangélicos, embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está contudo inabalavelmente ligado à sua vida e à sua santidade» (n. 44 § 4).⁷

⁷ Esse dado teológico é retomado pela Exortação apostólica *Vita consecrata*, na qual São João Paulo II dá a motivação, unindo a vida consagrada diretamente com a sua fonte pelo fato de que «a profissão dos conselhos evangélicos está intimamente conexa com o mistério de Cristo, tendo a tarefa de tornar de algum modo presente a forma de vida que Ele escolheu, apontando-a como valor absoluto e escatológico. Jesus mesmo, chamando algumas pessoas a abandonar tudo para segui-lo, inaugurou esse tipo de vida que, sob a ação do Espírito, se desenvolverá gradualmente ao longo dos séculos, nas várias formas da vida consagrada. A concepção de uma Igreja composta unicamente de ministros sagrados e de leigos não corresponde, portanto, às intenções do seu divino Fundador, como nos apresentam os Evangelhos e outros escritos neotestamentários» (VC 29; cf. 23).

Hoje, a 50 anos do Concílio, o aprofundamento conduzido pela eclesiologia conciliar, seja como busca teológica, seja como experiência concreta de comunhão, na feliz expressão de São João Paulo II, permite-nos afirmar que a dimensão hierárquica da Igreja e a dimensão carismática são igualmente essenciais: «Tive muitas vezes ocasião de evidenciar que na Igreja não existe contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática, da qual os movimentos são uma expressão significativa. Ambos são coessenciais à constituição divina da Igreja fundada por Jesus, porque juntas concorrem para tornar presente o mistério de Cristo e da sua obra salvífica no mundo. Além disso, juntas, têm em vista renovar, a seu modo, a autoconsciência da Igreja que, pode-se dizer, em certo sentido, ser essa mesma “movimento” como evento, no tempo e no espaço, da missão do Filho por obra do Pai, na potência do Espírito Santo».⁸ Isso não impede de forma alguma que «sendo ofício da hierarquia eclesiástica apascentar o povo de Deus e conduzi-lo a pastagens férteis (cf. Ez34,14), cabe a ela regular sapientemente com suas leis a prática dos conselhos evangélicos, instrumento singular a serviço da caridade perfeita para com Deus e para com o próximo» (LG 45).

O Concílio vê, nos religiosos e nas religiosas, a possibilidade para a Igreja de apresentar Cristo de modo cada vez mais perfeito aos homens e às mulheres, «seja na oração sobre o monte, seja no anúncio do reino de Deus às multidões, seja quando cura os doentes e feridos, ou traz os pecadores à conversão, seja quando abençoa as criancinhas e faz o bem a todos, sempre obediente à vontade do Pai que o enviou» (LG46).

Os Padres Conciliares reconhecem que a profissão dos conselhos evangélicos comporta a renúncia a bens que são muito valiosos. Essa necessária renúncia, todavia, não se opõe ao verdadeiro progresso da pessoa humana; antes, é de grande vantagem à purificação do coração, à liberdade espiritual e ao fervor da caridade. A Virgem Maria e os santos Fundadores são uma confirmação disso. Assim, de modo muito particular, as mulheres e os homens consagrados são um exemplo para os contemporâneos, testemunhando-lhes a ternura de Cristo (cf. LG 46).

⁸ JOÃO PAULO II, *Mensagem aos participantes do Congresso mundial dos Movimentos Eclesiais*, Roma 27-29 de maio de 1998, n. 5.

Hoje, mais do que nunca, a presença das mulheres e dos homens consagrados na Igreja e no mundo pode ajudar a cultura atual, convidando-a a “não ter medo de ser feliz”, a orientar esse desejo e esse objetivo a níveis mais profundos, com a condição de que o consagrado e a consagrada sejam, eles mesmos, pessoas humanamente felizes e realizadas, testemunhando autenticamente que seguir a Deus e viver o Evangelho realiza as pessoas. Os numerosos abandonos da vida consagrada, a cara triste, fechada, de muitos entre eles e a falta de um espírito de família em algumas casas religiosas estão indicando que há alguma coisa a re-ver no testemunho da vida consagrada.

1.2. O Decreto conciliar “*Perfectae caritatis*”

Nesse decreto, o Concílio Vaticano II «entende ocupar-se da vida e da disciplina daqueles institutos, cujos membros fazem profissão de castidade, de pobreza e de obediência, e prover às necessidades deles segundo as hodiernas exigências» (PC 1).⁹ A *Lumen gentium*, como recorda o Decreto, afirmou que «a consecução da caridade perfeita por meio dos conselhos evangélicos tem origem na doutrina e nos exemplos do divino Mestre e aparece como um sinal excelente do reino dos céus» (*id.*).

Conhecemos a vida e a disciplina de mulheres e homens que, desde o início da Igreja, se propuseram a seguir Cristo desse modo e transcorreram a vida em solidão ou fundaram Famílias religiosas que a Igreja aprovou. Hoje, é muito grande o número desses grupos religiosos que tornam a Igreja preparada para toda boa obra e a fazem preciosa com a sua riqueza carismática.

Parece-me conveniente repropor aqui aqueles princípios gerais de uma correta renovação da vida e da disciplina dos Institutos religiosos, das

⁹ A primeira obra de referência é TILLARD M.R. - CONGAR Y.M.J., *Il rinnovamento della vita religiosa. Studi e commenti intorno al decreto Perfectae caritatis*, Vallecchi Editore, Firenze 1967. Ver também CISM-USMI, *Vita religiosa, bilancio e prospettive*. Atti della celebrazione del XXV del Decreto conciliare *Perfectae caritatis*, ed. Rogate, Roma 1991.

Sociedades de vida apostólica e dos Institutos Seculares, que o Concílio apresentou há 50 anos, e verificar o progresso de sua realização. Trata-se de um contínuo retorno às fontes da vida cristã, à inspiração primitiva e original dos Institutos e adequação às novas condições dos tempos:

- colocar em ação o seguimento de Cristo, proposto no Evangelho como regra suprema;
- conhecer e observar fielmente o espírito e as intenções específicas dos Fundadores, bem como as sadias tradições;
- participar da vida da Igreja, favorecendo as iniciativas e as intenções da Igreja local, no que diz respeito às dimensões bíblica, litúrgica, dogmática, pastoral, ecumênica, missionária e as questões sociais;
- informar os membros acerca das condições dos homens e do tempo, das necessidades da Igreja, para um reto juízo e uma sábia inserção;
- promover a renovação, principalmente a espiritual, que sempre deve ter a prioridade;
- adaptar-se em toda parte, mas principalmente nos territórios de missão, às condições físicas e psicológicas dos religiosos de hoje, às necessidades do apostolado, às exigências da cultura e às condições sociais e econômicas;
- cultivar o espírito de oração, ir às fontes da espiritualidade cristã;
- em primeiro lugar, ter nas mãos diariamente a Sagrada Escritura;
- celebrar com os lábios e com o coração a sagrada liturgia, principalmente o mistério eucarístico;
- nutridos da Palavra e da Eucaristia, amar os irmãos, respeitar e estimar os Pastores com espírito filial, viver e sentir sempre mais com a Igreja, dedicando-se inteiramente à sua missão.¹⁰

¹⁰ Por esses apelos, por causa do caráter profético da vida consagrada, poderíamos acrescentar perguntas que o Papa Francisco fez durante a sua homilia na solenidade de Pentecostes: «A novidade sempre nos dá um pouco de medo, porque nos sentimos mais seguros quando temos tudo sob controle (...) temos medo de que Deus nos faça percorrer estradas novas, nos faça sair do nosso horizonte muitas vezes limitado, fechado, egoísta, para abrir-nos aos seus horizontes (...). Perguntemo-nos hoje: estamos abertos às “surpresas de Deus”? Ou nos fechamos, com medo, à novidade do Espírito Santo? Somos corajosos para percorrer as novas estradas que a novidade de Deus nos oferece ou nos defendemos, fechados em estruturas caducas que perderam a capacidade de acolhimento?» (FRANCISCO, *Homilia na Solenidade de Pentecostes*, 19 de maio de 2013,1).

50 anos após a realização do Concílio, fará muito bem a cada um de nossos Institutos ler e rever com tranquilidade (talvez através do Capítulo geral) esses princípios gerais apresentados a nós pela mais alta autoridade da Igreja: o Concílio presidido pelo Papa. Muito se fez em tantas Famílias religiosas, mas o programa de renovação é vasto e intenso e ainda não se esgotou. Agora, mais do que nunca, esse esforço se faz necessário, pois se acentua a mudança de época, e o Papa Francisco nos anima fortemente nessa direção.

O Decreto *Perfectae caritatis* fala também aos Institutos dedicados à contemplação, aos quais são inteiramente dedicados os números 7, 9, 16 e 21. Eles «conservam sempre um lugar eminente no Corpo místico de Cristo» (n. 7). São como ornamentos da Igreja e fontes de graças celestes. São uma fonte de fecundidade, honram e fazem crescer o Povo de Deus. A solidão, o silêncio, a oração assídua, a fervorosa penitência levam os membros a se empenharem exclusivamente na contemplação de Deus.

Porém, o Concílio pede também à vida contemplativa que reveja o próprio modo de ser, à luz dos princípios e critérios acima elencados, naturalmente adaptados às exigências da contemplação.

Do Oriente e do Ocidente são chamados pelos Padres conciliares a custodiar com fidelidade, e no seu autêntico espírito, a “veneranda instituição da vida monástica”. No curso dos séculos, ela adquiriu méritos, seja na Igreja como na sociedade humana. Os monges e as monjas são chamados a servir a Deus, permanecendo na sua presença, seja dedicando-se inteiramente ao culto divino, numa vida silenciosa, seja assumindo legitimamente algumas obras de apostolado e de caridade cristã. A renovação de antigas tradições, em vista das novas exigências das pessoas de hoje, seja feita de modo que os mosteiros se tornem centros para a difusão da vida cristã (cf. PC 9).

Três importantes dimensões, ligadas principalmente à vida das monjas, são agora reestudadas por parte da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA), levando em conta o desejo do Papa Francisco e a continuidade de renovação proposta pelo Concílio. São a formação, a clausura papal e a autonomia dos mosteiros.

Entendida hoje como “formação contínua”, a formação inclui as etapas iniciais e dura toda a vida. Deverá levar em conta a *sequela Christi*, o aprofundamento constante do carisma do Fundador ou da Fundadora, além da atenção à cultura atual. Nos documentos do Magistério, continuamente atualizados, a vida consagrada em geral e a contemplativa de modo particular encontrarão a orientação segura e fecunda.

A clausura papal se refere às monjas de vida integralmente contemplativa. O Concílio pediu que ela seja mantida firmemente e, ao mesmo tempo, seja adaptada aos tempos e lugares, eliminando usos obsoletos. No entanto, as decisões deveriam ser tomadas depois de ouvir o parecer de diversos mosteiros. A respeito disso, já o Papa Paulo VI emanou em 1966 normas operacionais dos Decretos conciliares; mais tarde também o nosso Dicastério publicou textos sobre o mesmo argumento da clausura.¹¹

Outras monjas, porém, empenhadas – lá onde fosse determinado pelas suas Constituições – em obras de apostolado, não são ligadas à clausura papal. Essas mantêm a própria clausura em conformidade com as Constituições (cf. PC 16 § 2).

Institutos e mosteiros em via de extinção deveriam se unir a um outro Instituto ou mosteiro com finalidade e espírito semelhantes (cf. PC 21).

O Decreto *Perfectae caritatis* favorece também a constituição de federações e uniões de Institutos e mosteiros independentes (*sui iuris*) (cf. PC 22).

¹¹ PAOLO VI, Motu proprio *Ecclesiae Sanctae*, 6 agosto 1966, em particular: Parte II, VI: *La Clausura delle Monache*. Ver também: SACRA CONGREGAZIONE PER I RELIGIOSI E GLI ISTITUTI SECOLARI, Istruzione sulla vita contemplativa e la clausura delle monache *Venite seorsum*, 15 agosto 1969; CIVCSVA, *Verbi Sponsa. Istrução sobre a vida contemplativa e a clausura das monjas*, 13 de maio de 1999.

2. A vida consagrada, sinal de comunhão na Igreja e no mundo na Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata* (n. 41-58).

Há quase vinte anos a Exortação apostólica *Vita consecrata* nos guia constantemente na renovação conciliar da vida religiosa. São numerosos, hoje, os Institutos que atualizaram suas constituições, suas regras, seus diretórios, tendo seguido as informações e as diretivas.

A Exortação apostólica sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo, de 25 de março de 1996 (30 anos após a aprovação do decreto conciliar *Perfectae caritatis*), é o resultado do Sínodo dos Bispos, realizado após os Sínodos dedicados aos leigos e aos presbíteros, completando assim «a exposição das peculiaridades características dos vários estados de vida, que o Senhor Jesus quis na sua Igreja» (VC 4). Produziu e produz um grande influxo sobre as orientações para a vida consagrada e, portanto, marcou e continua a marcar uma nova etapa de adaptação dos eremitas, mosteiros de vida contemplativa, antigas Ordens, Congregações, Sociedades de vida apostólica, dos Institutos, na Igreja em diálogo com o Senhor e com os homens e as mulheres do nosso tempo.

Não temos possibilidade de comentar aqui todo esse precioso documento eclesial, dada a sua extensão¹² e também a profundidade e amplitude de perspectivas. Consideramos apenas os números 41-58, que são o início do segundo capítulo, porque nos parece encontrar aqui o coração dos valores permanentes da vida consagrada como sinal de comunhão na Igreja.

De modo especial, sensibiliza-nos a perspectiva da Igreja como mistério de comunhão, e é por isso que ser “imagem e semelhança da Feliz Trindade” é o fundamento da vida dos filhos e das filhas da Igreja, que são justamente os consagrados e as consagradas.

Ainda não assumimos uma consciência suficiente de que a Santíssima Trindade, adorada com todas as nossas forças, professada com grande atenção – segundo uma terminologia correta por parte da Igreja no cur-

¹² 200 páginas na publicação da Livraria Editora Vaticana, 1996.

so da história – não deverá mais ser um teorema indecifrável para os discípulos de Jesus. Esse teorema pode ser resumido na pergunta: como combinar unidade e diversidade em Deus e, portanto, na sua imagem humana de homens e mulheres, de modo a ser vivida no cotidiano da Igreja-comunhão, inserida num mundo globalizado? Portanto, preferimos desenvolver algumas perspectivas mais utilizadas na antropologia cristã e na eclesiologia atual, que nos indicam uma estrada universal, a fim de que a comunhão do Pai e do Filho e do Espírito Santo viva na nossa vida. Iremos nos deter sobre isso, um pouco mais adiante.

A exortação *Vita consecrata* nos faz compreender a *sequela Christi* própria dos consagrados, através dos votos de pobreza, castidade e obediência, à luz do mistério trinitário. Na Exortação, a vida consagrada é vista como imagem da Santíssima Trindade (cf. n. 41). A comunidade dos “doze” em torno de Jesus, a comunidade nascida em torno dos apóstolos e de Maria (cf. *At* 2,42-47; 4, 32-35), são o modelo no qual a Igreja se inspirou. Ela é essencialmente mistério de comunhão, «um povo que deriva a sua unidade da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo».¹³

Na medida em que a vida consagrada, hoje, toma conhecimento da antropologia e da eclesiologia trinitárias e faz experiência da espiritualidade de comunhão, no carisma próprio de cada Instituto e também entre os vários Institutos, ela continuará a oferecer uma luz necessária para o seguimento de Jesus. «A vida consagrada tem certamente o mérito de ter contribuído, eficazmente, para manter viva, na Igreja, a exigência da fraternidade como confissão da Trindade. Com a constante promoção do amor fraterno também na forma de vida comum, ela revelou que *a participação na comunhão trinitária pode mudar os relacionamentos humanos*, criando um novo tipo de solidariedade (VC 41).

Com os novos aprofundamentos teológicos, reflexo da experiência de comunhão na Igreja, hoje é possível avançar na compreensão e testemunho de vida fraterna, concebida como reflexo da Trindade Santís-

¹³ S. CIPRIANO, *De Oratione Dominica* 23: PL 4, 553; cf. CONCÍLIO VATICANO II, LG 4.A Exortação *Vita consecrata* retoma o texto de S. Cipriano e precisa: «A vida fraterna entende espelhar a profundidade e a riqueza de tal mistério, configurando-se como espaço humano habitado pela Trindade, que estende assim, na história, os dons da comunhão próprios das três Pessoas divinas» (VC 41).

sima. Justamente por essa origem trinitária da Igreja, a «vida fraterna, entendida como vida compartilhada no amor, é sinal eloquente da comunhão eclesial» (n. 42). Trata-se de um amor incondicional baseado no novo mandamento do Senhor (cf. *Jo* 13,34), chamado a se tornar amor recíproco, lei imprescindível da comunidade cristã, em particular, dos consagrados.

É nessa luz que podemos rever algumas experiências típicas da vida consagrada, como por exemplo, o binômio: autoridade-obediência, homem-mulher consagrados, jovens-idosos, ou até mesmo a tríade mestre-discípulo-missionário.

Autoridade e obediência no seio da Igreja, que é mistério de comunhão, não podem ser convertidas em autoritarismo ou em escravidão, no âmbito das comunidades de consagrados e consagradas. Devem, necessariamente, se tornar uma experiência de fraternidade madura e livre. Na verdade, não se pode indicar a vontade de Deus ou obedecer a essa mediante um superior, se a autoridade e aqueles que obedecem não procuram juntamente seguir Jesus, sendo todos discípulos dele, possuindo a mesma dignidade, apresentando-se como espaço humano habitado pela Trindade que, assim, difunde na história os dons de comunhão que pertencem às três Pessoas divinas (cf. *VC* 41).

Sem abdicar da própria responsabilidade como primeira responsável na comunidade, a autoridade serve justamente para consolidar a comunhão fraterna e não frustrar a obediência professada (cf. *VC* 43).¹⁴ Mas isso só é possível quando “quem manda” e “quem obedece” se reconhecem e se tratam como irmãos. Uma das razões mais incisivas e convincentes se acha no fato de que só se pode descobrir a vontade de Deus, se os dois membros da comunidade (isto é, os dois discípulos do Senhor) se reconhecem e vivem como irmãos.

A vida da Santíssima Trindade, feita amor fraterno em comunidade, desperta uma outra dimensão concreta do amor, muito necessária hoje: o cuidado dos idosos e dos doentes: «Eles certamente têm muito a dar em sabedoria e experiência à comunidade, se essa sabe estar perto deles com atenção e capacidade de escuta»(*VC* 44).

¹⁴ CIVCSVA, Instrução *O serviço da autoridade e a obediência*, 11 de maio de 2008.

Como foi lembrado antes, a Exortação apostólica convida os consagrados a viverem de acordo com a imagem da comunidade apostólica o *sentire cum Ecclesia*, a construção da fraternidade da Igreja, seja no mundo inteiro, seja em cada Igreja particular. Desse modo, a experiência, chamada a crescer continuamente, se torna experiência de diálogo animado pela caridade. Isso vale, em particular, para o testemunho de fraternidade num mundo dividido e injusto. Chegou o tempo para uma sincera comunhão entre os diversos Institutos e as Sociedades de vida apostólica, como já aconteceu em muitos lugares. Os órgãos de coordenação, assim como a comunhão e a colaboração, requerem hoje um recíproco suporte entre religiosos e leigos (VC 55-56).

A dignidade e o papel das mulheres em geral e, em particular, da mulher consagrada, foram evidenciados em *Vita consecrata* (cf. n. 57 e 58). A Exortação oferece novas perspectivas sobre a presença e a ação da mulher, além da urgência de criar «espaços de participação em vários setores e em todos os níveis, também nos processos de elaboração das decisões, principalmente naquilo que lhes diz respeito» (VC 58). Ultimamente, o Papa Francisco insiste muito sobre essa participação, como no caso do Dicastério da vida consagrada, em Roma. As mulheres representam a maioria das pessoas consagradas, todavia não são proporcionalmente representadas. O mesmo vale para os mais variados campos da vida eclesial em que a presença delas significa uma atuação de maior “humanização” das relações e uma manifestação mais completa da dimensão materna da Igreja. No entanto, consagrados e consagradas, capazes de uma relação recíproca iluminada pelo amor que vem do seio da Trindade, podem experimentar uma maior complementaridade entre a dimensão masculina e feminina, sem prejuízo do próprio ser consagrado, por imaturidade e/ou por falta de conhecimento recíproco.

3. Homens e mulheres consagradas, discípulos e discípulas do Senhor, na escola de comunhão

Os consagrados são aqueles nos quais Deus pousou seu olhar de amor muito intenso e os chamou, pessoalmente. Esse mesmo olhar de Deus acontece para todas as outras vocações na Igreja e, portanto, não é um privilégio dos consagrados. A estes últimos, porém, o Senhor permitiu perceberem a beleza de algumas dimensões do Evangelho como o modo particular de segui-lo e de ser íntimos dele, e isso se dá vivendo os conselhos evangélicos de pobreza, castidade (a virgindade) e obediência.¹⁵

O chamado à consagração é um dom de Deus que é amor. Para outros o mesmo chamado é para o matrimônio ou para outras formas de vida. O chamado de Deus é completamente gratuito. A resposta, de acordo com o próprio chamado, acontece em liberdade, não obstante o caminho do discipulado se mostre exigente. A resposta positiva do discípulo ao Senhor o conduz a opções que exigem, não sem sofrimento interior, a renúncia a outras realidades.

Hoje compreendemos melhor o fato de que todos os batizados são chamados a ser discípulos, ou seja, pessoas que praticam o que o Senhor ensinou e testemunhou. Nesse sentido, a “teologia dos estados de perfeição” deveria ser bem entendida, para não concluir que os demais estados são destinados à imperfeição. É necessário o retorno a um aprofundamento do nosso batismo. As diversas vocações, entre as quais o chamado ao serviço ministerial sacerdotal, têm a mesma dignidade. Fundamento de todas é a dignidade que foi recebida no batismo: a dignidade de filhos de Deus. Todos igualmente filhos de Deus, com dons e vocações diferentes, para servir o único povo de Deus. Esse é o ensinamento do Evangelho, retomado pela Constituição dogmática *Lumen gentium* do Concílio Vaticano II. Há cinquenta anos do Concílio, é ne-

¹⁵ Cf. *VC* 15.17-19.

cessário continuar percorrendo essa estrada, para fazer com que ela se torne um estilo de vida eclesial.¹⁶

O fundamento da *sequela Christi* é o contínuo contato com a Palavra de Deus e a decisão cotidiana para transformá-la em vida e torná-la experiência nossa. Além disso, Deus Amor vem em nosso auxílio com a força dos sacramentos, dos quais os discípulos sentem necessidade para serem capazes de seguir o seu percurso.

O elemento novo na vida cristã e no seguimento de Jesus, por parte daqueles que são ou querem se tornar seus discípulos, é a passagem de uma *sequela Christi* individual e, sempre necessária, a uma *sequela Christi* comunitária,¹⁷ imprescindível na cultura globalizada de hoje.

Portanto, no novo momento histórico que vai se formando, a espiritualidade de comunhão oferece os princípios educativos necessários para modelar o homem e o cristão.¹⁸

¹⁶ As várias formas de vida, nas quais, segundo o plano de Cristo Senhor, se articula a vida eclesial, têm relações recíprocas, sobre as quais deveríamos nos deter. Todos os fiéis, em virtude de sua regeneração em Cristo, compartilham a mesma dignidade; todos são chamados à santidade; todos colaboram na edificação do único Corpo de Cristo, cada qual segundo a própria vocação e o dom recebido do Espírito (cf. *Rm* 12,3-8; *LG* 32; *CIC* can. 208). A igual dignidade de todos os membros da Igreja é obra do Espírito, é radicada no Batismo e na Confirmação e é corroborada pela Eucaristia. Mas é também obra do Espírito a multiplicidade de formas. É Ele que faz da Igreja uma comunhão orgânica na sua diversidade de vocações, carismas e ministérios (*AG* 4, *LG* 4.12.13, *GS* 32, *AA* 3; *ChL* 20-21: *AAS* 81 (1989), 425-428; CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Carta *Communiois notio* aos Bispos da Igreja católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão (28 de maio de 1992), em *AAS* 85 (1993), 847.

¹⁷ A declaração se baseia sobre «a índole comunitária da humana vocação no plano de Deus», como afirma *Gaudium et Spes* 24, que abre novos horizontes: «o Senhor Jesus, quando pede ao Pai “que todos sejam um..., como nós somos um” (*Jo* 17, 21), abrindo-nos perspectivas inacessíveis à razão humana nos sugeriu uma certa semelhança entre a união das Pessoas divinas entre si e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade. Esta semelhança torna manifesto que o homem é a única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma».

¹⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, 43: «Uma espiritualidade de comunhão. Fazer da Igreja a casa e a escola de comunhão: eis o grande desafio que está diante de nós, no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao projeto de Deus e responder também às aspirações profundas do mundo». Em *Vita consecrata* lemos: «A Igreja confia às comunidades de vida consagrada a particular tarefa de fazer crescer a espiritualidade da comunhão, antes de tudo no âmbito interno e depois na mesma comunidade eclesial e além de seus confins, abrindo ou reabrindo constantemente o

3.1. A vida consagrada na medida de Deus e na medida do homem e da mulher de hoje

Os consagrados e as consagradas de vida contemplativa e também de vida ativa não existem para se ocupar principalmente com as obras e estruturas entregues pelo passado à própria história. Muitas vezes essas obras e estruturas se tornaram pesadas e cada vez mais difíceis de serem administradas, numa situação de menor disponibilidade de pessoal e por causa de exigências sociais e públicas sempre mais globais. Essa parece ser a realidade de grande parte dos Institutos religiosos, principalmente na Europa, Estados Unidos, Canadá e Austrália. O mesmo fenômeno, todavia, está presente também em outros continentes.

Como o Concílio nos pediu, é necessário voltar ao verdadeiro sentido da vida consagrada, isto é, o seguimento de Jesus, descobrindo o seu amor, descobrindo o motivo para o qual Ele nos chamou a viver o carisma do nosso Fundador, da nossa Fundadora. Na realidade o que caracteriza os Fundadores é que eles seguiram a iluminação que Deus lhes deu. Esse é o motivo pelo qual eles se realizaram, foram fiéis e construíram monumentos de beleza e de santidade na Igreja.

Por outro lado, estamos nos conscientizando do fato de que o homem e a mulher de hoje alcançaram uma nova maturidade. São ciosos de valores como liberdade, igual dignidade, justiça, diversidade, paz. A globalização, facilitada pelo desenvolvimento da tecnologia, invadiu cada canto da terra. Ao mesmo tempo, porém, somos herdeiros de fenômenos que se enraizaram em nós, como o individualismo, a perda dos valores tradicionais e universais, o laicismo que, na fúria de combater a religião, se torna ele mesmo uma religião, o sonho eterno do homem sem Deus, que se julga autossuficiente. No coração do homem e da mulher de hoje ainda está vivo o desejo de felicidade, a procura da realização pessoal e coletiva, mesmo se alcançada apenas em alguns momentos fugazes.

diálogo da caridade» (n.51). A mesma ideia é retomada na Instrução *Partir de Cristo*, organizada pela CIVCSVA, na qual se destaca que a espiritualidade de comunhão não pode ser vivida plenamente senão através de uma sincera entrega de si (cf. os números 28-29 que se referem a Lc 17, 33 e a GS 24).

E nós, cristãos, tomamos consciência de que o grande patrimônio de luz dos milênios passados da história da fé, mesmo se visto como uma grande riqueza, hoje não resulta mais suficiente. Os tempos mudaram, as exigências humanas mudaram, mudaram as possibilidades de vida, e nós não estivemos sempre no ritmo do fenômeno cultural que hoje está crescendo rapidamente. Retornam as tendências do *tradicionalismo* e do *futurismo* na Igreja, como modos de encontrar segurança na experiência de fé. O envelhecimento de muitas Congregações, a falta de vocações, o abandono frequente da vida consagrada por parte de homens e mulheres consagrados, de todas as idades, a falta de correlação entre os consagrados mais idosos e os mais jovens, Fundadores infiéis ao carisma como consequência de sua infidelidade ao Evangelho, tudo isso nos questiona. Qual será então a vida consagrada autêntica na medida de Deus e na medida do homem e da mulher de hoje?

3.2. Deus é amor (1 Jo 4, 8.16). Também o homem e a mulher são amor (Gn 1, 27)

No início do nosso caminho vocacional de consagrados e consagradas, fomos marcados, sem dúvida, por uma profunda experiência de Deus que nos atraiu docemente, ou até fortemente, com o seu amor. Disso a maior parte de nós não tem qualquer dúvida e foi uma experiência deveras envolvente. Apaixonados, seguimos essa vocação; no começo, através de sinais, às vezes simples, sem nos dar conta da dimensão exigente que se revelaria mais tarde, mas seguindo o Senhor sem medo, por caminhos pouco conhecidos. Esse é o momento mais significativo que deu direção à nossa vida. Agora, é necessário retornar com decisão, para não perder a estrada e manter acesa a chama da busca da felicidade que arde dentro de nós.

O apóstolo e evangelista João nos garante que Deus é amor (1 Jo 4, 8. 16). Não é um sentimento de Deus, ou uma sua virtude, mas define a natureza de Deus: Ele é amor. Esse é o seu ser, essa é a sua essência. Experimentar o chamado de Deus no início de um chamado à vida consagrada significa perceber a presença do amor, provar a força de atração do amor, sentir a necessidade de ser amor. Certamente, Deus não envol-

veu só a nossa inteligência na adesão a uma verdade de fé ou a nossa vontade na adesão à moral cristã que gera novos comportamentos. Sem dúvida, foi uma experiência muito mais ampla, que envolveu todo o nosso ser, inclusive nossas emoções e sexualidade.

Só experimentando o amor, podemos entender que Deus tomou a iniciativa de se tornar carne, tornar-se humano na pessoa do Filho, Jesus de Nazaré, filho da Virgem Maria. É o Amor, Aquele que vem em busca da sua criatura afastada pelo pecado, para reaver o que lhe pertence. O mistério da encarnação do Filho tem as características do amor. É manifestação do amor. Com a vinda do Filho se entende que o amor não é solidão, mas comunhão. Jesus, o Filho de Deus encarnado, nos revelou que ele não vive sozinho. Tem um Pai – Deus – como Ele mesmo é Deus. Jesus nos revela e nos comunica também o Espírito Santo, que é Deus como Ele e como o Pai. Por isso, os Três que são o amor, não formam três solidões, mas três pessoas diferentes e bem identificadas, cada qual diferente uma da outra. Ao mesmo tempo formam entre si uma singular unidade em perfeito equilíbrio. Na verdade, em Deus-Amor a unidade e a diversidade não são contrárias, mas são duas faces da mesma realidade. Essa aproximação do mistério central de Deus hoje pode ajudar a ontologia e a antropologia cristã a assumir novos paradigmas para ajudar a cultura atual a compor de modo positivo as dimensões da unidade e da diversidade na experiência humana e na compreensão e experimentação da natureza e do cosmo.¹⁹

Por que buscar, no mistério da Santíssima Trindade, a realidade mais profunda para abrir a estrada de uma experiência antropológica para o nosso tempo?

Porque os tempos são novos, exigentes, complexos, marcados por progressos tecnológicos que permitem novas experiências humanas, antes impossíveis, e modificam muitos dos parâmetros e critérios de vida que ainda agora utilizamos. A própria fé tomou formas da cultura do passado que hoje não são mais significativas. Cresceu a consciência da importância dos valores humanos que devem ser conquistados e que não podem estar em contraste com os valores que a fé oferece. Prefere-

¹⁹ MORICONI B. (a cura di), *Antropologia Cristiana*. Bibbia, Teologia, Cultura, Città Nuova, Roma 2001.

se alcançar uma felicidade humana, em vez de buscar uma felicidade futura, incerta e difícil, e isso não depende do grau de dificuldade para alcançá-la. Para nós, homens e mulheres de fé, cristãos que querem arriscar tudo pela pessoa de Jesus Cristo, eis o novo desafio. Por que a nossa experiência de fé parece não nos oferecer uma felicidade superior àquela de quem não segue Jesus?

Recorremos ainda à Palavra de Deus para dar o passo necessário da realidade de Deus à nossa realidade humana e cósmica. Voltemos à história da criação, como nos é descrita no livro do Gênesis. O homem e a mulher são: *criatura, filho e filha, imagem de Deus*.

Criatura

Deus criou os seres humanos à sua imagem: “a imagem de Deus os criou. Homem e mulher os criou”. E Deus os abençoou, dizendo: «Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e dominai-a, dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre todo ser vivente que se arrasta sobre a terra»(Gn 1,27-28).

Deus criou os seres humanos: a Bíblia exprime a certeza de que Deus existe e que o homem não é Deus, mas foi criado por Deus e, portanto, *é criatura dele*.

O ser humano é a imagem de Deus: há uma comum identidade entre Deus, o homem e a mulher. Hoje, após a vinda de Jesus Cristo, entende-se que o homem é a imagem do Pai e do Filho e do Espírito Santo, isto é, a Santíssima Trindade. Foi o Filho de Deus que revelou e comunicou a nós esse grande mistério. Já que Deus é Amor, o ser humano também é amor.

O ser humano é homem e mulher: essas são as duas faces da humanidade, o macho e a fêmea. Eles são postos num plano de igualdade, um junto do outro, chamados a formar uma unidade de vida. Diferentes, como as pessoas da Trindade, mas chamados *à comunhão de vida, como a Santíssima Trindade que é um só Deus*.

Na criação Deus abençoou o homem e a mulher. Eles são criaturas abençoadas e, portanto, agradáveis a Deus. Na sua origem, homens e mulheres são bons e nascidos de Suas mãos. O homem e a mulher foram queridos por Deus desde a sua origem, e a história da salvação, narrada pela Bíblia, mostra que Deus não pode viver sem procurar e amar o homem e a mulher. Por isso os criou fecundos. A existência de outros seres humanos, nascidos do primeiro homem e da primeira mulher, não modifica as características das origens, pois todos os homens são chamados ao banquete da vida, pela fecundidade dos primeiros genitores, são criaturas de Deus, são homens e mulheres e são imagem de Deus, abençoados por ele. Também eles, que são frutos dessa fertilidade, são chamados a dominar a natureza, aperfeiçoando-a com sua inteligência e conservando-a para o bem de todos.

Filho e filha

«De fato, vocês todos são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo» (*Gl 3, 26-28*).

«Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que eram sujeitos à Lei, e todos recebemos a dignidade de filhos. E a prova de que sois filhos é que Deus enviou aos nossos corações o Espírito que clama: “Abba, Pai!” Portanto, já não és mais escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro; tudo isso, por graça de Deus» (*Gl 4,4-7*).

A graça da filiação divina é o que confere ao homem e à mulher a sua grande e única dignidade humana. Nenhum ministério, nenhum carisma, nenhum estado de vida dá uma nova dignidade; esses são apenas serviços a prestar aos membros do povo de Deus, todos revestidos da mesma dignidade de filhos de Deus. Hoje devemos arregaçar as mangas para mudar nossas velhas e falidas atitudes pessoais, herdadas de uma

cultura contrária ao Evangelho. Nós, Bispos, e todos os consagrados e consagradas, somos chamados a essa necessária mudança interior.

Chegamos a essa verdade, sem necessariamente ter de renegar a luz que nos vem da razão sobre o homem e a mulher, enquanto somos iluminados pela fé. Na realidade, foi o Filho, Jesus Cristo, que nos revelou e comunicou que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, um só Deus em três pessoas distintas.

Para aprofundar esse maravilhoso mistério do homem e da mulher, criados à imagem de Deus, devemos nos aproximar reverentes da identidade de Deus. Dificilmente o homem e a mulher teriam chegado a conhecer Deus em três pessoas, sem que, do alto, o Filho o tivesse revelado. Hoje, ajudados pela *sequela Christi* e pela reflexão teológica aprofundada pelos sempre atuais documentos do Vaticano II, chegamos a entender que a vida consagrada precisará dar novos passos rumo à espiritualidade de comunhão, cujo caminho surgirá necessariamente do mistério que é fonte segura ao longo do percurso: a Santíssima Trindade. Um esboço da via que deverá ser percorrida como experiência eclesial pelos consagrados e consagradas, mas também por todos os discípulos de Jesus, hoje, considerando os tempos profundamente mudados é o seguinte: Deus é Uno e Trino, porque Deus é amor (1 Jo 4,7-21). A encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo, permitiu que o homem e a mulher conhecessem e fizessem a experiência do amor. A Carta de Paulo aos Filipenses (2,5-11) explica o amor de Deus como *kenosi* (esvaziamento). O mistério da encarnação, a vida de Jesus de Nazaré e o mistério pascal confirmam o percurso de revelação e comunicação do amor de Deus, como *kenosi*. Somente ela pode ser a estrada de amor entre homens e mulheres. Portanto, é necessário começar a ler o texto aos Filipenses do v. 5.

Assim, o nosso desafio para experimentar Deus-Amor passa através da reconstrução da relação com a pessoa que temos diante de nós. Sem isso, segundo Jesus, não há experiência de Deus. Há um só Deus em três pessoas, cujas relações são constituídas pelo amor: o Pai só é Pai porque tem um Filho; assim é o Filho, diante do Pai; o Espírito Santo é o amor que une o Pai e o Filho. Entre nós, é a experiência de relação de amor com o outro que nos permite experimentar Deus. Assim hoje,

não será distanciando-nos uns dos outros para nos proteger que encontraremos e experimentaremos Deus, mas aproximando-nos do outro, homem ou mulher, com simplicidade de coração, dispostos a amá-lo/la: assim penetraremos no mistério de Deus. Essa é uma mudança necessária na prática da espiritualidade, hoje.

Em Deus, unidade e diversidade coincidem perfeitamente. O homem e a mulher, criados à imagem de Deus Uno e Trino, são seres em relação de amor com o outro e com todos os outros homens e mulheres. Por conseguinte, o homem e a mulher só podem construir de modo correto a própria identidade, num relacionamento amigável com outros homens e mulheres. A *kenosi* (esvaziamento de si para o bem dos outros) é o único modo possível para experimentar a unidade entre as pessoas, sem destruir sua diversidade. O amor humano que se torna divino é capaz de amar todos, amar por primeiro, amar sempre, como Deus ama. O amor que se torna recíproco entre pelo menos duas ou três pessoas gera a presença de Jesus no meio deles (cf. *Mt* 18,20). As pessoas que vivem a experiência do amor trinitário em suas relações demonstram e testemunham a verdadeira felicidade. Essa felicidade não existe sem as condições postas por Jesus: renunciar a si mesmo e carregar a própria cruz. A nova compreensão que ilumina esse percurso é que renunciar a si mesmo e abraçar a própria cruz são motivados pelo amor, como o de Jesus.

3.3. O amor, que é Deus, é Ser e não Ser ao mesmo tempo: a kenosi como condição sine qua non do amor (cf. Fl 2,5ss).

Para entender o amor e experimentar seus efeitos no homem e na mulher, a ponto de fazer que eles experimentem a felicidade, não é suficiente um correto sistema de ideias, por melhor que seja construído. O amor é, antes de tudo, fruto de uma experiência repetida com constância, na relação com Deus e na contínua relação com o homem e a mulher. Todavia, deve-se partir do supremo mistério da Trindade.

O Filho de Deus foi enviado pelo Pai para garantir aos homens e às mulheres que Deus é amor e, portanto, jamais deixou de amar a sua

criatura, antes a destinou a se tornar seu filho e filha. O Filho de Deus feito homem revelou e comunicou a nós que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Não são três deuses, mas um só Deus. Ele é o ser, o fundamento de todo ser. Só nele é que todas as coisas existem. Somente nele o homem e a mulher existem.

Mas Deus é também não ser, porque o Pai não é o Filho. O Filho não é o Pai. O Espírito Santo não é nem o Pai nem o Filho. Em Deus, a diversidade é “uma só realidade”, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, “diversidade”. Em Deus, o ser e o não ser coexistem em perfeita identidade e distinção.²⁰ O homem e a mulher, imagem e semelhança dessa única verdadeira fonte, são chamados a expressar, na sua realidade humana de “filhos no Filho”, o mistério escondido em Deus.

Para perceber e experimentar alguma coisa dessa realidade infinita, precisamos aprofundar o que é o Amor. O melhor modo para fazer isso é observar como faz Deus Pai quando manda o seu Filho na encarnação do Verbo no seio da Virgem Maria.

Na Carta aos Filipenses (2, 5-11), o apóstolo Paulo nos ajuda a entender isto. O hino cristológico nos fala de um “esvaziamento” do Filho a fim de encontrar a pequenez do homem e da mulher. Só o amor é capaz de tal movimento anormal e, aparentemente, contraditório. Na teologia chamamos esse modo de agir de Deus *kenosi*, presente no mistério da encarnação, na vida escondida em Nazaré e, de maneira quase incompreensível, no mistério da cruz (paixão e morte do Senhor). Desse modo o amor de Deus ao homem e à mulher se manifesta de modo mais completo e radical, a ponto de chegar ao “abandono” e à morte de Jesus na cruz. O homem Jesus de Nazaré, Filho de Deus, morre “sozinho”, sem receber resposta do Pai ao seu grito de dor extrema. Morreu, sem ter resposta do Pai, nenhuma resposta. Ficou do nosso lado, mesmo no momento mais duro, no qual toda a sua vida e a sua obra poderiam parecer um grande absurdo e ilusão. O Pai, de quem o Filho veio e com o qual o Filho habita e que amou e ama o Filho desde toda a eternidade, deixou o Filho “sozinho”, sem intervir na sua condição de fidelidade ao homem e à mulher. Por isso, o Filho nos dá a feliz herança de uma fidelidade a toda prova, continuando – como única possibilidade que

²⁰ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 254.

lhe restou – a acreditar no amor do Pai. Como consequência, seu último gesto é entregar o seu espírito nas mãos do Pai.

À luz do insondável mistério de sofrimento e de amor encerrado no mistério pascal, a espiritualidade da unidade, ou a espiritualidade de comunhão, nos ajudam hoje a chegar e a assumir uma conclusão que pode ter efeitos muito profundos sobre a nossa vida de discípulos: o grito de abandono de Jesus na cruz é o seu maior momento de dor; é também o momento do seu maior amor. O grito de abandono de Jesus, pouco antes de sua morte na cruz se torna para nós, discípulos, o modelo mais perfeito de amor. Ele é, de fato, o ato de perfeita obediência.²¹

Um amor assim, vivido pelo homem e pela mulher diante de Deus, como resposta incondicional de amor e, ao mesmo tempo, vivido com a mesma intensidade e qualidade diante de toda pessoa humana, é capaz de continuar a oferecer vida e felicidade onde elas parecem extinguir-se e acabar. Creio sinceramente que temos aqui uma realidade espiritual e humana capaz de relançar e desenvolver a vida consagrada, mesmo no seu atual momento de crise.²²

Um discípulo de Jesus que ama o outro segundo o Amor que é Deus, com um amor divino e humano ao mesmo tempo, cria as melhores condições para que o outro, amado, experimente a alegria e a verdadeira felicidade, e queira também percorrer a mesma estrada palmilhada pelo discípulo de Jesus que o amou. Quando isso acontece entre duas ou mais pessoas, se realiza a promessa feita por Jesus em *Mt* 18, 20. Entre eles começa uma verdadeira comunidade, onde se nota a presença de Jesus. Essa presença, atraente por si mesma, se torna evangelizadora e faz com que a comunhão se torne a verdadeira e fundamental condição da missão evangelizadora, com resultados visíveis e surpreendentes.²³

Assim, o Amor, que é reciprocidade entre as Pessoas da Santíssima Trindade, se torna reciprocidade entre os discípulos, e gera a presença

²¹ Cf. JOÃO PAULO II, *NMI* 37; CIVCSVA, *Partir de Cristo*, 27.

²² Cf. *VC* 24: *A dimensão pascal da Vida consagrada*.

²³ Na vida de comunidade deveria também se tornar de algum modo tangível que a comunhão fraterna, antes de ser instrumento para uma determinada missão, é espaço teologal, onde se pode experimentar a mística presença do Senhor Ressuscitado (cf. *Mt* 18,20) (cf. S. BASILIO, *Le regole più brevi*, p. 225; PG 31, 1231). Isso se dá graças ao amor recíproco daqueles que compõem a comunidade (*VC* 42 § 3; cf. 72).

do Senhor no meio deles. Desse modo se compreende que a missão nasce da comunhão e se nutre dela. Podemos dizer também, com convicção, que o Verbo se fez carne a fim de que a carne se faça comunhão, nutrida pela Palavra e pela Eucaristia. Lembramos assim, como experiência a ser vivida hoje na comunidade, as características das primeiras comunidades de Jerusalém: eram unidas na doutrina dos Apóstolos (a Palavra de Deus), na *koinonia* (a comunhão) e na fração do pão (a Eucaristia) (cf. At 2,42).

O Catecismo da Igreja Católica, citando o “Fides Damasi”²⁴ diz: «Deus é um, mas não solitário» (n. 254). O amor, a essência de Deus, comunhão fundamental das Três Pessoas divinas, é a fonte e a origem da essência do homem e da mulher. Jesus, o Filho enviado pelo Pai, nos revelou e comunicou esse mistério. É Jesus que viveu no meio de nós desse modo, deixando-nos, através dos Apóstolos, o testemunho de seus gestos e de suas palavras.

Podemos, de fato, crer na encarnação do Verbo que revelou e comunicou ao homem e à mulher o amor que faz dos Três, comunhão. Assim como foi para o Verbo de Deus, a *kenosi* – esvaziamento total de si mesmo²⁵ – é a estrada que consente ao homem e à mulher encontrar o amor e ser amor para ser dom para o outro, por amor.

Essa mesma estrada é percorrida pelo Senhor na dimensão da Eucaristia. A Eucaristia é um abismo imenso de esvaziamento por parte do Senhor. A entrega desse mistério aos discípulos provocou um grande escândalo. Alguns abandonaram definitivamente o Mestre. “*Óresmirabilis*” chamou-a a piedade eucarística porque, sobre o Calvário, o Amor, que é Deus, escondeu a divindade de Jesus, para estar perto de cada pessoa. Na Eucaristia, o Amor esconde também a sua humanidade, tornando-se “coisa” para estar perto dos seus, simultaneamente, em todo o mundo.

²⁴ Profissão de fé do Papa Dâmaso (cf. DS 71).

²⁵ LONGHITANO T., *Vita trinitaria e kénosi*, Roma, Urbaniana University Press 2013; CODA P., *L'altro di Dio, Rivelazione e kénosi em Sergej Bulgakof*, Roma, Città Nuova 1998; MITCHELL D.W., *Saggio sulla kenosi cristiana nell'ottica del dialogo interreligioso*, em *Nuova Umanità* 25 (2003/3-4) 147-148, p. 457-502.

Conclusão

Concluindo este nosso itinerário de hoje sobre a vida consagrada, há 50 anos do Concílio, reúno aqui alguns pontos significativos do percurso que fizemos, a fim de que sejam estímulo positivo para o nosso empenho de consagrados e consagradas.

* A experiência de Deus como Amor precisa voltar a ocupar o centro da vida consagrada, de modo que o carisma do Fundador ou da Fundadora seja o espelho e o caminho do discípulo. A beleza de todo carisma deverá ser vista como uma flor da Igreja que se integra ao jardim de muitas outras flores, cuja beleza será acrescentada ao mesmo jardim da Igreja.

* É necessário construir pacientemente a vida comunitária, concentrando todas as forças em viver a Palavra de Deus, para depois comunicá-la aos irmãos e às irmãs como experiência real. Fazer a passagem de uma espiritualidade individual a uma espiritualidade de comunhão, reconstruindo as relações interpessoais à luz do mistério da SS. Trindade. Assumir, em espírito de comunhão, as estruturas de comunhão, que passam através dos organismos aos vários níveis eclesiais e carismáticos de nossas Famílias religiosas.

* Em nível pessoal, melhorar a experiência dos conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência. Penetrar e permanecer nas feridas pessoais de nossas comunidades, da Igreja e da humanidade, com o mesmo espírito de Cristo que grita o seu abandono e a sua entrega por amor. Crer no cêntuplo que o Senhor nos dá nesta vida e na vida eterna. Voltar a sorrir na nossa Congregação, como expressão autêntica da nossa felicidade. Simplificar o percurso espiritual de comunhão, dando todo o valor possível ao momento presente da nossa vida: ele é o único de que realmente dispomos.

Obrigado, irmãs e irmãos, pela escuta e acolhida.

Discurso do Reitor-Mor Padre Ángel Fernández Artime

Caríssima Madre Yvonne, caríssimas Irmãs Capitulares:

É para mim uma honra e uma alegria estar presente no meio de vocês, na abertura do XXIII Capítulo Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, num momento histórico de tanta relevância como é o início da celebração do “bicentenário de nascimento de Dom Bosco”, evento que coincide com o ano dedicado pelo Santo Padre à Vida consagrada. E me encontro entre vocês, não só representando a Congregação Salesiana, mas toda a nossa Família espalhada no mundo, não obstante vários irmãos e irmãs de todos os ramos dessa grande árvore estejam presentes, de muitas maneiras.

Com estas palavras gostaria de unir-me a todas vocês, na ação de graças ao Senhor porque, mediante o seu Espírito, continua a realizar grandes coisas na sua Igreja, na nossa Família salesiana e, como continuarão a constatar, de modo particular quando se percebem como Instituto: Monumento vivo a Maria.

Desejo expressar também a nossa fraternidade e comunhão, garantindo-lhes que, não só a Congregação Salesiana no mundo, mas toda a Família salesiana da qual fazemos parte, estamos aqui com vocês, nos unimos à sua oração, à sua busca durante esses meses, e à esperança com que respondem a esse chamado do Espírito Santo que é o seu XXIII CG.

Por fim, me permito partilhar que me senti em profunda comunhão com vocês enquanto lia a *visão* que prospectaram no *Instrumento de trabalho*, fruto da contribuição dos Capítulos inspetoriais e da elaboração das duas comissões preparatórias.

Gostaria de destacar que fiquei muito satisfeito por encontrar, várias vezes, no citado documento e na última *Circular* da Madre, aquela consciência que vocês têm de terem sido chamadas a testemunhar, hoje, a força profética do espírito salesiano vivido em Valdocco e em Mornese por Dom Bosco e Madre Mazzarello e que, às portas do XXIII CG, foi

evidenciado no tema: “*Ser hoje com os jovens casa que evangeliza*”. Nesse sentido, todo Capítulo Geral oferece uma maravilhosa oportunidade para retomar o caminho e dispor dos meios necessários para avançar rumo a uma conversão pastoral e missionária que, como nos recorda o Papa Francisco, não pode deixar as coisas como estão. Hoje não basta apenas uma simples administração, mas em todas as regiões da terra devemos nos constituir num estado permanente de missão.¹

Assim nós, SDB, procuramos viver o nosso CG 27 e, estou convencido, Irmãs, de que esse é também o desejo de vocês, hoje: viver «a celebração do XXIII CG como um tempo de novidade, sob a ação do Espírito Santo, na certeza de que não só as 194 FMA reunidas em Roma de 8 de setembro a 15 de novembro, mas cada FMA é chamada a acompanhar de perto este processo».²

Sem dúvida, imersas nos diálogos e nas reflexões, sob a orientação do *Instrumento de trabalho*, vocês se deixarão conduzir pela perspectiva à qual o Papa nos convida: as periferias geográficas e existenciais da missão confiada às Filhas de Maria Auxiliadora, com um olhar preferencial para os pobres, para os últimos; olhar que, ainda uma vez, tocará seus corações e as convidará a processos de mudança e de conversão pastoral. Porque é verdade, Irmãs – eu o manifestei também na Assembleia do nosso CG 27 – que os jovens, principalmente os mais pobres, nos evangelizam. Eles são e devem ser “*a nossa sarça ardente*”(cf. *Ex* 3,2) e, por meio deles, o nosso Deus nos fala e, nos jovens e nas jovens, nos espera. Se estamos com eles e no meio deles, são eles os primeiros que nos fazem bem, nos evangelizam e nos ajudam a viver verdadeiramente o Evangelho no espírito do carisma salesiano.

E é o próprio Senhor que nos convida todos e todas, e sempre, à renovação e à conversão, de modo que antes de se entregarem a programações e estratégias, vocês precisariam – com certeza – de fazer experiência do Senhor, aqui no Capítulo, que as convida a sair e as compromete a se renovarem. O que tornará possível a renovação não serão em primeiro lugar as programações e os projetos, mas olhar a realidade e a missão

¹ Cf. *Evangelii Gaudium* n. 25.

² Madre Yvonne Reungoat e Conselheiras Gerais, *Circular* n. 947, Roma, 16 de julho de 2014.

com o olhar de Deus (cf. *Instrumento de trabalho* n. 12). Eu lhes desejo, de todo o coração, minhas Irmãs, essa graça do Senhor como um primeiro fruto muito importante do Capítulo.

Tenho certeza de que, com essa atitude de fé, vocês voltarão o olhar para as comunidades, as presenças evangelizadoras e missionárias de cada uma de suas Inspetorias no mundo todo e, junto aos inevitáveis limites de toda situação humana, verão com alegria tantos sinais de vitalidade para o crescimento das comunidades educativas, com os numerosos leigos e leigas com os quais compartilham a missão.

Nesse contexto, permito-me partilhar com vocês alguma coisa que trago no coração quando contemplo a Congregação Salesiana e, de certo modo, a nossa Família. Irmãs, é o seguinte:

Estou convencido de que toda tentativa de radicalidade na nossa vida consagrada, toda tentativa de ser realmente ‘casa que evangeliza’, toda tentativa duradoura de opção pelos jovens e, entre eles, pelos mais pobres, passa através de um dos aspectos essenciais que constituem a nossa vida religiosa salesiana: a fraternidade. De fato, o Senhor lhes deu Irmãs para amar; devemos continuar crescendo a fim de que, realmente, a nossa vida comunitária tenha toda a força de atração que tem a fraternidade vivida segundo o Evangelho, até o ponto de ser ‘irresistível’ na sua atração.

Por esse motivo, eu lhes confesso que uma das minhas maiores inquietudes é a de pensar, ver, imaginar, comunicar-nos de que modo podemos caminhar na direção adequada, diante dessa realidade às vezes debilitada. Com frequência a nossa comunhão de vida é sacrificada por outras coisas! Eu me pergunto, por exemplo, por que nós, que deveríamos ser expertos em humanismo, principalmente pela nossa condição de educadores, de educadoras dos jovens e das jovens, temos nas nossas comunidades, às vezes no refeitório ou em ambientes contíguos, irmãos, irmãs feridos no coração, dilacerados pela solidão e pela desilusão; irmãos e irmãs que desejaram ser felizes como Salesianos, como Filhas de Maria Auxiliadora, e não o são. É verdade que essa não é toda a realidade; porém, é também uma realidade presente, e deveria bastar-nos um só caso, um só irmão, uma só irmã ferida, para que o coração de todos sangrasse um pouco. No nosso caso, creio que se poderia qualificar como peca-

do se, com palavras ou com fatos, ou com silêncios... respondêsemos como Caim à pergunta do Senhor: «Onde está o teu irmão?». «Não sei – respondeu. – Por acaso, sou o guarda de meu irmão?» (*Gn 4,9*). Sim, somos! Não guardas, mas chamados a cuidar dele.

A respeito disso, sempre me chamou a atenção em Madre Mazzarello a sua capacidade de acreditar totalmente no valor das pessoas, de modo tal que, confiando sempre na graça do Senhor, seu olhar era realista e otimista em relação às Irmãs que lhe haviam sido entregues; seu toque materno a tornava atenta a cada uma e capaz de intuir qual seria o momento oportuno para intervir, consolar, animar, entusiasmar, corrigir. «Ela sempre sabe se inclinar sobre as pessoas, considerando-as na sua situação existencial, com um estilo de delicada “amorevolezza”».³

A meu ver, e à luz de toda a história do nosso carisma salesiano, um grande desafio que torna possível ou complicada a nossa renovação é este: fazer de nossas comunidades um verdadeiro espaço de vida de comunhão. Como passar de uma vida em comum, com momentos estabelecidos, regulamentos, planejamentos – que certamente podem nos ajudar – a uma vida de comunhão?

Sem dúvida isso supõe a conversão pessoal e comunitária. Será necessário um empenho afetivo e efetivo para levar em frente esse objetivo. Trata-se de um processo que exige de nós a capacidade de reconhecer que em cada etapa de nossa vida existe uma oportunidade para crescer, para se abrir à novidade de um encontro mais autêntico com os outros, graças à força que Deus nos dá para tornar mais visível a sua presença entre nós. «A fraternidade – está escrito no documento de vocês – é a profecia que o mundo hoje compreende de modo mais imediato»⁴ e por isso vocês afirmam também que, «no contexto atual, tão diferente daquele das origens, continuamos a viver a única paixão educativa que brota do *da mihi animas cetera tolle* e do “*A ti as confio*”. Nós nos confrontamos com a comunidade das origens a fim de buscar inspiração para o hoje, em perspectiva de futuro. É como voltar para casa para reencontrar a própria identidade e as próprias raízes (*Circular n. 934*). A primeira comunidade de Mornese resplandece aos olhos das teste-

³ Instituto Filhas de Maria Auxiliadora, *Contigo, Main, pelos caminhos da vida. Subsídio Projeto Mornese*, 121.

⁴ *Instrumento de trabalho*, n. 56.

munhas como “casa do amor de Deus”, da alegria, da doação de si, do silêncio, da simplicidade... e a linguagem da alegria e da autenticidade fala mais do que muitos discursos e educa as jovens a seguir o Senhor, compartilhando o ideal de suas educadoras». ⁵⁵

Creio que um outro fruto que, sem dúvida, brotará da iluminação do Espírito no trabalho capitular de vocês será o movimento de todo o Instituto à luz de suas reflexões e reconsiderações, para serem verdadeiramente proféticas nas suas opções, na liberdade de se deixarem conduzir pelo Espírito; na capacidade de reconhecer os sinais evidentes de esperança, de crescer na acolhida incondicional dos jovens e das jovens, com o específico da maternidade espiritual que, em Maria Mãe, tem a sua inspiração e, em Maín, um modelo de vida concreta.

Sem dúvida, o desejo de *ser hoje, com os jovens, casa que evangeliza*, exigirá de vocês – como é pedido a todos na vida religiosa – a opção corajosa de uma existência vivida na radicalidade evangélica, superando nostalgias do passado, para continuar avançando rumo a um presente e a um futuro cheios de fecundidade.

Caríssimas Irmãs, de todo o coração lhes desejo uma renovada audácia, fruto da liberdade que ilumina o trabalho de vocês quando fazem sua a expressão do Papa Francisco: «*Não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulsiona para onde Ele quiser. O Espírito Santo sabe muito bem aquilo de que precisamos em cada época e em cada momento*». ⁶⁶

O Espírito Santo seja o verdadeiro protagonista do XXIII CG. Eu as acompanho, as acompanhamos com toda a Família salesiana, neste momento especial, importante e de graça. Contem com o nosso carinho e a nossa oração. Invocamos Maria Auxiliadora para que continue a cuidar de vocês como filhas queridíssimas; e pedimos a Dom Bosco e a Madre Mazzarello que intercedam junto ao Pai para que vocês possam fazer resplandecer hoje aquele Monumento vivo de gratidão à Auxiliadora, desejado pelo nosso Fundador.

⁵ Ivi, n. 49.

⁶ *Evangelii gaudium*, 280.

Como os discípulos que, no caminho para Emaús, viveram uma experiência de vida transformadora, que vocês também tenham a força de aderir totalmente à pessoa de Jesus e de assumir com alegria a missão que Ele lhes confia: prolongar a sua presença e ser Boa Notícia com os jovens e para os jovens, isto é, ser discípulas missionárias a fim de que todos se sintam em casa. O encontro com os jovens se torna para nós o lugar apostólico do encontro com Jesus.⁷⁷

O Senhor as abençoe. Faço votos de que, realmente, vocês possam ser hoje, com os jovens, casa que evangeliza.

Feliz e fecundo Capítulo Geral!

⁷ Cf. *Instrumento de trabalho*, n. 7.

Saudação da Presidente Confederal da Associação das Ex-alunas/os das FMA

Amadíssima Madre Yvonne, caríssimas Conselheiras gerais e caríssimas Capitulares,

Hoje é um daqueles dias que não poderei esquecer e que tenho a intenção de guardar no coração como um presente precioso. Num evento tão significativo para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, tenho a honra e o privilégio de apresentar-lhes a minha saudação pessoal, unida à de cada ex-aluna e ex-aluno do mundo. É com emoção, paixão e alegria que estamos com vocês, neste momento particular do Instituto, porque as estimamos e nos colocamos ao redor de vocês, garantindo-lhes o apoio da nossa oração.

A nossa Associação é a natural expressão laical do serviço e da missão educativa – na Igreja para a sociedade – do Instituto que a senhora, querida Madre Yvonne, representa. A senhora é o ponto de referência mais alto da nossa Associação enquanto promovida pelo Instituto, como está claramente explícito nas Constituições das Filhas de Maria Auxiliadora no artigo 74:

«Manteremos com as ex-alunas relações de cordial amizade, proporcionando a elas o acolhimento próprio do nosso espírito de família. Procuraremos animá-las a se inserirem na Confederação Mundial promovida pelo Instituto...» E ainda: *«animá-las... a se empenharem, em estilo salesiano na família, na comunidade eclesial, na sociedade e a colaborar com as nossas obras».*

Nós lhe agradecemos, Madre Yvonne, por esse precioso serviço. Expressamos a nossa gratidão também à Irmã Maria Luisa Miranda, Conselheira geral para a Família salesiana, e à Irmã Maritza Ortiz, Delegada Mundial. Nelas, dizemos obrigada também a todas as Delegadas em nível inspetorial e local, a cada FMA do mundo pelo acompanhamento.

A nossa Associação no mundo é viva e se empenha em promover os valores carismáticos próprios da espiritualidade salesiana. Espiritualidade que nos foi transmitida por cada Filha de Maria Auxiliadora que tivemos a sorte de encontrar no nosso caminho. Embora sejam diferentes os níveis de pertença à Associação, podemos afirmar que existe no mundo um grande número de ex-alunas e ex-alunos que se empenham em viver na Igreja e na sociedade a espiritualidade salesiana com um estilo específico, típico do clima de família que se respirava em Morneze. Muitos deles se empenham na ajuda mútua, como pedia Dom Filipe Rinaldi; dedicam-se com paixão à missão educativa nos modos possíveis ao seu estado, e desempenham numerosas obras de caridade e de solidariedade; dão testemunho evangélico de qualidade. A *Non Uno di Meno ONLUS* representa a face solidária da Confederação que possibilita a realização, no mundo, de projetos propostos principalmente pelo Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora ou por alguns grupos da Família salesiana em favor de jovens, mulheres e famílias.

Neste nosso mundo, sempre menor e globalizado, entre tantos dons e oportunidades, destaca-se também a dificuldade de viver, a falta de ideais, o conformismo de uma humanidade degradada, que não tem mais valores, que não dá sentido à existência. Quanto sofrimento, quantos jovens e famílias sem rumo: homens e mulheres desorientados como ilhotas à deriva na correnteza!

Porém, *o olho que vê* sabe descobrir também os muitos sinais de vida e de esperança: há uma nova sensibilidade em relação a quem se encontra em dificuldade, uma solidariedade mais decidida, um desejo de espiritualidade, embora às vezes confuso, que vai se manifestando, um novo rosto de jovens que não se encaixa nas categorias, nas quais às vezes os classificamos. Nós desejamos unir-nos à legião de tantos homens e mulheres de boa vontade que constroem o futuro reconhecendo e fortalecendo o bem que existe.

Queremos deixar que ressoe no nosso coração o apelo do Papa Francisco: «Não deixemos que nos roubem a esperança!». Nós temos alguma coisa a dizer, a testemunhar e queremos nos empenhar sempre mais em fazer isso. Queremos estar junto, como Família salesiana e, com vocês em particular, ser presença significativa na realidade em que atuamos, empenhando-nos em viver a nossa específica missão, testemunhando em todo encontro, relação, ação, a alegria de ter encontrado Cristo Res-

suscitado, sentido autêntico da nossa vida. Ele preencheu nosso coração de um amor tão grande, que transborda, e com o qual sentimos urgência de inundar a terra, às vezes árida e ressequida de linfa vital. Queremos doar esse amor com coragem, ardor e paixão, como nos ensinaram Dom Bosco e Madre Mazzarello e todos os Santos e Bem-aventurados salesianos que iluminam o firmamento.

Nós, ex-alunas e ex-alunos do mundo inteiro, que temos uma identidade específica e compartilhamos, com vocês, raízes, história e objetivos, podemos ser realmente uma **força propulsora** capaz de gerar mudança na realidade que nos circunda e contribuir para realizar o Reino de Deus, reconhecível no amor que envolve, transforma e gera mulheres e homens de esperança e de paz.

Nós nos sentimos o *Ramo laico do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*. Somos uma força leiga com um grande potencial com o qual o Instituto pode contar sempre; uma força que deseja ser parte viva, consciente e responsável na partilha da missão educativa e na pastoral familiar. É o grande amor pelos jovens, principalmente pelos mais pobres e necessitados, que nos impele a cooperar corresponsavelmente com vocês, a ser mulheres e homens, pais, avós, apóstolos entre eles e entre os que sofrem e procuram um sentido para viver.

À senhora, Madre Yvonne, e a vocês, Conselheiras caríssimas, pedimos que nos apoiem e nos acompanhem na formação permanente, que colaborem para tornar conhecida e amada a nossa Associação. Precisamos da ajuda de vocês; temos necessidade de senti-las perto, sempre, em cada Comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora!

A Maria, Mulher do Sim, modelo de total abandono à vontade do Pai, confiamos os trabalhos do XXIII Capítulo Geral, na certeza de que o Espírito Santo saberá conduzir suas futuras escolhas e ajudá-las a “*Ser hoje com os jovens casa que evangeliza*” junto conosco e com numerosas leigas e leigos empenhados para que os jovens possam se tornar pessoas ricas de fé, de coragem e de paixão apostólica.

Em nome de cada Ex-aluna e Ex-aluno do mundo, nós as cumprimentamos com afeto profundo e gratidão e lhes desejamos bom trabalho!

Paola Staiano *Presidente Confederal*

Saudação da Coordenadora mundial da Associação dos Salesianos Cooperadores/Cooperadoras

Caríssima Madre e caríssimas irmãs em Dom Bosco,

é com grande alegria e gratidão que estou aqui no meio de vocês, hoje, para apresentar-lhes, além do meu cumprimento afetuoso, o de todas as Salesianas Cooperadoras e Salesianos Cooperadores do mundo, que olham com fraterna atenção para este Capítulo geral

A nossa Associação está vivendo um momento particular de fecunda renovação que se seguiu à aprovação do Projeto de Vida Apostólica, fruto de muita reflexão e partilha, que nos deu não só um documento, mas muito mais do que isso, “um precioso livro de vida” como sapientemente o definiu o caro Reitor-Mor Emérito, Padre Pascual Chávez.

O caminho traçado pelo nosso amado Fundador é percorrido com fidelidade, mas também com a sensibilidade de homens e mulheres do terceiro milênio, que desejam dar seu significativo contributo à Igreja e, nela, à Família salesiana, conscientes de possuir a graça de um carisma secular a ser vivido cotidianamente em favor dos jovens e ao lado dos jovens.

Depois desse empenho coletivo, intenso, mundial, para o qual tanto se rezou a fim de que o Espírito Santo iluminasse com seus dons, agora esperamos uma outra etapa igualmente significativa: a difusão, a compreensão e a implementação desse Projeto, para dar uma resposta coerente e “adulta” aos jovens e às jovens que o Senhor nos faz encontrar.

Os jovens sentem forte o desejo de se empenhar, mas nem sempre encontram testemunhas credíveis e, com muita frequência, se veem envolvidos por falsas certezas, caminhos ilusórios que os deixam dolorosamente feridos. Pois bem, as Salesianas Cooperadoras e os Salesianos Cooperadores se sentem chamados a um compromisso apostólico de evangelização lá onde o Senhor os coloca, procurando ser para os jo-

vens um concreto exemplo de como se possa viver em profundidade o cotidiano. Não faltam luminosos modelos desse testemunho cristão vivido com alegre simplicidade e radicalidade na família, no trabalho, no oratório: penso em Attilio Giordani, em Alberto Marvelli, no casal Beltrame Quattrocchi e em tantos santos e santas cooperadores que, no escondimento, viveram com consciente coerência o “*da mini animas cetera tolle*”.

Estou certa de que a riqueza educativa do carisma e a experiência salesiana irão sustentar essa caminhada, bem como a fraterna partilha de intentos, de objetivos, de importantes projetos com toda a Família salesiana.

Nesse itinerário de vida, a certeza de ter ao nosso lado as FMA, numa profunda comunhão espiritual e numa frutuosa rede de ação, é sem dúvida uma força que desejamos valorizar sempre mais.

A atual situação cultural e social, tão complexa e multiforme em suas dimensões, nos interpela e estimula a viver radicalmente o espírito das bem-aventuranças e a profética intuição de Dom Bosco de fundar uma “família” que assumisse, de alma e de corpo, o cuidado dos jovens mais marginalizados, abandonados e pobres. Tal como para nós, Salesianas Cooperadoras e Cooperadores, penso que para a Família salesiana inteira seja mais do que nunca válido o lema “*vis unita fortior*” e, portanto, o desafio que nos é proposto é o de comprometer-nos juntos, com renovado vigor, ao lado dos mais fracos, como coerentes construtores de paz, numa sociedade dilacerada pela violência e pelo egoísmo, promovendo a justiça e os direitos humanos para servir, como Cristo nos ensinou, cingidos com o avental da disponibilidade, da acolhida, do perdão, da alegria.

Por isso, em espírito de fraterna comunhão, eu lhes peço que:

- através das queridas Delegadas, nos ajudem a realizar o ambicioso programa de renovar interiormente a sociedade, levando ao mundo juvenil a Boa Nova da paz, da graça, da alegria;
- estejam profundamente em comunhão como irmãos e irmãs, na oração, na formação, no aprofundamento da Palavra, na realização de projetos concretos;

- revitalizem os vínculos entre os Centros dos Salesianos Cooperadores e as Delegadas, principalmente em âmbito local, onde se percebe maior a exigência da comunhão na missão;
- com a dedicação típica do espírito de Mornese, se empenhem em ativar processos de crescimento educativo, principalmente na pastoral familiar e juvenil;
- cheguemos juntos à celebração do bicentenário de nascimento de Dom Bosco, animados interiormente pela consciência de compartilhar uma grande missão ao lado dos jovens, para apoiá-los na busca de si, da própria vocação, da inserção ativa na sociedade, para torná-los protagonistas.

Maria Auxiliadora, Mãe e Mestra, nos conduza e nos sustente nesse empenho e nos ilumine com sua materna bondade, para servir Cristo nos jovens.

Com gratidão, afeto e cordial participação na oração, desejo-lhe, querida Madre, e a todas as Irmãs um trabalho fecundo para o Instituto, abençoado pelo Senhor, para o louvor de Maria, para o bem da “porção mais preciosa da sociedade humana”.

Noemi Bertola

Coordenadora mundial

Saudação da Responsável Geral das Voluntárias de Dom Bosco

Reverendíssima e caríssima Madre Yvonne, caríssimas Irmãs capitulares, estimados visitantes e representantes dos grupos da Família salesiana.

Antes de tudo, quero agradecer-lhes por me terem convidado para a abertura do XXIII Capítulo geral. Há seis anos eu estive aqui para cumprimentá-las, toda emocionada, porque era a primeira vez que participava desta grande e bela assembleia e, por isso, me sentia honrada de participar, com um senso de grande respeito em relação ao Capítulo e às Capitulares deste Instituto que para nós, Voluntárias de Dom Bosco, é tão querido e importante. Hoje me sinto mais à vontade, e já desde agora, me sinto “na casa que evangeliza”. Durante esses seis anos, eu e todas as outras VDB do Conselho Central pudemos experimentar mais de perto a bondade, gentileza, proximidade e criatividade de vocês. Quero agradecer à Madre Yvonne e a todas as Conselheiras gerais por esse testemunho de autêntica ajuda e afeto fraterno.

Ser com os jovens casa que evangeliza requer muita coragem, mas as FMA são mulheres de fé, o que significa que são também mulheres muito corajosas. Entre os elementos que orientarão o Instituto de vocês no futuro está o diálogo com o nosso tempo. É sem dúvida importante entender as dificuldades que sufocam os jovens de hoje, e dar respostas adequadas.

Durante o período pré-capitular nós as acompanhamos com as orações, mas também com algumas reflexões sobre o tema. Destaco ao menos duas problemáticas:

Como mulheres, recebemos do nosso Criador um grande dom. O gênio feminino com suas características pode construir a *casa* onde fazer nascer relacionamentos profundos, calorosos, estáveis, que podem resistir a diversas insídias e superar também tantas dificuldades. Os problemas que as famílias de hoje devem enfrentar não são pequenos: as diversas

pobrezas, o desemprego, o estresse que as novas tecnologias provocam, a cultura que relativiza os valores tradicionais, as novas ideologias que querem diminuir a vida familiar, os relacionamentos livres sem nenhuma responsabilidade.

A família com o seu papel e com a sua forma normal (mulher, homem e filhos) foi questionada e, muitas vezes, é de fato equiparada às novas uniões familiares. Os agentes desse novo modo de pensar e os movimentos políticos e sociais que o alimentam afirmam que seu primeiro objetivo é fazer respeitar os direitos humanos, principalmente os direitos da mulher, e os direitos sexuais e reprodutivos.

Os direitos humanos que querem liberar a mulher do seu primeiro dever, isto é, o de “ser mãe”, que a predispõe a amar e ser amada, a reduzem, em alguns casos, a um simples sujeito que decide de acordo com o próprio prazer e a própria comodidade. Se a mulher perde o seu objetivo ontológico, a família se torna apenas um lugar onde os sujeitos se realizam autonomamente.

Os direitos da mulher devem se realizar na complementaridade com os direitos do homem e dos outros membros da família. Hoje em dia acontece, muitas vezes, que cada membro da família acha que tem o direito de fazer o que quer para o próprio bem, escolhendo agir segundo seu próprio conceito de “bem”. E vemos quanta desordem e quanta desorientação se cria nas famílias. E não falemos das dificuldades que encontram os jovens que crescem nessas famílias.

Além disso, eu gostaria de fazer referência aos muitos lugares de guerra, que ainda hoje devasta muitos países do mundo e que produz, em muitos jovens, feridas não só físicas, mas principalmente as que envolvem a psique e feridas espirituais. É urgente criar também aí uma “casa que evangeliza”. Devemos crer que a paz é novamente possível, embora difícil, principalmente se foram destruídas não só as casas, mas muitas vezes também as famílias, os vizinhos, os amigos. Reconstruir a esperança e fazer renascer o amor requer, principalmente, uma grande fé em Deus que, por meio de seu Filho, nos ensina a perdoar.

Construir nesse mundo uma “casa que evangeliza” não é fácil, mas possível, pois os tempos sempre foram difíceis por causa da grande pobreza ou das guerras ou por causa das ideologias.

A resposta Jesus a preparou, também para a nossa época: a esperança. E também para as novas gerações a esperança está apenas nele, porque “em nenhum outro existe salvação”.

Caríssimas irmãs FMA, eu lhes desejo não só bom trabalho e bom Capítulo, mas também um futuro cheio de esperança para o seu Instituto e para todos os jovens.

Deus as abençoe e Maria, a Mãe, as proteja! Dom Bosco, olhando para vocês, com certeza está feliz! Augúrios!

Ol’ga Križová

A Responsável Geral

Saudação do Responsável Mundial dos Voluntários Com Dom Bosco

Caríssima Madre Yvonne,

caríssimas Capitulares e convidados especiais, membros da Família salesiana,

neste ano de alegria para toda a Família salesiana, por causa da celebração do bicentenário de nascimento de nosso Pai, mestre e amigo dos jovens, São João Bosco, dirijo a vocês todas o meu fraterno cumprimento pessoal e o de todos os *Voluntários Com Dom Bosco*.

Há poucos meses nós celebramos a nossa Assembleia geral – com a cordial participação da Madre na celebração de abertura – e nos sentimos pessoalmente acompanhados pela oração de vocês que, agora, desejamos retribuir com alegria e fraternidade.

É realmente um tempo favorável para celebrar o Capítulo geral das Filhas de Maria Auxiliadora, neste ano jubilar de festa, de alegria e de renovação espiritual; ocasião que convida todos nós a olharmos sempre mais para Aquele que foi o centro da vida Dom Bosco e de Madre Mazzarello: Cristo Jesus.

O tema do Capítulo: “*Ser hoje com os jovens casa que evangeliza*” é extremamente interessante e atual, e é motivo de reflexão também para nós que, em harmonia com a nossa vocação laical, “não formamos com os jovens casas que evangelizam”, mas nos inserimos como semente e fermento de Evangelho na casa de todos, isto é, nos diversos ambientes do mundo. Partilhamos, portanto, com vocês a urgente necessidade de renovar-nos no espírito e no carisma, para poder encher-nos do amor de Deus e transmiti-lo aos jovens, nossos destinatários. Eles precisam ser acompanhados, pedem que caminhemos junto com eles, buscam em nós a ‘amorevolezza’, o calor humano, a proximidade, a alegria e a

doçura de Cristo. Que os jovens sintam que realmente são amados por nós e que estamos dispostos a acompanhá-los; que nos vejam felizes em amar a Deus e em amá-los; que sejamos capazes de “perder” tempo junto com eles.

Esse é o Deus que devemos tornar conhecido para eles, no estilo salesiano.

Em nome de todos os *Voluntários Com Dom Bosco* eu lhes desejo um Capítulo geral rico da presença do Espírito Santo.

Nós os acompanhamos com a nossa oração, confiando sempre na ajuda da Virgem Maria e certos da intercessão de Dom Bosco, de Madre Mazzarello e de todos os Santos e Santas Salesianos.

Com alegria salesiana,

Darwin Petit

Responsável Mundial dos Voluntários Com Dom Bosco

Saudação do Presidente do VIDES Internacional

Caríssima Madre e caríssimas Capitulares,

é para mim uma grande alegria estar aqui hoje, na abertura dos trabalhos deste importante XXIII Capítulo geral, para apresentar não o meu cumprimento, mas o de todos os jovens dos 57 grupos membros ou sócios e dos 205 grupos locais do VIDES presentes e ativos no mundo junto com vocês, juntamente com o de mais de 5.000 voluntários ativos neste ano, e das muitas dezenas de milhares de voluntários que, em 43 Países e em 56 Inspetorias, ao longo dos anos entraram no nosso caminho e, muitas vezes, nas casas de vocês. Quase 27 anos de caminhada juntos, graças à sábia direção e ao cuidadoso acompanhamento que sempre nos deram e pelo qual lhes agradecemos, deram-nos essa maturidade que hoje nos pede também maior responsabilidade e uma participação propositiva. Todos nós do VIDES hoje nos sentimos parte ativa e operativa do Instituto ao atuar, junto e para o Instituto, com os jovens, em favor das pessoas mais vulneráveis. O voluntariado educativo, promovido pelo Instituto mediante o VIDES, é um espaço de protagonismo dos jovens para a construção de uma sociedade fraterna e solidária. Isso nos remete ao tema capitular: *“Ser hoje com os jovens casa que evangeliza”*, porque a construção da casa-família é a base pela qual começar para construir a sociedade civil, referência e lugar de respeito e tutela da dignidade de toda pessoa.

É com essa responsabilidade, caríssima Madre, que nos permitimos indicar, nesta breve saudação, alguns pontos essenciais de reflexão que partilhamos no VIDES Internacional.

1. *As nossas casas, como a nossa vida, devem estar fortemente radicadas na realidade cotidiana.* Não podem ser lugares “privados”. Nas nossas casas aprendemos a ser testemunhas e “evangelizadores”.

De nossas casas saímos para viver e agir na comunidade local e mundial, através do testemunho e da ação propositiva, com o espírito do amor preventivo de Dom Bosco e Madre Mazzarello. O mundo, hoje mais do que nunca, tem necessidade de uma nova cultura do amor e da solidariedade para reconstruir um verdadeiro rosto humano e de paz. As crianças, os jovens, as mulheres, todos estão em busca daquela Esperança que o Papa Francisco nos convida a não perder. Façamos de nossas casas aquele centro de comunhão ao redor do qual nasce, cresce e se desenvolve a “*communitas*”. Saíamos de nossas casas para estarmos em meio aos jovens. Abramos nossas casas e nossas obras aos jovens, no horizonte da espiritualidade salesiana compartilhada por toda a Família de Dom Bosco. Esse espírito de “família”, nas nossas casas-obras, é hoje uma necessidade e, ao mesmo tempo, um direito de todos os jovens! Nós o temos como dom, como carisma para a construção da Igreja e da sociedade: um talento que não pode ser enterrado, mas deve ser valorizado.

2. *O nosso testemunho de evangelização é digno de crédito na medida em que tem raízes na dimensão social da nossa ação e da nossa presença de jovens e de comunidade.* A doutrina social que a Igreja nos oferece é a parte qualificante de nossa ação evangelizadora e do nosso agir cotidiano. A nossa mensagem e ação não podem ser compreendidas e nem aceitas, se não forem vividas na realidade e não forem simples na linguagem e na proposta. O Papa Francisco demonstra isto todos os dias, nas suas mensagens e na sua ação. “Homem é o meu nome, Cristão, o meu sobrenome”, dizia Raoul Follereau. Os valores do meu ser cristão determinam a qualidade do meu agir e ser homem/mulher: “bons cristãos e honestos cidadãos”, como nos ensina Dom Bosco.
3. *A defesa e a tutela dos direitos humanos e dos bens comuns necessitam de uma forte relação entre a realidade da nossa ação cotidiana, o testemunho e a educação,* mas também de grande capacidade de comunicação, proposta cultural, *lobby* institucional e político. A ação do Escritório dos Direitos humanos aberto com grande visão profética pelo Instituto em Genebra, em sinergia com o VIDES, são um farol essencial para tal finalidade, mas a sua luz é alimentada pelo trabalho e pelas experiências de vida em cada pequena

realidade, nos grupos de jovens, nas Inspetorias e em cada casa de vocês. É a voz das nossas casas, dos nossos jovens, das nossas famílias que chega às instituições. Aos poderosos. Não podemos nos calar! Não podemos permanecer em silêncio! Unamo-nos, com a simplicidade do Papa Francisco, bradando: “Guerra, nunca mais!”, “nunca mais crianças mortas”. Unamos nossas pequenas vozes, a fim de que “a voz” da “nossa casa”, da “nossa proposta de Amor” se faça ouvir sempre mais. Reforcemos a nossa missão de educação entendida como desenvolvimento de todas as capacidades de cada pessoa, para harmonizá-las com as dos outros e construir a verdadeira e única sociedade do Bem Comum. Valorizemos o Carisma do Espírito que nos deu o Amor pelos jovens, a sabedoria educativa de Dom Bosco que transmite aos jovens a alegria de viver para os outros.

4. *A casa seja morada para a família e lugar de convivência colaborativa.* Para isso todos precisamos reforçar as relações entre os vários componentes da Família salesiana, desenvolvendo sinergias e coordenação, colaborações estratégicas, metodológicas e operacionais. Ao redor do Instituto, das Inspetorias, das casas de vocês, gira uma quantidade enorme de atividades, de realidades, de jovens e de pessoas. A força de uma proposta e de uma ação evangelizadora e social, principalmente no contexto de um mundo globalizado como aquele em que nos encontramos hoje, se enraíza na capacidade de *coordenar-nos* e de estar *unidos*. A fragmentação e a multiplicação de sujeitos e realidades diminuem a nossa força de identidade e presença, criam competição inútil e confusão para os de fora.
5. *Para os jovens, as Irmãs são “mães”* que devem saber encaminhar os jovens, acompanhá-los no crescimento, acolhê-los, escutá-los, encorajá-los, responsabilizá-los. Não tenham “medo dos jovens,” porque os jovens confiam em vocês, se sentem bem, sentem-se em casa. As experiências de voluntariado para os jovens são uma escola de vida vivida, determinante para o futuro deles. Um instrumento concreto e essencial do Amor preventivo, para o qual devemos não só reforçar a nossa ação, mas também melhorá-la mediante a acolhida, a escuta, a orientação. Amanhã, eles serão pais e mães, professores, administradores, empreendedores, políticos: serão o rosto, a mente e a alma da comunidade e da sociedade. *Sejam verdadeiras*

mães ricas de compaixão para acolher, para escutar, para curar as feridas; ricas de sabedoria para encaminhar, responsabilizar; repletas de esperança para encorajar; nutrir a visão de um futuro mais positivo para todos. O sentido de nossa presença e do nosso ser cidadãos deve encontrar nos jovens e em todos nós a força e a capacidade de dar um novo semblante à nossa comunidade. Todos nós temos tantos sonhos, todos nossos, todos lindos; mas inúteis, se permanecem sozinhos. Os valores do voluntariado, da cidadania ativa, devem ser os pilares de uma comunidade e de uma verdadeira política a serviço dos cidadãos. Defendamos esses valores e não os arrematemos aos interesses. Só assim poderemos construir um “único sonho comum” e devolver sorriso e força à nossa ação e à nossa presença. Comprometendo-nos a acompanhar esses meses de trabalho com a nossa oração, caríssima Madre, fazemos votos de que desta reflexão aflore uma vontade cada vez mais forte e concreta de *reforçar a ação de coordenação, seja em nível programático, seja em nível operativo*, com indicações claras, a fim de que o nosso testemunho e presença sejam sempre mais coerentes e incisivos ao responder aos desafios dos nossos tempos, com a força do Amor preventivo, verdadeiro e concreto testemunho de evangelização. *Os jovens acreditam e estão prontos. Abram sempre mais as portas aos jovens. Os jovens são o presente e o amanhã. Empenhem-nos em facilitar e encontrar os espaços necessários para a participação deles.*

Por fim, um *obrigado* pela capacidade que vocês têm de “ousar”, de intuir, de prevenir. Um *obrigado* à senhora, caríssima Madre e à Conselheira Irmã Maria Luisa Miranda, que nos acompanharam nestes últimos anos. Um *obrigado* particular à Irmã Leonor Salazar, Delegada para o VIDES internacional e à Irmã Maria Grazia Caputo, Responsável pelo Escritório dos Direitos Humanos.

A todas vocês, bom trabalho!

Guido Barbera

Presidente do VIDES Internacional

Mensagem dos jovens

Sou Anna Pascale, frequentei o Instituto “Gesù Nazareno” de Roma desde a escola infantil. Embora já seja ex-aluna há dois anos, não deixei de fazer parte da grande Família salesiana: de fato, desempenho atividades de voluntariado com o grupo VIDES FMA e continuo em contato com as Irmãs dos Institutos que me acolheram, pelo simples prazer de encontrá-las novamente. Estamos aqui diante de vocês, orgulhosos de representar os jovens seguidores de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, desejosos de ser “testemunhas novas, corajosas e audazes”, como nos convidou Madre Yvonne Reungoat na carta de convocação do XXIII Capítulo Geral.

Eu sou Jacopo Rondinelli, venho do Instituto “S. Giovanni Bosco” de Colleferro, uma realidade pouco distante de Roma, que frequentei desde a infância, onde cresci e onde ainda hoje sou animador do oratório. É com alegria que queremos cumprimentá-las em nome de todos os jovens do mundo, aqueles jovens que habitam as casas e os corações de vocês; uma tarefa exigente, mas ao mesmo tempo emocionante.

Anna. O mundo atual prova duramente o ser de cada um de nós. Nós, jovens, estamos continuamente em busca de emoções novas, capazes de dar-nos aquela sacudida que acorda a alma: uma procura constante do próprio eu que, muitas vezes, leva a entrar por atalhos obscuros que ofuscam a nossa vista e escurecem nossas mentes. E então, como se faz para não ceder às tentações da vida? Não sei se entendi de maneira exata, mas aprendi com vocês que é a projetualidade que dá cor aos nossos dias; crer que fazemos parte de um plano criado por Alguém que está acima de tudo e de todos, encontrando nisso a força necessária para sermos senhores de nós mesmos e não a sombra de quem está adiante de nós.

Jacopo. Dar-lhes as boas-vindas à luz do tema deste XXIII Capítulo geral permitiu-nos reviver momentos importantes do nosso percurso de fé e de compromisso vivido no ambiente salesiano. Hoje, mais do que nunca, as inquietudes e a falta de esperança para o futuro impelem os

jovens a procurar lugares de referência, onde seja possível experimentar verdadeiras relações. Com a sua presença, vocês oferecem uma autêntica “academia de vida”, na qual todo jovem se sente acolhido, a partir daquilo que a sociedade descarta: as próprias fraquezas e pobreza.

Anna. Jamais, como neste período histórico, houve tanta necessidade de audácia, tenacidade, seriedade, ‘amorevolezza’ para testemunhar os próprios valores, o próprio credo e a própria fé. Essa coragem só pode ser o fruto de uma educação por parte de quem nos ajuda a crescer. Vejam, eu sempre vi a minha escola como a minha segunda casa, e a comunidade educativa como a minha segunda família. Casa como lugar seguro, casa como conjunto de pessoas que me estenderam a mão para fazer com que eu me tornasse uma *mulher*. Imagino a comunidade das FMA como uma mãe que vê seu filho engatinhar, andar, correr, e até cair; como uma mãe atenta e cuidadosa que quer ser mãe e não amiga, porque tem consciência do papel que desempenha. Eu sou o que sou graças à minha família, mas também graças a vocês, porque sempre me recordaram que uma mulher e um homem devem ser bons cristãos e honestos cidadãos na concretude da vida, sem ter medo de quem é diferente, mas aceitá-lo como fonte de riqueza.

Graças a vocês, sou uma jovem desejosa de uma vida que não seja ritmada pelo salário do mês, mas pelos objetivos alcançados e pelos sonhos que não ocultam a realidade mas, pelo contrário, permitem vê-la com olhos desejosos de amor. Permitam-me destacar que o meu agradecimento outra coisa não é que o de todos os jovens que viveram e ainda vivem na Casa de vocês.

Jacopo. Para nós, vocês são testemunho daquela “casa alicerçada sobre a Rocha”, na qual o Amor de Deus se manifesta na comunhão fraterna, sinal tangível que fascina os jovens e os faz sentir-se em casa. Um espírito de família que contagia e que, passo a passo, permite chegar àquela “porta estreita” que leva ao encontro com Jesus. Então, reconhecemos que o carisma nos foi dado como um presente naqueles gestos cotidianos que acompanharam nosso crescimento. Cada gesto e atenção aos mais pequenos têm, assim, um sentido novo: a alegria verdadeira de ser instrumento de evangelização. Ao lado de vocês, nós nos sentimos protagonistas de uma mesma missão educativa: *ser para outros jovens casa que evangeliza*.

Anna. Enfim, a vocês que são mulheres consagradas, eu peço que continuem a ser mães que repreendem, educam e abraçam os jovens. Como Maria que é *Mater Dei* e Mãe de todos nós, não desistam diante daqueles jovens que parecem não escutá-las, pois eles poderiam ser os primeiros a colocar em prática os ensinamentos de vocês. Tenham a coragem de ser realmente exigentes, sem a preocupação de que agindo deste modo vocês possam parecer pouco gentis e amáveis.

Jacopo. Desejamos que, através dos trabalhos do Capítulo geral, vocês possam abrir novas estradas de evangelização, para sempre mais tornar os jovens não hóspedes, mas filhos da casa de Deus. Sejam sempre, para nós, profecia de esperança em Jesus.

**Encerramento do XXIII Capítulo Geral
(15 de novembro de 2014)**

**Homilia do
Reitor-Mor Padre Ángel Fernández Artime**

Fl 3,8-14; Sl 17; Lc 10,38-42

Caríssima Madre Yvonne e caríssimas Irmãs capitulares, caríssimas irmãs e irmãos todos que estão aqui presentes para acompanhar esta conclusão do XXIII Capítulo geral, a cada um a minha saudação com grande afeto.

Estou mais uma vez no meio de vocês como irmão, pai e amigo, para compartilhar a fé e o carisma salesiano, a alegria e o anúncio da nossa fraternidade e o nosso amor pelos jovens, principalmente os mais desfavorecidos.

Estamos aqui para agradecer pelo trabalho feito, pela experiência vivida, pela vida doada e construída em conjunto, para agradecer e louvar principalmente a Deus, que as presenteou com a sua proximidade e presença e mostrou-lhes, ainda uma vez, a sua face misericordiosa e paterna.

Vocês tiveram a oportunidade de *conversar sobre todas as coisas que aconteceram* e acontecem nas suas presenças e no mundo juvenil. A partilha e a comunhão as ajudaram a abrir o coração, a escutar *juntas*, a se empenharem numa missão de esperança e de alegria, porque a missão é a indicada por Jesus, não pela nossa imaginação ou por simples especulações; uma missão que todo dia pede uma fidelidade firme e aberta, encorajadora e construtora de sinergias comunitárias entre vocês, as comunidades educativas e todos aqueles de boa vontade que, dentro ou fora da Igreja, trabalham pelo bem dos jovens.

Caríssimas, posso imaginá-las durante os dias intensos do Capítulo geral, com o coração cada vez mais aceso. De fato, *não lhes ardia talvez o coração* nestes dias? Vocês viveram dias de muito trabalho, dias realmente cansativos. Certamente muitas vezes tiveram “*um olhar à terra e dez ao céu*”, como nos ensina a vida da bem-aventurada Maddalena Morano. Com certeza, com o coração aberto, acolheram as moções interiores do Espírito, e “*alargaram o olhar para reconhecer as necessidades mais autênticas e urgentes de uma sociedade e de uma geração que mudam*”, como lhes pediu o Papa Francisco.

Como Família salesiana, vocês e todos nós temos muito a agradecer ao Senhor e à nossa Mãe Auxiliadora por tanta graça de Deus. Agora, cabe a vocês *partir sem demora*, voltar às Inspetorias e casas, fazer chegar aos quatro cantos do mundo a beleza da experiência capitular e os desafios que surgem do apelo a uma *conversão pastoral* que fará com que todas as Irmãs sejam mais conscientes «*da necessidade de realizar oportunos percursos de mudança, transformando assim as suas casas em ambientes de evangelização, onde principalmente os jovens sejam envolvidos na mesma missão de vocês*», como lhes disse o Papa. *Partir sem demora* para que possam ajudar todas e todos nas comunidades educativas a se deixarem transformar pelo encontro, compartilhando a vida e a experiência de fé, habitando a nossa “terra santa” salesiana, que são os jovens, compartilhando a vida com eles, acompanhando-os e deixando-se encorajar por eles.

Marta ou Maria...? Lucas quer destacar claramente a atitude “contemplativa” de Maria, diante do *estar toda ocupada pelas muitas tarefas* de Marta. Muito bem! Mas eu lhes digo: Marta ou Maria? As duas! Nós, Salesianos, somos chamados a viver ambos os ícones! Vocês ouviram o apelo a reconhecer o *ser “casa em construção” neste tempo*, e refletiram sobre a experiência dos dois discípulos que deixam Jerusalém, desanimados e tristes, até cruzarem com Jesus no caminho e o convidarem a ficar na *casa* deles, em Emaús. Vejam, justamente numa *casa*, a *casa* deles, em Emaús, se dá a revelação plena do Ressuscitado! E o que Marta fez de bom? Ela recebeu Jesus *na sua casa*. O Evangelho não diz que a casa era de Marta e de Maria, mas só de Marta.

Caríssimas, devemos aprender de Marta que acolheu Jesus *na sua casa*. Nós também, vocês também devem acolher Jesus. A presença dele fará a diferença, dará a qualidade verdadeira de uma casa aberta que evangeliza. E Marta é a irmã atenta a servir, a tornar a presença dos hóspedes mais agradável, mais cuidada, para que eles se sintam de fato “em casa”. Mas é verdade que Maria “*escolheu a parte melhor, que não lhe será tirada*”, porque escolheu escutar a palavra de Jesus e ficar com ele todo o tempo possível. Para dizer a verdade, não são duas atitudes em confronto, e menos ainda, contraditórias.

Nós, Família salesiana, somos chamados a viver intensamente a fusão desses dois modos de viver a relação com Jesus. Servi-lo, mas não só: servi-lo e escutá-lo, permanecendo sempre com Ele. Somente deste modo podemos fazer parte da trama de Deus na história humana: tornar-nos tecelões da e na história da salvação, construtores e construtoras da cidade de Deus, o Reino. «*Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com os fatos e em verdade*», nos diz a primeira carta de João. Por isso, as nossas não devem ser apenas belas palavras e documentos bem elaborados, mas muito mais, vida: a nossa vida doada todo dia, as nossas convicções traduzidas em atitudes e opções, com ações que possam ser visíveis, testemunhadas, tocadas com a mão. Isso é amar verdadeiramente e, portanto, viver, porque «*quem não ama permanece na morte*».

Maria, Mãe, Mestra e Auxiliadora, nos ajude a fazer germinar no nosso coração a palavra da verdade como a que impeliu a Bem-aventurada Maddalena Morano a se dedicar com sabedoria e constância à educação dos jovens, e assim “*ser hoje com os jovens casa que evangeliza*” e “*alargar o nosso coração à esperança*”.

Palavras conclusivas da Superiora geral Madre Yvonne Reungoat

Caríssimas Irmãs,

celebramos hoje o momento conclusivo deste grande encontro mundial e carismático que é o XXIII Capítulo Geral. O coração se abre à gratidão pela riqueza da experiência que vivemos e compartilhamos. Uma riqueza que descobriremos progressivamente, quando tivermos voltado à vida cotidiana. Vivemos uma experiência feita de escuta recíproca, de diálogo, de discernimento e oração, principalmente de grande esperança. O Capítulo no seu andamento foi um tempo forte de formação permanente e, com certeza, alguma coisa mudou em nós.

O percurso de preparação começou há muito tempo: da escolha do tema à *Carta de convocação* (circ. n. 934 de fevereiro de 2013), sobre a qual todas as comunidades refletiram, muitas vezes envolvendo as comunidades educativas e os grupos da Família salesiana presentes na região.

As respostas dos Capítulos inspetoriais às perguntas da *Carta* nos deram a confirmação da importância significativa do tema: “*Ser hoje com os jovens casa que evangeliza*”.

O *Instrumento de trabalho*, enviado a todas as participantes do Capítulo geral e colocado à disposição das comunidades, permitiu um aprofundamento mais pontual sobre o tema.

Das intervenções nas Comissões e na Assembleia do XXIII CG pode-se perceber uma cuidadosa preparação por parte de todas, junto com o desejo de tornar concreto, através de conteúdos vitais e experiências, um tema de grande atualidade e de futuro para a missão do Instituto, na Igreja e na sociedade. Sentimos a grande responsabilidade de anunciar com alegria e paixão a *boa notícia* do Evangelho às novas gerações e de envolvê-las neste processo.

É belo que o encerramento do XXIII CG coincida com a festa litúrgica de Madre Maddalena Morano, no vigésimo aniversário de sua beatificação. O Capítulo se insere num clima carregado de santidade, onde tudo é dom e apelo: um “ano santo” para a Igreja e para o Instituto. Pensemos à canonização de João XXIII e de João Paulo II e à beatificação de Paulo VI.

Neste ano o Instituto comemorou o centenário de morte de Irmã Angela Vallese, FMA pioneira das missões na Patagônia e na Terra do Fogo. A nossa visita a Lu Monferrato, no dia 18 de setembro passado, permitiu-nos conhecer a terra das suas origens e fazer memória de sua audácia no anúncio do Evangelho. Estamos vivendo as celebrações do bicentenário do nascimento de Dom Bosco, nosso Pai e Fundador. Isso coincide com o Ano da Vida Consagrada proclamado pelo Papa Francisco, que começará oficialmente no próximo dia 29 de novembro.

O Capítulo foi celebrado num quadro de grandes horizontes de santidade e universalidade missionária. Horizontes que o Papa Francisco lembrou na Audiência de 8 de novembro às Capitulares, convidando-as a “alargar o olhar para reconhecer as necessidades mais autênticas e as urgências de uma sociedade e de uma geração que mudam”. Nós procuramos manter essa amplitude de visão durante todo o tempo do Capítulo, conjugando-a com os desafios das situações locais.

Dom Thomas Menampampil, durante os exercícios espirituais em Mornese, evidenciou a importância de nos colocarmos numa perspectiva de *fé*, de *profundidade*, de *intensidade*, de *radicalidade* e de *responsabilidade* para garantir um caminho de luz e de esperança às nossas comunidades num tempo de novas oportunidades e de novos apelos de Deus. Essas palavras-chave também ritmaram o nosso caminho, ajudando-nos a criar uma comunidade à escuta do Espírito Santo e das necessidades dos jovens, a deixar-nos interpelar continuamente para nos tornarmos sempre mais “comunidade em saída missionária”.

Não faltaram, no nosso caminho, momentos de dificuldade, de sombra e de sofrimento. Nós os acolhemos e vivemos juntas, certas de que o Senhor caminha todo dia conosco, como com os discípulos de Emaús, e nos ilumina com a sua Palavra que faz o coração arder de amor por Ele.

O grande e silencioso Protagonista do Capítulo

Desde o início do Capítulo nós percebemos que só uma casa repleta de Espírito Santo (cf. At 2,2) pode evangelizar: uma casa em que FMA, leigos e jovens se deixam interpelar e habitar pelo Amor. Guiadas pelo Padre José Cristo Rey García Paredes nos perguntamos: *seremos capazes de escutar o Espírito?* Juntas, procuramos manter atento o ouvido do coração, purificá-lo, sintonizar-nos com Ele, acolher o seu dom sempre novo, conscientes de que o primeiro ato capitular era justamente receber a hospitalidade Daquele que é o Hóspede principal.

Guiadas pela luz do Espírito, procuramos mudar o nosso olhar para perscrutar os sinais de sua ação em nós, nas comunidades, na Igreja e nos jovens, e com eles sonhar o futuro. Mesmo quando o caminho era difícil, o Espírito Santo nos sustentou na esperança e nos ajudou a não nos deter diante dos problemas, mas “abraçar os milagres” que o seu amor não cessa de realizar na nossa pobreza.

Hoje, no encerramento do Capítulo, reafirmamos juntas a confiança na ação maravilhosa do Espírito que age na Igreja, no Instituto, na humanidade e, principalmente, nos jovens. Continuemos a distinguir a sua voz entre as muitas vozes de cada dia, a descobrir seus apelos a “sair”, a libertar-nos de nossos esquemas e de nossos medos, para sermos verdadeiras colaboradoras do Espírito na evangelização, ajudando os jovens, principalmente os mais pobres, a encontrarem Jesus e a serem, na Igreja, evangelizadores de outros jovens.

Uma nova porta se abre hoje diante de nossos passos: são passos que nos levam em meio ao mundo para acender uma nova luz, para sermos presença educativa eficaz entre os jovens e dar a todos um testemunho profético. Jesus se aproxima de nós enquanto caminhamos. O nosso coração vai reconhecê-lo, mas devemos estar sempre alertas, como as sentinelas.

A alegria do encontro com Jesus

Neste tempo, experimentamos com eficácia o segredo da estabilidade da nossa *casa*. Ela é consistente se é construída sobre a sólida rocha da

Palavra de Deus e sobre a Eucaristia; se é animada pelo Espírito Santo que nos impele a sair para anunciar ao mundo o amor. Nele, a incerteza da busca se transforma em paz.

Nós nos deixamos acompanhar pelo Senhor Jesus. O gesto de entronizar o Livro da Palavra, a cada semana na sala capitular, tornou ainda mais evidente a certeza de que a sua luz nos guiava no discernimento e era fonte de comunhão.

Essa comunhão se fortalecia toda manhã ao redor do altar; e no partir o pão da Eucaristia nos sentimos mais irmãs, mais solidárias com as feridas da humanidade, mais abertas aos jovens, mais ricas de esperança. Jesus continue a fascinar o nosso coração e provoque a nossa vida, às vezes superficial e morna, para segui-lo na totalidade da entrega.

Em cada Eucaristia, nós afinamos as nossas harpas e as nossas cítaras na escuta do Senhor, para cantar ao longo do dia as maravilhas do seu amor. A nossa melodia de paz e de esperança deveria acordar o mundo, nossas comunidades e o coração dos jovens.

A primeira motivação para assumir o chamado a evangelizar – como nos recorda o Papa na *Evangelii Gaudium* – é o amor de Jesus, a experiência de ser salvos por Ele (cf. *EGn*. 264). O encontro com Jesus, que nos escolheu, chamando-nos ao seu seguimento, nos ajuda a testemunhar a força humanizante do Evangelho. Ela abre para a hospitalidade e a compaixão, faz-nos anunciá-lo com a palavra e com a vida, a sair para as periferias despertando a paixão do *da mihi animas cetera tolle*. Seremos verdadeiramente proféticas, se formos mais evangelizadas, mais salesianas, mais missionárias, mais felizes.

A beleza de construir juntas

Nós vivemos o Capítulo procurando construir juntas, dia por dia, a *casa que evangeliza*, em fidelidade a Dom Bosco e a Madre Mazzarello. Cada uma deu a sua contribuição irrepetível; juntas nos deixamos interpelar pelos novos apelos da história. O Senhor, presente no meio de

nós, permitiu-nos criar uma grande e bela comunidade, profecia da fraternidade e da universalidade da Igreja e do Instituto. Apesar de nossas fragilidades, gostaríamos de ser, em todas as latitudes, uma comunidade profética que testemunha, anuncia e convoca, conjugando esses verbos no cotidiano contato com o povo e, principalmente, com os jovens; comunidade audaz e corajosa que não deixa roubar-lhe a alegria e a esperança.

Como o Papa nos recordou na Audiência, “hoje se sofre por indignância, mas também por carência de amor e de relações”. Esse é um desafio presente em todas as nossas comunidades.

Os leigos, os jovens, as nossas Irmãs de todas as idades suspiram por essa qualidade de relações. Como os jovens nos propuseram, cremos que a *casa* deva ser construída sobre quatro pilares: a acolhida, a maternidade, o testemunho, a oração, que representam outros tantos apelos para nós. A verdadeira *casa*, de fato, é aquela onde se tecem relações simples e verdadeiras, onde se vive a corresponsabilidade na partilha da missão comum, onde se fazem gestos de maternidade e se reza *juntas*.

Com confiança queremos abrir nossas casas aos jovens, procurando torná-los protagonistas na evangelização de outros jovens, sobretudo dos mais pobres. Nós nos comprometemos a testemunhar – segundo o desejo expresso pelos próprios jovens – a beleza de sermos mulheres, cristãs, consagradas, educadoras com o coração de Jesus Bom Pastor, no estilo de Dom Bosco e de Madre Mazzarello.

Se a plenitude humana e espiritual da nossa pertença a Jesus, segundo a espiritualidade salesiana, transparecer em nós e em cada uma das nossas casas, as nossas comunidades se tornarão contagiantes e muitas jovens responderão ao chamado luminoso para seguir o Senhor. O futuro do carisma está em gestação no coração de cada FMA e em cada comunidade. Não nos cansemos de completar o esboço iniciado por Dom Bosco, porque cada uma de nós, onde vive, é responsável por esse futuro.

A audácia missionária

A paixão missionária é o *leit motiv* deste Capítulo que entende acolher o apelo da Igreja a anunciar Jesus, buscando novos caminhos para a comunicação da fé, a partir de uma verdadeira *conversão pastoral*.

“Coração da nossa ação evangelizadora – lemos nas nossas Constituições – é o anúncio de Cristo” (art. 70). Essa é a *boa notícia* que devemos proclamar com a vida, com a alegria que transparece no nosso rosto, com o espírito de família que se respira nas nossas casas, com a paciência de estar com os jovens e de acompanhar o crescimento deles. Na missão educativa salesiana não existe prioridade mais central do que esta. A hora eclesial que estamos vivendo, perpassada pelo vento ameno da nova evangelização, é a nossa hora! Somos filhas dessa Igreja e de Fundadores apaixonados pelo anúncio de Jesus aos pequenos, aos pobres, a quem não tem vez na sociedade.

O «*da mihi animas cetera tolle*» e a resposta atualizada ao «*A ti as confio*» constituem, penso eu, a tradução salesiana do que o Papa Francisco escreve na *Evangelii Gaudium*: «Quando vivemos a mística de nos aproximarmos dos outros com o desejo de procurar o bem deles, ampliamos a nossa interioridade para receber os mais lindos presentes do Senhor» (n. 272). Dentro da missão nos formamos missionárias e redescobrimos o chamado a uma contínua e mais qualificada formação em todos os níveis.

Queridas Irmãs, não podemos frustrar a profunda sede de Deus que habita o coração de tantos jovens. Não podemos ficar surdas ao clamor de salvação e de esperança que vem de muitas periferias, antigas e novas. Deixemos que o nosso coração seja evangelizado, recuperemos o frescor original do Evangelho e do carisma; só assim seremos audazes e criativas na busca de caminhos inovadores para dizer a todos quanto é grande o amor do Pai que nos vem através de Jesus, na força do Espírito Santo.

O tempo em que nos é dado viver nos encontra em profunda sintonia com o sonho do Papa Francisco: «Como gostaria de encontrar palavras para encorajar uma estação evangelizadora mais ardorosa, alegre, ge-

nerosa, ousada, cheia de amor até ao fim e feita de vida contagiante!» (EGn. 261).

Retomemos Maria em casa, com renovado afeto filial e deixemo-nos conduzir pela sua presença materna. Toda vez que olhamos para ela «voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto» (EGn. 288), aquela força que, desde as origens, está inscrita na nossa missão de *evangelizar educando*. Se afinarmos o ouvido, poderemos ouvir nos nossos ambientes o seu passo ligeiro, a sua voz que nos impele a sair, a anunciar com a vida que o Senhor ressuscitou, a fazer perceber o seu amor às nossas Irmãs, aos jovens, ao povo. Ela nos educa a ser aquele espaço vazio que Jesus enche de luz, de esperança, de caridade operosa e audaz. O que somos, a qualidade de nossas relações abre espaço no coração dos jovens, contagia-os e torna nossas casas lugares onde, juntos, se vive o evangelho da alegria.

Com renovada e profunda gratidão

Sinto necessidade de expressar um renovado agradecimento a cada uma de vocês. Nós compartilhamos alegrias e penas, escutando-nos reciprocamente, escutando juntas o Senhor e, com ele, o respiro do mundo, dos jovens, das comunidades educativas. O XXIII CG foi um grande laboratório de interculturalidade no espírito de família, em que a participação de cada uma enriqueceu a busca comum e continuará a dar apoio e conforto ao nosso caminhar. Obrigada pelo dom que vocês são para mim, para o Instituto e para seus Países.

Expresso novamente a minha profunda gratidão à caríssima Irmã Emilia Musatti, que foi vigária fiel, discreta, sábia, com a qual compartilhei as dificuldades e as esperanças do caminho nestes seis anos. Juntamente com ela, desejo agradecer com afeto as Irmãs do Conselho que terminaram seu serviço: Irmã Maria Américo Rolim, Irmã María Del Carmen Canales, Irmã Giuseppina Teruggi, Irmã Kathleen Taylor, Irmã Carla Castellino, Irmã Marie-Dominique Mwema. Senti sua presença fraterna, a dedicação incansável, a paixão carismática e o forte sentido de pertença ao Instituto como grande família guiada por Maria Auxiliado-

ra. Que ela cubra de bênçãos essas Irmãs na nova missão que lhes será confiada. Todo o Instituto continuará presente na vida e na oração delas.

Obrigada de coração a vocês, Irmãs do novo Conselho, que acolheram com disponibilidade o chamado de Jesus a *sair*, deixando sua Inspetoria para testemunhar e anunciar Jesus e a beleza do carisma salesiano em todo o mundo. Juntas, continuaremos a construir uma linda *casa*.

Um obrigada especial à Irmã Chiara Cazzuola, nova Vigária geral e Reguladora deste Capítulo geral. Com ela, agradeço à equipe das Moderadoras, das Secretárias e o grupo de Redação.

Agradeço às Presidentes das Comissões, às Secretárias que fizeram um trabalho intenso e muito precioso, e às tradutoras que foram fiéis e eficientes.

Desejo também agradecer pela animação da liturgia, realmente caprichada, por parte das Conferências interinspetoriais ou de alguma Inspetoria.

Exprimo também, em nome de todas, um sentido agradecimento pelas boas-noites que facilitaram o conhecimento de algumas realidades inspetoriais; pelos recreios que, com um sopro de leveza, nos ajudaram a permanecer alegres e serenas.

A nossa gratidão também às Irmãs da Casa geral que, com a sua acolhida, o precioso trabalho, a oração e a oferta, contribuíram para criar o clima de família que respiramos nesse tempo.

Um obrigada a todas as Irmãs do Instituto, às jovens e aos jovens, aos membros da Família salesiana que rezaram e ofereceram por nós, às Irmãs dos Mosteiros de clausura que nos prometeram sua cotidiana intercessão ao Senhor, e a tantas pessoas, cujo semblante jamais conheceremos, que nos ajudaram espiritualmente.

Desejo também expressar a minha gratidão ao Reitor-Mor Padre Ángel Fernández Artime que, durante todo o XXIII CG, nos fez sentir sua proximidade fraterna e encorajadora, juntamente com a dos Irmãos salesianos. Agradeço aos grupos da Família salesiana, de modo particular às ex-alunas, aos jovens e aos leigos com os quais vivemos dias capitulares inesquecíveis, às comunidades educativas do mundo,

de modo especial, às jovens e aos jovens e a todos os que rezaram e ofereceram por nós.

Conduzidas pelo Espírito Santo e Maria Auxiliadora continuemos com coragem a fortalecer a nossa fidelidade ao Senhor Jesus, o amor de predileção pelos jovens, a comunhão entre nós, de modo a tornar profética a nossa presença hoje, no mundo e na Igreja. Juntas, escreveremos uma página nova de santidade evangelizadora no Instituto e na Igreja de hoje.

Irmãs, transformadas pelo encontro com Jesus, vamos, junto com os jovens, pelas estradas do mundo, como missionárias de esperança e de alegria.

Discurso do Papa Francisco na Audiência concedida às participantes do XXIII CG

8 de novembro de 2014

Queridas Irmãs, Madre Yvonne agradeceu pela Audiência, mas esta não teria sido possível sem a sua insistência! Eu não sei se essa Superiora geral sabe governar, não sei, isso é com vocês; mas que sabe bater às portas, e com força, sim! Garanto a vocês!

Agradeço-lhe, Madre, pelo que disse. Eu também me permito ser insistente pensando na Patagônia... Não digo mais nada!

Nestes dias vocês focalizaram sua atenção sobre o tema “Ser hoje com os jovens casa que evangeliza”, que se encaixa bem no contexto social e eclesial de hoje, marcado por tantas formas de miséria espiritual e material. De fato, hoje se sofre por indigência, mas também por carência de amor e de relacionamento.

Nesse contexto, vocês podem perceber principalmente as fragilidades dos jovens aos quais se dedicam com empenho afetuoso e, segundo o estilo de Dom Bosco e nas pegadas de Madre Mazzarello. Vocês são chamadas a apresentar a todos a mensagem do Evangelho, que se resume no amor do Pai misericordioso a todas as pessoas.

Dos trabalhos de vocês estão emergindo orientações fundamentais para a vida de cada religiosa e de cada comunidade. Antes de tudo o empenho em se deixarem guiar pela perspectiva de “sair”, de se colocar em caminho rumo às muitas fronteiras geográficas e existenciais, com uma atenção preferencial aos pobres e às diversas formas de exclusão. E são tantas!

Depois, a consciência da necessidade de realizar significativos caminhos de mudança e de conversão pastoral, transformando assim as suas casas em ambientes de evangelização, onde principalmente os jovens

sejam envolvidos na mesma missão de vocês. Trata-se de instaurar um clima de corresponsabilidade que facilite o caminho de fé dos indivíduos e a adesão pessoal a Jesus, a fim de que ele continue a fascinar cada um. Desse modo se formam os jovens para se tornarem, eles próprios, agentes de evangelização para outros jovens.

Não posso senão encorajá-las a ir em frente com entusiasmo nessas linhas de ação que o Espírito Santo está sugerindo a vocês. Abram o coração para acolher as moções interiores da graça de Deus; alarguem o olhar, alarguem o olhar para reconhecer as necessidades mais autênticas e as urgências de uma sociedade e de uma geração que mudam.

Sejam, em toda parte, testemunho profético e presença educativa, mediante a acolhida incondicional aos jovens, enfrentando o desafio da interculturalidade e identificando caminhos para tornar eficazes suas intervenções apostólicas num contexto – o juvenil – permeado pelo mundo virtual e pelas novas tecnologias, especialmente as digitais.

Para fazer tudo isso é preciso colocar Cristo no centro da própria existência; é preciso deixar-se plasmar pela Palavra de Deus, que ilumina, orienta e sustenta; é preciso alimentar o espírito missionário com a oração perseverante, com a adoração, com aquele “perder tempo” diante do Tabernáculo.

Ao mesmo tempo, vocês são chamadas a testemunhar um ideal de comunhão fraterna entre si, com sentimentos de acolhida recíproca, aceitando os limites e valorizando as qualidades e os dons de cada uma, segundo o ensinamento de Jesus: «Disso conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros (Jo 13,35).

Quero repetir um Conselho que nesses dias eu dei a um outro grupo de religiosos: a unidade. Nunca, nunca haja no meio de vocês inveja, ciúmes, não permitam essas coisas! E em casa, unidade! O mais perigoso na vida religiosa é o terrorismo: entrou na vida religiosa o terrorismo das fofocas. Se você tem alguma coisa contra uma Irmã, vá dizê-lo diretamente a ela. Mas jamais esse terrorismo, porque uma fofoca é uma bomba que você atira sobre a comunidade e que a destrói. Unidade, sem o terrorismo das fofocas.

E essa unidade requer – vocês bem sabem – um sério caminho de formação, que inclui a atualização também naquelas ciências humanas que

podem ajudar na sua missão. De fato, a vocês pede-se que saibam escutar com disponibilidade e compreensão todos os que se aproximam para buscar apoio moral e humano, que saibam interpretar a realidade na qual trabalham, a fim de poder inculturar a mensagem evangélica. A propósito disso, a missão *ad gentes* oferece um campo vastíssimo para vocês se doarem com amor.

No decorrer dos trabalhos capitulares vocês refletiram sobre a sua cotidiana atividade apostólica, que as coloca em contato com as alegrias, as aspirações e os sofrimentos do povo. Estando no pátio com as crianças, nas salas de aula com os alunos, com os jovens nas cidades reais ou nos “bairros virtuais”, nos mercados com as jovens, vocês veem de perto realidades e problemas sempre novos que as interpelam. Sejam – para todos – missionárias de esperança e de alegria, testemunhando os valores próprios da sua identidade salesiana, especialmente a categoria do encontro, aspecto fundamental do carisma de vocês: ele é uma fonte sempre fresca e vital na qual podem experimentar aquele amor que revitaliza a paixão por Deus e pelos jovens.

As inevitáveis dificuldades que se encontram no caminho não diminuem o entusiasmo de sua ação apostólica. Antes, o exemplo de São João Bosco e de Santa Maria Domingas Mazzarello as faça contribuir com maior entusiasmo na nova evangelização, mediante as atividades no âmbito da educação e da escola, da catequese e da formação dos jovens para o apostolado.

Queridas Irmãs, vocês sabem muito bem o quanto a Igreja estima a vida consagrada. Ela se insere no próprio coração da Comunidade e constitui um elemento decisivo da sua missão, à qual oferece uma contribuição específica através do testemunho de uma vida totalmente doada a Deus e aos irmãos.

Seja este – com o materno auxílio de Maria Santíssima, que vocês veneram com o título de Auxiliadora – o compromisso de cada uma e de toda a Congregação!

Com estes votos, concedo-lhes de coração e a todas as suas Irmãs a Bênção Apostólica. Peço que rezem por mim, e não esqueçam a Patagônia! Obrigado!



Elenco das Participantes do XXIII Capítulo geral

Conselho geral

Madre Reungoat Yvonne
Superiora geral

Irmã Musatti Emilia
Vigária geral

Irmã Américo Rolim Maria
Conselheira para a Formação

Irmã Canales Calzadilla M. Del Carmen
Conselheira para a Pastoral juvenil

Irmã Miranda María Luisa
Conselheira para a Família salesiana

Irmã Deretti Alaíde
Conselheira para as Missões

Irmã Teruggi Giuseppina
Conselheira para a Com. social

Irmã Tallone Vilma
Conselheira para a Administração

Irmã Boullosa Silvia
Conselheira Visitadora

Irmã Castellino Carla
Conselheira Visitadora

Irmã Cazzuola Chiara
Conselheira Visitadora

Irmã Mwema Mukato Marie-Dominique
Conselheira Visitadora

Irmã Ozhukayil Lucy Rose
Conselheira Visitadora

Irmã Peče Marija
Conselheira Visitadora

Irmã Taylor Kathleen
Conselheira Visitadora

Irmã Cavaglià Piera
Secretária geral

ÁFRICA

INSPETORIA

Irmã Moscoso Luisa
Irmã Roca Botey Vera Cruz
África Equatorial *S. M. D. Mazzarello* AEC

Irmã Tomasi Roberta
Irmã Mora Ruth Del Pilar
África Etiópia-Sudão *M. Ausiliatrice* AES

Irmã Chongo Cola Bernadette
Irmã Bizige Nirere Charlotte
África Central *N. Signora d'Africa* AFC

Irmã Mukase Ruzagiriza Chantal
Irmã Reakes Geraldine
África Este *N. S. della Speranza* AFE

Irmã Munyemba Julianne
Irmã Aguirre María Consuelo
África Meridional *N. S. della Pace* AFM

Irmã Vizzi Maria Ausilia
Irmã Ulate Ana Victoria
África Oeste *Madre di Dio* AFO

Irmã Da Silva Juraci Maria
Irmã Bernardo Paulo Catarina
Angola *Regina della Pace* ANG

Irmã Hernández Ciriaca
Irmã Rasoamifara Valérine
Madagascar *Maria sorgente di vita* MDG

Irmã Langa Paula Cristina
Irmã Hermínio Carolina Ilda
Moçambique *S.Giovanni Bosco* MOZ

AMÉRICA

Irmã Figueroa Carmen María
Irmã Ramírez Basilia
Antilhas *S.Giuseppe* ANT

Irmã Komar María Ana
Irmã Fernández María Elena
Argentina *S.Francesco di Sales* ABA

Irmã Heit Silvia Beatriz
Irmã Mansilla Jovita
Argentina *S.Francesco Zaverio* ABB

Irmã Paz Angela Bernardita
Irmã Giana Sandra Noemí
Argentina *N. S.Del S. Rosario* ARO

Irmã Franco Ruíz Edith
Irmã Conde Nancy
Bolívia *N. S.della Pace* BOL

Irmã Moreira Maria Helena		
Irmã Silva (da) Jane Maria		
Brasil	<i>Madre Mazzarello</i>	BBH
Irmã Dorilêo Gonçalves Mariluce		
Irmã Souza (de) Alves Nelcina		
Brasil	<i>N. S.della Pace</i>	BCB
Irmã Barreto Maria Lúcia		
Irmã De Abreu Canavarro Dilma		
Brasil	<i>Immacolata Ausiliatrice</i>	BCG
Irmã Dias Pereira Francisca		
Irmã Furtado Ferreira Leoneia		
Brasil	<i>Laura Vicuña</i>	BMA
Irmã Scaramussa Madalena Luiza		
Irmã Santos (dos) Terezinha de Jesus		
Brasil	<i>S.Teresinha</i>	BMT
Irmã Floriani Maria		
Irmã Da Silva Silvia Aparecida		
Brasil	<i>N. S. Aparecida</i>	BPA
Irmã De Assis Castro Amélia		
Irmã Sampaio Lobato Neiva		
Brasil	<i>Maria Ausiliatrice</i>	BRE
Irmã Pinto Ana Teresa		
Irmã Agrizzi Carmelita Leonilda		
Brasil	<i>N. S.da Penha</i>	BRJ
Irmã Gesser Helena		
Irmã Rampi Dorcelina de Fátima		
Brasil	<i>S.Caterina da Siena</i>	BSP

Irmã Bolafios Ena Veralis Irmã Cifuentes Ana Leonor Centro América Norte	<i>SS. Salvatore</i>	CAM
Irmã Flores Elia María Irmã Durán Rita María Del Carmen Centro América Sul	<i>N. S. degli Angeli</i>	CAR
Irmã Rossi Aurelia Irmã Díaz Leonor Chile	<i>S. Gabriele Arcangelo</i>	CIL
Irmã Aldana Tonny Lucía Irmã Potes Luz Stella Colômbia	<i>N. S. di Chiquinquirá</i>	CBC
Irmã Díaz Ana Leonor Irmã Botello Lucila Colômbia	<i>N. S. della Neve</i>	CBN
Irmã González Nubia Rosa Irmã Uribe Carmen Lucrecia Colômbia	<i>Maria Ausiliatrice</i>	CMA
Irmã Rangel Ferreira Ana Dolores Irmã Vélez Ciro Olga Lucía Colômbia	<i>S. Maria Mazzarello</i>	CMM
Irmã Purcell Elizabeth Irmã Fontaine Françoise Canadá	<i>Notre Dame du Cap</i>	CND
Irmã Navarro Maria Beatriz Irmã Pifia Cruz María Equador	<i>Sacro Cuore</i>	ECU
Irmã Jean Marie Claire Irmã Nicolas Aline Haiti	<i>N. S. Del Perpetuo Soccorso</i>	HAI

Irmã Torres Montiel M. Guad.
Irmã Rodríguez Juana Patricia
México *N. S.di Guadalupe* MME

Irmã Rodríguez Myrna Elizabeth
Irmã Castafio Graciela
México *Mater Ecclesiae* MMO

Irmã Romero Leandra
Irmã Palacios Teresa de Jesús
Paraguai *S.Raffaele Arcangelo* PAR

Irmã Patino Gloria Luz
Irmã Núñez Elsy
Peru *S.Rosa da Lima* PER

Irmã Dunn Karen
Irmã De Rose Marisa Ann
Estados Unidos Leste *S.Filippo Apostolo* SUA

Irmã King Patricia
Irmã Ruiz Rosann
Estados Unidos Oeste *Maria Immacolata* SUO

Irmã Wynants María Inês
Irmã Guisado Laura
Uruguai *Immacolata Concezione* URU

Irmã Hernández Margarita
Irmã Rizzo Esther Maigualida
Venezuela *S.Giovanni Bosco* VEN

...

ÁSIA

Irmã Liu Man Wai Monica
Irmã Siu Sau Hung Helen
China *Maria Ausiliatrice* CIN

Irmã Lee Mei Yin Rosetta		
Irmã Om So Ok Teresa		
China	<i>Stella Maris</i>	CSM
Irmã García Teresita de Jesús		
Irmã Ditching Gertrudes		
Camb.-Mianmar	<i>M.nostro aiuto</i>	CMY
Irmã Garcia Sarah		
Irmã Dimayuga Florita		
Filipina	<i>S. Maria D. Mazzarello</i>	FIL
Irmã Inoue Sumiko M. Assunta		
Irmã Takeishi Satoko Monica		
Japão	<i>Alma Mater</i>	GIA
Irmã De Souza Wilma		
Irmã Joseph Theresa		
Índia	<i>S.Maria Mazzarello</i>	INB
Irmã Pettayil Mary		
Irmã Valliyil Elizabeth		
Índia	<i>Maria Ausiliatrice</i>	INC
Irmã George Elizabeth T.		
Irmã Komuhra Lydia		
Índia	<i>Mater Ecclesiae</i>	ING
Irmã D’Almeida Crescentia		
Irmã Kaidathara Marietta		
Índia	<i>Sacro Cuore</i>	INK
Irmã Soosai Magnificat		
Irmã Yetukuri Alphonsa Maria		
Irmã Kanickaraj Mary Tamizharasi		
Índia	<i>S.Tommaso Apostolo</i>	INM

Irmã Suja Isabella
Irmã Susngi Rosina
Índia

Cuore Imm. di Maria INS

Irmã Choi Joo Yong Silvia
Irmã Kim Eun Kyeong Cecilia
Coreia

Stella Matutina KOR

Irmã Abou Naoum Lina
Irmã Daniel Yusef Marie
Oriente Médio

Gesú Adolescente MOR

Irmã Tovichian Maria Anna
Irmã Kitsakul Thong-yoo Angela
Tailândia

S. Maria Mazzarello THA

Irmã Battagliola Paola
Irmã Gusmao Jacinta Maria
Timor-Indonésia

S. M. D. Mazzarello TIN

Irmã Uong thi Doan Trang Teresa
Irmã Vu thi Kim Lien Rosa
Vietnã

Maria Ausiliatrice VTN ...

EUROPA

Irmã Maul Maria
Irmã Breuer Rita
Áustria-Alemanha

S. M. D. Mazzarello AUG

Irmã Pitti Bénédicte
Irmã Ilunga Cécile
Bélgica Sul

SS. Sacramento BEB

Irmã Uyttersprot Hilda Irmã Huysentruyt Hilde Bélgica Norte	<i>Sacro Cuore</i>	BEG
Irmã Tkadlecová Marie Irmã Jagminaité Jurgita Rep. Tcheca-Lituânia	<i>M.Immacolata</i>	CEL
Irmã Pietruszczak Malgorzata Irmã Lisak Jolanta Europa Leste-Geórgia	<i>Madre di Dia</i>	EEG
Irmã Fert Chantal Irmã Orcel Anne França	<i>Notre-Dame de Lourdes</i>	FRC
Irmã Cameron Constance Irmã Devine Patricia Grã-Bretanha	<i>S. T. da Canterbury</i>	GBR
Irmã Doran Mary Irmã Downey Mary Irlanda	<i>N. S.Regina d'Irlanda</i>	IRL
Irmã Cocco Maria Teresa Irmã Merli Cristina Irmã Colombo Patrizia Lombardia	<i>Sacra Famiglia</i>	ILO
Irmã Corna Celestina Irmã De Fortunati Palmira Irmã Turrisi Silvia Emil.-Ligúria -Tosc.	<i>Madonna Del Cenacolo</i>	ILS
Irmã Scano Marinella Irmã Meschini Carla Irmã De Siena Maria Ausilia Meridional	<i>M. del B. Consiglio</i>	IMR

Irmã Degiovanni Elide		
Irmã Casalis Paola		
Irmã Stara Cristina		
Piemonte	<i>Maria Ausiliatrice</i>	IPI
Irmã Tagliaferri Maria Rosaria		
Irmã Smerilli Alessandra		
Irmã Maccioni Angela Maria		
Romana	<i>S. Giovanni Bosco</i>	IRO
Irmã Razionale Anna Giovina		
Irmã Pisciotta Maria Anna		
Irmã Anzaldi Maria		
Sicília	<i>M. Maddalena Morano</i>	ISI
Irmã Chinellato Marisa		
Irmã Peron Anna		
Irmã Costabile Carolina		
Triveneta	<i>S. Maria D. Marrarello</i>	ITV
Irmã Lewandowska Halina		
Irmã Swiateck Anna		
Polônia	<i>Maria Ausiliatrice</i>	PLA
Irmã Strzelczyk Lidia		
Irmã Szczesna Anna		
Polônia	<i>Madonna di Jasna Góra</i>	PLJ
Irmã Rodrigues Maria das Dores		
Irmã Santos Maria da Conceição		
Portugal	<i>N. S. di Fatima</i>	POR
Irmã Tramte Damjana		
Irmã Pangersié Majda		
Eslovênia-Croácia	<i>S. M. di Brezje</i>	SLC ...
Irmã Kurkinová Jana		
Irmã Skalová Monika		
Eslováquia	<i>S. Giovanni Bosco</i>	SLK

Irmã Pérez Sanz María Isabel
Irmã Mató María Asunción
Espanha *N. S.Del Pilar* SBA

Irmã Rubio Teresa de Jesús
Irmã Redondo María Paloma
Espanha *Vergine Del Cammino* SLE

Irmã Luján María
Irmã Díaz María de los Angeles
Espanha *S.Teresa* SMA

Irmã Reboso María Nieves
Irmã Ruíz Pérez María Dolores
Espanha *Maria Ausiliatrice* SSE

DELEGADAS DAS COMUNIDADES DEPENDENTES DA MADRE

Irmã Cristaino Anna Rita Casa geral RCG
Irmã Loparco Grazia Auxilium RMA

OCEANIA

Irmã MacDonald Edna Mary
Irmã McMahon Helen
Região Pacífico *M.Ausiliatrice ..*
SPR

CONSELHEIRA VISITADORA ELEITA NO DIA 29-10-2014

Irmã Neves Phyllis (SUA)

CONVIDADAS

Irmã Pitterová Michaela Casa geralRCG
Irmã Li Yanxia Xinqian Teresina China *Stella Maris ..CSM*
Irmã Nwe Ni Moe Veronica Camb.-Mianmar *M.nostro aiuto ..CMY*
Irmã Riccioli Marta Liliana Argentina *S.Francesco di Sales* ABA



A MADRE E AS CONSELHEIRAS GERAIS ELEITAS NO XXIII CG

Madre REUNGOAT Yvonne
Superiora geral

Irmã CAZZUOLA Chiara
Vigária geral

Irmã REBOSO María Nieves
Conselheira para a Formação

Irmã COCCO Maria Teresa
Conselheira para a Pastoral giov.

Irmã MIRANDA María Luisa
Conselheira para a Família Sales.

Irmã DERETTI Alaíde
Conselheira para as Missões

Irmã MOREIRA Maria Helena
Conselheira para a Com. Social

Irmã TALLONE Vilma
Conselheira para a Administração

Irmã BATTAGLIOLA Paola
Conselheira Visitadora

Irmã BOULLOSA Silvia
Conselheira Visitadora

Irmã INOUE Sumiko Maria Assunta
Conselheira Visitadora

Irmã MUKASE Ruzagiriza Chantal
Conselheira Visitadora

Irmã NEVES Phyllis
Conselheira Visitadora

Irmã OZHUKAYIL Lucy Rose
Conselheira Visitadora

Irmã PECE Marija
Conselheira Visitadora

Irmã CAVAGLIÀ Piera
Secretária geral

ÍNDICE

Apresentação	5
Tema do XXIII Capítulo Geral	9
Primeira parte: DOCUMENTO CAPITULAR	
ALARGAI O OLHAR	
<i>Com os jovens,</i> <i>missionárias de esperança e de alegria</i>	11
1. COMO DISCÍPULAS: A NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA ..	13
2. À ESCUTA DOS APELOS DE DEUS	20
<i>Juntos como comunidades educativas</i>	20
À escuta dos leigos	20
À escuta das jovens e dos jovens	24
<i>Olhar para o mundo com esperança</i>	27
Num tempo de grandes mudanças	27
Fome e sede de Deus e de espiritualidade	29
Comunidade educativa, lugar de encontro e de sinergias	30
Os jovens, nossa terra santa	31
Estilo de animação e governo	32
Novas exigências formativas	32
3. DISPOSTAS A MUDANÇAS DE MENTALIDADE	34
Diante das transformações	35
Redescobrir <i>insieme</i> uma Presença	36
Estar do lado dos jovens	37
Da ótica da periferia	37
Para recompreender a autoridade e a animação	38
Para uma renovada atenção à formação	39
A comunicação como oportunidade	41

4. TEMPO DE RETOMAR O CAMINHO	42
<i>No horizonte da conversão pastoral</i>	<i>42</i>
Em permanente estado de missão	42
Com o estilo de Maria	43
<i>Opções de conversão pastoral</i>	<i>45</i>
Transformadas pelo Encontro	45
Insieme, com os jovens	47
Missionárias de esperança e de alegria	51
 5. A CORAGEM DE OUSAR INSIEME GESTOS	
PROFÉTICOS	56
A ser implementado sob a coordenação da Madre e	
do Conselho geral	57
A ser implementado em nível inspetorial e/ou interinspetorial	58
 <i>Anexo: Uma interpretação artística do texto bíblico</i>	
<i>dos discípulos de Emaús</i>	<i>60</i>
 Segunda parte: DECISÕES E MODIFICAÇÕES DE ARTIGOS	
DAS CONSTITUIÇÕES E DOS REGULAMENTOS	63
 <i>Decisões Assumidas pelo XXIII Capítulo Geral</i>	<i>65</i>
1. Reflexões compartilhadas sobre as Propostas enviadas ao	
XXIII CG e Decisões	65
2. Tarefas confiadas ao Conselho geral	66
3. Revogação da decisão do XXII CG sobre “Permissão de	
ausência da casa religiosa para as Irmãs de votos temporâneos”	67
4. Interpretação prática do art. 105 das Constituições relativo à	
ausência da casa religiosa	67
 <i>Artigos das Constituições e dos Regulamentos modificados pelo</i>	
<i>XXIII Capítulo Geral</i>	<i>69</i>
Constituições	71
Regulamentos	87

Terceira parte: DISCURSOS E MENSAGENS109

Abertura do XXIII Capítulo Geral

(22 de setembro de 2014)	111
Homilia do Reitor-Mor Padre Ángel Fernández Artime	111
Discurso da Superiora geral Madre Yvonne Reungoat	114
Discurso do Cardeal João Braz de Aviz	122
Discurso do Reitor-Mor Padre Ángel Fernández Artime	149
Saudação da Presidente Confederal da Associação Ex-alunas/os das FMA	155
Saudação da Coordenadora mundial da Associação dos Salesianos Cooperadores/Cooperadoras	148
Saudação da Responsável Geral das Voluntárias de Dom Bosco	161
Saudação do Responsável mundial dos Voluntários com Dom Bosco	164
Saudação do Presidente do VIDES Internacional	166
Mensagem dos jovens	170

Encerramento do XXIII Capítulo Geral

(15 de novembro de 2014)	173
Homilia do Reitor-Mor Padre Ángel Fernández Artime	173
Palavras conclusivas da Superiora geral Madre Yvonne Reungoat ...	176

***Discurso do Papa Francisco na Audiência concedida às
participantes do XXIII CG (8 de novembro de 2014)***

Elenco das participantes no XXIII Capítulo Geral	189
--	-----

A Madre e as Conselheiras gerais eleitas no XXIII Capítulo Geral ...	201
--	-----

